



UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE

EDIMARA GRACIELE DE ANDRADE MELO

**RELIGIOSIDADE E ETNICIDADE NO LÉXICO DOS SAMBAS
INTERPRETADOS POR CLARA NUNES**

TRÊS CORAÇÕES

2018

EDIMARA GRACIELE DE ANDRADE MELO

**RELIGIOSIDADE E ETNICIDADE NO LÉXICO DOS SAMBAS
INTERPRETADOS POR CLARA NUNES**

Dissertação apresentada ao Programa do Curso de Mestrado em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso da Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR), como requisito parcial obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Letras

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Thayse Figueira Guimarães

TRÊS CORAÇÕES

2018

81'42

MEL Melo, Edimara Graciele de Andrade

Religiosidade e etnicidade no léxico dos sambas interpretados por Clara Nunes. / Edimara Graciele de Andrade Melo. – Três Corações: Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, 2018.

117 f.

Orientador: Prof^º. Dr^ª. Thayse Figueira Guimarães.

Dissertação (mestrado) - UNINCOR / Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações / Mestrado em Letras - Área de concentração - Letras, 2018.

1. Léxico. 2. Samba. 3. Religiosidade. 4. Etnicidade. I. Guimarães, Thayse Figueira, orient. II. Universidade Vale do Rio Verde. III. Título.

Catálogo na fonte

Bibliotecária responsável: Ângela Vilela Gouvêa CRB-6 / 2174

Claudete de Oliveira Luiz CRB-6 / 2176

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM LETRAS

Aos vinte e dois dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e dezoito, sob a presidência do Profa. Dra. Thayse Figueira Guimarães (UNINCOR), e com a participação dos membros Prof. Dr. Renan Belmonte Mazzola (UNINCOR) e Profa. Dra. Aline Maria Pacífico Manfrim (UNIFRAN), reuniu-se a banca de defesa de Dissertação de Edimara Graciele de Andrade Melo aluna do Programa de Mestrado em Letras. A banca deliberou que a dissertação intitulada: “RELIGIOSIDADE E ETNICIDADE NO LÉXICO DOS SAMBAS INTERPRETADOS POR CLARA NUNES”, foi

APROVADA.

APROVADA COM ALTERAÇÕES.

NÃO APROVADA.

Eu, secretária, lavro a presente ata que, depois de lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos demais membros da banca examinadora.

Observação:

1. No caso de “Aprovada com alterações”, as alterações sugeridas pela banca examinadora devem ser incorporadas ao texto definitivo da dissertação, ficando o(a) orientador(a) responsável pela verificação das alterações executadas pelo(a) aluno(a).

Três Corações, 22 de fevereiro de 2018.

Thayse Figueira Guimarães

Profa. Dra. Thayse Figueira Guimarães
Presidente

Aline Maria Pacífico Manfrim

Profa. Dra. Aline Maria Pacífico Manfrim
Membro da Banca

Renan Belmonte Mazzola

Prof. Dr. Renan Belmonte Mazzola
Membro da Banca

Gleicione Ap. Dias Bagne de Souza

Profa. Dra. Gleicione Ap. Dias Bagne de Souza
Pró-reitora de Pós-graduação

Profa. Dra. Gleicione Ap. D.B. Souza
Pró-Reitora de Pós Graduação,
Pesquisa e Extensão-PRPGPE
Univers. Vale do Rio Verde-UNINCOR

Francislaine Santos Silva do Rosário

Profa. Esp. Francislaine Santos Silva do Rosário

Francislaine S. Silva do Rosário
Secretaria Geral
Secretaria Acadêmica
FCTE/UNINCOR

Para as minhas filhas: Nathália e Thaís, pela
compreensão.

Ao meu esposo Ivomar, pelo incentivo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida.

Aos meus familiares, em especial, meu tio Antônio Marcos pelo apoio.

À Prof.^a Dr.^a Eliane Feitoza, pelo direcionamento no início da minha jornada.

Aos professores, pelo carinho e dedicação durante as aulas.

Aos meus colegas, pelas constantes trocas.

À Prof.^a Dr.^a Thayse Figueira Guimarães, pelo compromisso e sensibilidade durante as orientações.

Ao Prof. Dr. Renan Belmonte Mazzola, pelas fundamentais contribuições para o aprimoramento deste trabalho.

À Prof. Dra. Aline Maria Pacífico Manfrim, pelo convite aceito para compor esta banca.

Agradeço à Prefeitura Municipal de Três Corações e à Unincor, pelo auxílio que possibilitou finalizar o mestrado.

RESUMO

Esta dissertação, inserida na linha de pesquisa Discurso e Produção de Sentido do Programa de Mestrado em Letras da Unincor, tem por objetivo analisar o léxico das letras de alguns sambas interpretados por Clara Nunes, a partir de uma perspectiva: sócio-discursiva, a fim de depreender qual é o ponto de vista construído sobre as religiões de matriz africana e o negro nos referidos sambas. Tal *corpus* é constituído por dez canções que trazem em sua temática elementos que remetem à umbanda, ao candomblé, ao tráfico negreiro, ao período escravocrata e à resistência do negro em território brasileiro. A execução da pesquisa está embasada em princípios teóricos da Linguística Cognitiva, da Análise Crítica do Discurso de vertente sociocognitivista e nos Estudos Lexicais, principalmente, na Lexicologia – vertente de estudos que compreende o processo de escolhas lexicais como um processo também cognitivo. Assim, o trabalho tem o propósito de contribuir para investigações que tomam o léxico em letras de samba como objeto de análise, especialmente nas composições que tematizam grupos étnicos, sociais ou religiosos marginalizados. Esta pesquisa está inserida no campo teórico da Lexicologia (BIDERMAN, 2001a; 2001b; 2001c; GIL 2002; 2006; 2016; SANTOS, 2013, entre outros) e em diálogo com os estudos oriundos da Análise Crítica do Discurso de vertente sociocognitivista (VAN DIJK, 2004; 2012) apresenta uma possibilidade de interpretação de sambas, a partir da análise das escolhas lexicais e de sua alocação em campos léxico-semânticos, de modo a revelar como as religiões de matriz africana e o negro são representados. A análise indicia que o discurso presente nos sambas analisados corrobora para a valorização dessas religiões e, conseqüentemente para a exaltação do negro, a partir de sua história de resistência e luta. Desse modo, a análise das canções deu-se de forma sistemática, sendo utilizados procedimentos metodológicos da pesquisa qualitativa-interpretativista, visto que analisamos a frequência lexical de palavras que recobrem o campo religioso e étnico, para melhor compreender, através da organização dessas palavras em campos léxico-semânticos, como o ponto de vista sobre a religiosidade e a etnicidade é construído nos sambas. Acredita-se que esta dissertação apresenta grande relevância social e pedagógica, pois percebemos que as análises realizadas podem contribuir para a melhor inserção dos estudos sobre a História da Cultura Africana e Afro-brasileira no âmbito da sala de aula, buscando assim a valorização dessas culturas.

PALAVRAS-CHAVE: léxico, samba, religiosidade, etnicidade.

ABSTRACT

This dissertation, inserted in the line of research Discourse and Meaning Production of the Master Degree's Program in Letters of Unincor, aims to analyze the lexicon of the lyrics of some sambas interpreted by Clara Nunes, from a sócio- discursive perspective, in the order to understand the point of view built about the religions of african roots and black people in these sambas. This corpus is constituted by ten songs that bring in its thematic elements that refer umbanda, candomblé, the slave trade, the slave period and the resistance of the black people in Brazilian territory. The execution of the research is based on theoretical principles of Cognitive Linguistics, Critical Analysis of the Discourse of sociocognitivist slope and Lexical Studies, mainly in Lexicology – study strand that understands the process of lexical choices as a cognitive process. Thus, the work has the purpose of contributing to investigations that take the lexicon in samba lyrics as object of analysis, especially in the compositions that thematicalize marginalized ethnic, social or religious groups. This research is inserted in the theoretical field of Lexicology (BIDERMAN, 2001a; 2001b; 2001c; GIL, 2002; 2006; 2016; SANTOS, 2013 among others) and dialogue with the studies coming from the Critical Analysis of the Discourse of sócio- cognitivista slope (VAN DIJK, 2004; 2012) presents a possibility of interpreting sambas, from the analysis of lexical choices and their allocation in léxico-semantic fields, in the order to reveal how religions of african roots and black people are represented. The analysis indicates that the discourse present in the analyzed sambas corroborates for the valorization of these religions and, consequently, for the exaltation of the black people, from their history of resistance and struggle. Thus, the analysis of the songs was done in the systematic way, using methodological procedures of the qualitative- interpretative research, since we analyzed the lexical frequency of words that cover the religious and ethnic field, to better understand, through the organization of these words in the lexical-semantic fields, as the point of view on religiosity and ethnicity is built on the sambas. It is believed that this dissertation presents great social and pedagogical relevance, since we realize that the analyzes carried out can contribute to the better insertion of the studies on the History of African and Afro- Brazilian Culture within the classroom, thus seeking the appreciation of these cultures.

KEY WORDS: lexicon, samba, religiosity, ethnicity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 - A RELAÇÃO ENTRE COGNIÇÃO E DISCURSO	14
1.1 Considerações sobre cognição, cognição social e léxico	14
1.2 Concepções de linguagem e o surgimento da Linguística Cognitiva	16
1.2.1 Os fundamentos da Linguística Cognitiva	19
1.2.1.1 Os processos cognitivos que operam nas construções linguísticas	24
1.3 A Linguística do ponto de vista sociocognitivista.....	27
1.4 O Surgimento da Análise Crítica do Discurso de vertente sociocognitivista e seus principais pressupostos teóricos	33
CAPÍTULO 2 – O LÉXICO NAS PERSPECTIVAS COGNITIVA, SEMÂNTICA E DISCURSIVA	39
2.1 Conceituando o léxico	39
2.2 Estrutura e organização do léxico: lexemas e lexias	51
2.3 Relação Léxico e Semântica: campos léxico-semânticos	53
2.3.1 Semântica	54
2.3.2 Semântica e Lexicologia: definição de campos léxico-semânticos	57
CAPÍTULO 3 - CLARA NUNES NO UNIVERSO MUSICAL E RELIGIOSO ...	61
3.1 Origem da Canção	61
3.1.1 Origem do Samba e as Religiões de Matriz Africana	62
3.1.2 Algumas considerações sobre os Orixás	69
3.2 Clara Nunes	71
3.2.1 O contexto social e histórico das canções interpretadas por Clara Nunes	75
CAPÍTULO 4 - RELIGIÃO E ETNICIDADE NO LÉXICO DOS SAMBAS INTERPRETADOS POR CLARA NUNES	79
4.1 Considerações metodológicas acerca do estabelecimento do <i>corpus</i>	79
4.2 Análise da frequência lexical nos sambas interpretados por Clara Nunes	80
4.3 A Organização das unidades lexicais em campos léxico-semânticos	84
4.3.1 Macrocampo da religiosidade.....	84
4.3.2 Macrocampo da etnicidade	90

CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103
ANEXOS	107

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar os sambas interpretados por Clara Nunes, mais especificamente, os sambas cuja temática remete-se às religiões afro-brasileiras e, conseqüentemente, ao afrodescendente. O *corpus* analisado é composto pelas letras desses sambas, nas quais se realiza um levantamento da frequência lexical e, assim, o estabelecimento de campos léxico-semânticos em busca de compreender a visão de mundo e/ou pontos de vista da intérprete Clara Nunes sobre as religiões de matriz africana e sobre o afrodescendente.

Dada sua importância para a cultura brasileira, o samba tem, há muito tempo, se constituído como objeto de investigação para várias áreas do conhecimento, tais como: Música, Sociologia, Antropologia, Linguística, entre outras. No campo teórico da Linguística, observou-se, a partir de um levantamento bibliográfico sobre análise lexical empreendida em letras de samba e em outros estilos musicais (GIL, 2004; 2006; 2010; 2016; BAPTISTA, 2005; SANTOS, 2013; LAUTENSCHLAGER, 2015, entre outros), uma tendência em analisar a escolha lexical como estrutura discursiva capaz de revelar ideologias, crenças, visões de mundo e representações sobre variados temas.

Além disso, nesses trabalhos, o estudo do léxico em letras de samba é abordado junto com outras teorias linguísticas e do discurso, a fim de demonstrar que as escolhas lexicais em um texto ou conjunto de textos não são meras escolhas de palavras, mas são escolhas que, segundo Gil (2004, p. 203), “materializam representações que sintetizam a percepção de mundo de determinados grupos e o conhecimento coletivo sobre temas específicos” – de modo que é por isso que, na voz da autora, as palavras de determinado texto podem ser analisadas como categorias linguístico-discursivas. Neste trabalho, analisamos as escolhas lexicais presentes em nosso *corpus* de estudo com essa perspectiva, tendo em vista o nosso objetivo.

Assim, no processo de levantamento do estado da arte, pode-se observar que Gil é a teórica que mais tem se dedicado ao estudo do léxico em letras de músicas, dando especial atenção ao samba. Ao analisar os estudos realizados pela autora, verificamos que ela procura apresentar as relações entre léxico e ideologia, enfatizando que essa relação é mediada pela cognição e por aspectos sociais, históricos e culturais.

Para Gil (2010), o conjunto de unidades lexicais, ou lexemas, de uma língua revela a experiência humana acumulada e, essencialmente, revelam traços das práticas culturais e sociais dos grupos, de modo que esses itens lexicais são manifestados no uso

da língua, deixando evidenciar os movimentos das pessoas em seus hábitos sociais e culturais.

Em um levantamento bibliográfico mais aprofundado, observamos que os trabalhos acadêmicos que tomam o léxico em letras de samba como objeto de análise têm procurado promover um adensamento entre os estudos do léxico com outras teorias linguísticas e do discurso, dentre elas podemos citar: Semântica, Análise do Discurso, Estudos Culturais e Análise Crítica do Discurso.

Nos trabalhos de Gil (2004; 2006; 2016), por exemplo, a análise do léxico em sambas não é dissociada de uma análise semântica, pois, através do estabelecimento de campos semânticos específicos, a autora analisa como a escolha lexical constrói ou recobre determinados campos semânticos; ou, ainda, estabelece os campos semânticos através da análise da frequência lexical nas canções que compõem seu *corpus* de análise. Além disso, a autora correlaciona os estudos do léxico a alguns pressupostos da Análise Crítica do Discurso de orientação sociocognitivista, tomando como base os trabalhos de Van Dijk e princípios da Linguística Cognitiva (LC).

Para Gil (2016, p. 204) “é no discurso que se organizam as redes de significados lexicais e campos semânticos, ou seja, seções do vocabulário que reúnem determinadas experiências”. Para a autora, as redes de significados lexicais ou os campos semânticos são responsáveis por definir os temas do discurso. Portanto, nas palavras de Gil, é a partir do estabelecimento inicial do tema de um conjunto de textos a ser analisado que se começa a observar a ideia geral neles construída, bem como obter pistas sobre qual é o ponto de vista disseminado por um enunciador ou grupo de enunciadores. A estudiosa aponta que, submetidos a esse tema específico, estão os significados locais, que são resultados das escolhas do enunciador ou grupo de enunciadores, “e que constituem na informação mais diretamente relacionada aos modelos mentais¹ e conseqüentemente à opinião e atitude dos interlocutores” (GIL, 2016, p. 204).

Com base nos apontamento de Gil, acreditamos que esses significados, que estão submetidos a um tema específico, podem ser considerados estruturas discursivas importantes para analisar qual é o ponto de vista construído nos sambas interpretados por Clara Nunes, no que diz respeito à abordagem da temática religiosa de origem africana e o negro. Assim, analisamos esses dois temas interligados, tendo por base o léxico dessas canções, visto que aos temas estão subordinados a um léxico específico.

¹ Os modelos mentais estão definidos no capítulo um deste trabalho.

Essa análise, seguindo os trabalhos de Gil (2004, 2010; 2016), pode ser feita por meio da organização campos semânticos, visto que essa organização pode revelar uma visão mais ordenada das escolhas lexicais ancoradas aos temas da religiosidade e etnicidade. Para Gil, com o estabelecimento de campos semânticos, é possível verificar a inserção do vocabulário da língua em uma estrutura, o que faz com que os campos sejam fundamentais para um estudo sistemático do vocabulário, antes de se iniciar a análise contextualizada de um conjunto de textos.

Ainda na voz da autora, quando a análise léxico-semântica é feita por meio da determinação de campos semânticos, conseguimos deslocar-se do nível do sistema linguístico para o nível do discurso, nível no qual consideramos os aspectos contextuais, e, assim, é possível observar como o léxico organiza “uma face da experiência humana em uma determinada situação de enunciação, dando forma ao pensamento humano, à cultura, e à ideologia” (GIL, 2016, p. 205). Trazendo essa consideração para a nossa pesquisa, abordaremos a dimensão discursiva em um conjunto de canções interpretadas por Clara Nunes, entre os períodos de 1971 a 1982.

No estudo de Lautenschlater (2015), é possível observar uma abordagem do léxico semelhante à de Gil, visto que o léxico é abordado como categoria linguístico-discursiva. A autora, ao estudar como o epíteto de “Cidade Maravilhosa” é construído, em letras de samba, aponta que os sentidos das palavras são revelados quando estudados dentro de um determinado contexto histórico, político, social e geográfico. A pesquisadora, ao analisar o léxico, a partir da organização das unidades lexicais em campos semânticos, ainda aponta que os sujeitos, ao optarem por essa ou aquela palavra, dão indícios de suas crenças, seus valores e experiências acumuladas ao longo da vida. Por essa razão, o nosso estudo vai ao encontro do trabalho de pesquisa aqui referenciado, pois abordamos o estudo do léxico tendo em vista que as escolhas lexicais têm uma dimensão discursiva, ou seja, as palavras podem revelar visões de mundo dos enunciadores em um determinado contexto. No nosso caso, pode revelar a visão de mundo da intérprete Clara Nunes.

Outro trabalho que aborda o léxico a partir de uma perspectiva linguístico-discursiva é o de Santos (2013), pois o autor, ao analisar as representações da mulher nas canções de Rita Lee, aponta que a escolha lexical realizada apresenta-se como poderosa estratégia na ação discursiva, pois colabora para fixar uma posição ideológica na mente dos enunciatários. De acordo com Santos (2013, p.8), “o léxico tem uma relação estreita com os valores e as visões de mundo das comunidades de fala, porque é

composto e desenvolvido a partir da relação que os membros das comunidades estabelecem com o mundo natural”, o que nos permite entender que o léxico mostra a relação dos sujeitos com o mundo.

Ainda de acordo com Santos (2013), é pelo léxico que os sujeitos definem as emoções e sentimentos humanos que são compreendidos pelos falantes dentro das possibilidades oferecidas pelo léxico. Portanto, é através dessa categorização das palavras que se dá a comunicação entre falantes, que se tem a possibilidade de se referir aos elementos do universo cultural e natural, e de se construir algum juízo sobre eles.

Santos (2013, p.15) aborda a estruturação do léxico, diferenciando as palavras gramaticais das palavras lexicais. Conforme o pesquisador, o inventário das palavras de uma língua pode ser dividido nesses dois grupos amplos: o das palavras gramaticais, nas quais se enquadram unidades que têm a função estrutural no sistema linguístico, como os pronomes, artigos, preposições, conjunções; e o outro grupo é formado pelas palavras lexicais, no qual encontramos as palavras que designam objetos concretos, fenômenos da natureza e elementos abstratos. A cada uma das unidades lexicais do sistema linguístico denominamos de lexema².

Assim, nos apoiamos nas considerações de Santos (2013), pois acreditamos que o conjunto das palavras lexicais da língua, por fazer referência direta aos fatos culturais e sociais, e aos elementos físicos do mundo natural, sofre constantes transformações, acompanhando e adequando-se às mudanças sociais e históricas, possibilitando a expressão daquilo que é peculiar de um grupo social, de uma época, ou dos habitantes de um determinado território.

Entendemos, portanto, que é mais comum o enriquecimento do léxico a partir de um novo uso de uma forma lexical já existente, conferindo-lhe, por conseguinte, um novo sentido. É por essa capacidade que as palavras lexicais têm de acompanhar a dinâmica sociocultural e histórica, que buscamos, neste trabalho, tratá-las com maior atenção, pois, em nossa visão, possibilitam compreender, através de sua organização em campos léxico-semânticos³, como o universo das religiões de matriz africana e o negro são representados nas letras das canções interpretadas por Clara Nunes.

Desse modo, julgamos este trabalho relevante também do ponto de vista social, pois compartilhamos das considerações de Baptista (2005), no que se refere à possibilidade das pessoas entrarem em contato com valores de uma determinada religião

² Os conceitos de léxico, lexema e lexia encontram-se definidos no segundo capítulo desta dissertação.

³ No capítulo dois, há uma seção destinada à definição de campos léxico-semânticos.

sem que, necessariamente, sejam adeptas ou tenham vivido alguma experiência em um universo religioso específico, no sentido de valorizá-las como parte da cultura de um povo. Isso ocorre, na voz da autora, principalmente, quando símbolos, experiências, valores e elementos do ritual ultrapassam os locais de culto (terreiros, igrejas, templos, etc.) e aparecem como temas de reportagens de jornal ou revistas, em obras de arte, nas peças teatrais, livros ou músicas.

Baptista (2005) ainda afirma que a música popular brasileira é um importante veículo divulgador, que contribui para a formação de imaginários sobre as religiões afro-brasileiras. Ao analisar as canções interpretadas por Clara Nunes, a partir das considerações teóricas dos Estudos Culturais, a autora verificou que, mesmo em uma época de regime de Ditadura Militar, a intérprete conseguiu passar uma imagem positiva dessas religiões, em um período em que muitas canções não foram divulgadas por sofrerem censura. Nesse sentido, vemos as letras dos sambas interpretados por Clara Nunes como um meio das pessoas entrarem em contato com as religiões de matriz africana, no sentido de valorizá-las, principalmente, no contexto escolar – contexto no qual atuamos e que é caracterizado por congregar uma heterogeneidade de pessoas e, por conseguinte, de crenças, valores, ideologias e visões de mundo.

Com base na experiência desta pesquisadora como gestora e docente de uma escola da Rede Municipal da cidade de Três Corações, situada no Sul do Estado de Minas Gerais, percebeu-se que o samba não é um artefato cultural tomado como objeto de reflexão em sala de aula com a mesma frequência que outros artefatos e gêneros do discurso, muito embora seja um ritmo valorizado fora dos muros da escola. No que se refere às religiões de matriz africana, ainda observa-se certa resistência, por parte dos docentes, em discutir esse tema em sala de aula, embora haja a determinação do Ministério da Educação (MEC) que o estudo da História da Cultura Africana e Afro-brasileira façam parte do currículo escolar desde a educação infantil; a fim de que os laços existentes entre Brasil e África sejam reforçados (BRASIL, 2014). Nesse sentido, a relevância social deste trabalho está na vontade de que ele também possa contribuir com a melhor inserção dos estudos sobre a História da Cultura Africana e Afro-brasileira no âmbito da sala de aula.

A pretendida contribuição social desta pesquisa foi o que motivou a escolha de nosso objeto de pesquisa, visto que Clara Nunes, além de ter sido uma das intérpretes mais importantes do Brasil, revelou nos sambas que interpretou aspectos da religiosidade e da cultura afro-brasileira que podem também ser explicadas por meio de

uma análise léxico-semântica nas aulas de Língua Portuguesa. Assim, para atingir o objetivo geral deste projeto, analisamos as escolhas lexicais presentes nas canções interpretadas por Clara Nunes, a fim de verificar qual é o ponto de vista construído sobre a religiosidade afro-brasileira e, conseqüentemente, sobre o afrodescendente, colocamos os seguintes objetivos específicos:

- 1) Determinar: campos léxico - semânticos presentes nos sambas no que diz respeito à religiosidade e a etnicidade, a partir das escolhas lexicais;
- 2) Compreender: as formas de representação das religiões e o afrodescendente por meio dessas escolhas lexicais.

Tendo por base esses objetivos, pretendemos responder à seguinte pergunta de pesquisa: como as escolhas lexicais nos sambas interpretados por Clara Nunes contribuem para a construção do ponto de vista da intérprete sobre as religiões afro-brasileiras e sobre as questões étnicas?

Para respondermos a esta pergunta e atingir os objetivos propostos, organizamos esta pesquisa em quatro capítulos mais as considerações finais. No primeiro capítulo, abordamos alguns princípios da Linguística Cognitiva e da Análise Crítica do Discurso de vertente sociocognitivista, a fim de estabelecer as relações entre léxico, cognição e discurso. Já no segundo capítulo, apresentamos uma revisão teórica de estudos do léxico, para melhor definir esta categoria de análise e os campos léxico-semânticos. No terceiro capítulo, encontram-se breves considerações a respeito do samba e de sua relação com religiões de matriz africana, a saber: candomblé e umbanda. Ainda neste capítulo, tentamos melhor situar os sambas interpretados por Clara Nunes em um contexto social e histórico específicos, bem como apresentar uma breve biografia da autora e sua relação com o samba. No quarto capítulo, procedemos com a análise do *corpus*. Por fim, tecemos as considerações finais.

CAPÍTULO 1 - A RELAÇÃO ENTRE COGNIÇÃO E DISCURSO

Este capítulo objetiva discutir quais são os aspectos cognitivos envolvidos no processamento e na compreensão dos usos linguísticos que as pessoas fazem em situações comunicativas específicas, a fim de estabelecer as relações entre léxico, cognição e discurso. Para tal, recorreremos a algumas considerações teóricas advindas da Linguística Cognitiva e da Análise Crítica do Discurso de vertente sociocognitivista, focalizando os principais conceitos teóricos dessas duas áreas, que servem ao propósito de analisar os usos linguísticos que emergem das situações comunicativas.

1.1 Considerações sobre cognição, cognição social e léxico

A cognição é fonte de estudo de algumas áreas do conhecimento, tais como a Psicologia, a Neurociência e a Linguística. No caso, por exemplo, da Neurociência a cognição é estudada a partir dos aspectos envolvidos em processos mentais (sensações e percepções oriundas do ambiente externo e interno), como as informações são percebidas, processadas e decodificadas pelo Sistema Nervoso por meio de sinapses – entendidas como zonas ativas de contato entre uma terminação nervosa e outros neurônios. Além disso, essa área investiga, entre outras questões, os processos cognitivos complexos, as funções mentais superiores compreendidas no processo de aprendizagem e aquisição do conhecimento, a saber: atenção, memória, motivação, linguagem, percepção, emoção, funções executivas e as influências do mundo exterior mediadora do nosso desenvolvimento histórico e sociocultural⁴.

Considerando a última função, é possível dizer que a cognição não é apenas uma habilidade ou capacidade individual, mas é construída socioculturalmente, dado que permite, segundo Marcuschi (2002; 2005), Van Dijk (2004) e Koch (2005), falar em cognição social, pois nosso arcabouço de conhecimento, bem como as atividades cognitivas e cerebrais, só existe a partir das nossas experiências. As conexões e as redes neurais construídas são o efeito de nossas relações no mundo com a cultura, com a arte, com nossos pais, com outras pessoas etc. Desse modo, os estudos na área da linguagem, conforme aponta Marcuschi, caminham na direção de investigar

⁴ Estas informações estão presentes no projeto de doutorado de Daniel Aguiar Pereira, doutorando em Gerontologia pela Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, cujo foco de pesquisa é o letramento do idoso.

as atividades linguísticas situadas e não as estruturas da língua descarnadas de seus usuários. Esse é o caminho que vai do código para a cognição e, neste percurso, tudo indica que o conhecimento seja um produto das interações sociais e não de uma mente isolada e individual. A cognição passa a ser vista como uma construção social e não individual, de modo que para uma boa teoria da cognição precisamos, além de uma teoria linguística, também de uma teoria social. MARCUSCHI (2002, p.45).

A Linguística Cognitiva (LC) trata a linguagem como instrumento cognitivo, à semelhança da percepção visual e do raciocínio. Desta perspectiva, é possível dizer que as formas linguísticas acionam um conjunto de processos aparentemente simples, que operam sobre bases de conhecimentos que estão na memória ou presentes no contexto, na situação comunicativa, de modo que “a língua é então um instrumento que empregamos para expressar pensamentos e interagir em sociedade” (CHIAVEGATTO, 2009, p.81), e construir representações e conhecimentos sobre o mundo que nos circunda. Assim, para a Linguística Cognitiva, é importante saber quais são as relações estabelecidas entre pensamento-linguagem-interação-contexto, interesse que é possível de ser observado também na Análise Crítica do Discurso de vertente sociocognitivista, porém com um questionamento de acréscimo: como se dá o processamento do discurso.

É válido salientar que essas duas áreas compreendem a linguagem como interação, porém, diferentemente de outras correntes teóricas da linguística, focalizam o fato da linguagem ser uma forma de cognição que medeia a produção discursiva, ou seja, “a linguagem é uma forma de cognição social e histórica e de caráter eminentemente interativo”, como defende Marcuschi (2002, p.47) e como defendemos neste trabalho, pois também acreditamos que a linguagem caracteriza-se como uma forma de cognição. De acordo com alguns estudiosos do léxico, Biderman (2001), Basílio (2004) entre outros, as análises que incidem sobre as escolhas lexicais de um conjunto de textos devem considerar os aspectos cognitivos, discursivos, contextuais, sociais, culturais e semânticos que regem essas escolhas.

Neste sentido, entende-se que as escolhas lexicais são usos linguísticos que as pessoas fazem em situações comunicativas específicas e podem ser compreendidas do ponto de vista cognitivo e discursivo. Ou seja, as escolhas lexicais constituem-se como uma estratégia que pode levar à compreensão da visão de mundo de grupos específicos, pois, por meio da lexicalização, é possível o locutor ativar algumas representações, que se encontram na memória do interlocutor, a fim de construir um novo ponto de vista ou reforçar um ponto de vista já existente.

1.2 Concepções de linguagem e o surgimento da Linguística Cognitiva

As correntes da Linguística que antecederam o surgimento da Linguística Cognitiva, na década de 80, eram guiadas por diferentes concepções de linguagem, tais como as descritas e explicadas por Travaglia (2002, p.17), no livro: *Gramática e Interação*:

- **Linguagem como expressão do pensamento** – nessa concepção, a enunciação é um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelo contexto comunicativo, de modo que as leis da criação linguística são essencialmente as leis da psicologia individual, e da capacidade de o homem organizar, de maneira lógica, seu pensamento; essa capacidade depende da exteriorização desse pensamento por meio de uma linguagem articulada e organizada; ou seja, presume-se que há regras a serem seguidas para a organização lógica do pensamento e, conseqüentemente, da linguagem; são essas regras que se constituem nas normas gramaticais do falar e escrever “bem”. Em geral, surgem consubstanciadas, nos chamados estudos linguísticos tradicionais de gramática normativa e tradicional;

Linguagem como instrumento de comunicação, como meio objetivo para a comunicação – nessa concepção, a língua é vista como um código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor, sendo que esse código deve ser dominado pelos falantes para que a comunicação possa ser efetiva; tendo em vista que, o uso do código que é a língua é um ato social, envolvendo pelo menos duas pessoas, é necessário que o código seja utilizado de maneira semelhante, preestabelecida, convencionada para que a comunicação se efetive; desse modo, o sistema linguístico é percebido como um fato objetivo externo à consciência individual e independente desta; essa concepção levou ao estudo da língua enquanto código virtual, isolado de sua utilização e têm suas bases no estruturalismo, a partir de Saussure, e no transformacionalismo, a partir de Chomsky; isso fez com que a linguística afastasse o indivíduo falante do processo de produção, do que é social e histórico na língua, num movimento em que o ato comunicativo resume-se na premissa de que o falante tem em sua mente uma mensagem a transmitir a um ouvinte, para isso ele a coloca em um código (codificação) e a remete para o outro, através de um canal (ondas sonoras), de modo que o outro recebe os sinais codificados e os transforma de novo em mensagem (informações) – processo chamado de codificação, de acordo com os estudos realizados por Jakobson (1992).

- **Linguagem como forma ou processo de interação** – nessa perspectiva de linguagem, o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão somente traduzir ou exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor; a linguagem é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação em um contexto sócio- histórico e ideológico, de modo que os interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e “falam” e “ouvem” desses lugares de acordo com informações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais; para essa concepção, a verdadeira substância da linguagem não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, pela enunciação monológica isolada, mas pelo fenômeno social da interação verbal.

Essa última concepção rege as correntes de estudo da língua que podem ser reunidas sob o rótulo de Linguística da Enunciação, segundo Travaglia (2002). Aqui, estariam incluídas correntes e teorias tais como a Linguística Textual, Funcionalismo, Teoria do Discurso, Análise do Discurso, a Análise da Conversação, a Semântica Argumentativa, todos os estudos ligados à Pragmática, e, por que não, à Linguística Cognitiva e à Análise Crítica do Discurso de vertente sociocognitivista. Todos esses estudos, de alguma forma, enfatizam o estudo das línguas a partir da análise das formas no uso real, em que, segundo Chiavegatto (2009): (a) linguagem e conhecimento estão indissociavelmente unidos na codificação linguística e nos usos que as pessoas fazem dela nas interações comunicativas; (b) há uma relação também indissociável entre situações comunicativas e as construções linguísticas nelas empregadas.

Assim, ao ler o artigo *Introdução à Linguística Cognitiva*, de Valeria Coelho Chiavegatto (2009, p.80), nota-se que a Linguística Cognitiva surgiu, na década de 80, da junção de alguns dos pressupostos teóricos da Pragmática e do Funcionalismo, pois

estudos como os de Goffman (1967), Hymes (1974) e Gumperz (1982), entre outros, vão mostrando aspectos pragmáticos das relações entre línguas e culturas: Gumperz trata do papel do contexto pragmático; Hymes das relações entre línguas e culturas e Goffman propõe os *frames* de interação, só para citar alguns dos mais significativos aspectos socioculturais e conversacionais intervenientes na construção dos enunciados linguísticos; eles vão constituir fundamentação consistente para o surgimento da linguística cognitiva [...] Os anos 80 trouxeram, em diferentes versões e perspectivas, pesquisas focalizando o funcionamento das línguas naturais, em uso nas comunidades sociais e culturais. O funcionalismo surge

enfazando o estudo das línguas a partir da análise das formas no uso real, levando em conta as relações que estabelecem com o contexto comunicativo. [...] A ideia fundadora do funcionalismo é a de que há um relacionamento motivado entre forma linguística e função comunicativa, tratando a língua como uma estrutura maleável que se adapta, continuamente, às necessidades de expressão de pensamento e interação entre os homens. [...] Logo observaríamos que o funcionalismo teria duas grandes vertentes: uma externalista, analisando a relação forma e função nas motivações que atuavam na superfície discursiva, investigando a iconicidade, os princípios conversacionais, especialmente pautados pelos estudos de Talmy (1988) e Givón (1995); e outra, investigando as razões internas de a língua ser como é, ou seja, aspectos cognitivos que expressam as relações entre pensamento e linguagem, para os quais destacamos Lakoff e Johnson (1980), Lakoff (1987), Fauconnier (1994), Fauconnier e Sweetser (1996) e Langacker (1987/1991) (CHIAVEGATTO, 2009, p.80-81).

A esse respeito, Marcuschi (2002, p.45) aponta que o foco das investigações em cognição não está mais centrado em analisar os aspectos cognitivos que expressam a relação entre linguagem e pensamento ou em analisar as atividades de processamento, tal como foi feito nas décadas de 70 e 80 pela Psicologia Experimental, que considerava a cognição no nível do indivíduo, embora seja importante conhecer essas atividades.

Nas investigações em cognição o foco está, na voz do autor (2002, p. 45), mais nas atividades de construção do conhecimento, pois, ao analisar essas atividades, pode-se ter uma visão bastante clara "de como emergem nas práticas públicas as propriedades da cognição e assim captar o dinamismo dos processos que dão origem as estruturas conceituais tão complexas, como metáforas, metonímias" e, porque não, às escolhas lexicais.

Desse modo, Marcuschi (2002, p.48) mostra que o compromisso cognitivista, que surgiu na década de 80, é o de observar a língua em uso, ou seja, ligada à atividade humana e "comandada pela realidade sociocultural". Ao considerar os aspectos socioculturais como ligados à cognição, o autor, afirma que não há nenhuma habilidade puramente linguística, pois

a assertiva básica de uma linguística experiencial seria esta: uma ampla variedade de fatores experienciais – percepção, raciocínio, natureza do corpo humano, emoções, memória, estrutura social, desenvolvimento sensorio-motor e cognitivo etc. – determinam em larga medida, se não totalmente, as características estruturais universais da linguagem (MARCUSCHI, 2002, p. 48)

Entende-se, a partir das considerações de Marcuschi (2002), que as habilidades de comunicação aliadas com outras, indicia que a linguagem é dependente das seguintes habilidades humanas: afeto, imaginação, memória, atenção, capacidades motoras e sensações, sendo que “a maior parte de nosso conhecimento é construída com a linguagem, levando-se em conta para isso, os sons, as formas e os itens lexicais na comunicação social situada”. (MARCUSCHI 2002, p.49).

Posto isto, consideramos válido fazer alguns apontamentos sobre os fundamentos da LC, a fim de verificar quais são as atividades de processamento.

1.2.1 Os fundamentos da Linguística Cognitiva

Conforme apontado na seção anterior, a Linguística Cognitiva surgiu da junção dos estudos da Pragmática com os estudos Funcionalistas, que consideravam, segundo Chiavegatto (2009, p.81), que as estruturas linguísticas são maleáveis. A partir dessa constatação, a autora aponta que, no âmbito da LC, o significado dos enunciados é: (a) guiado pelas formas linguísticas; (b) uma construção mental que expressa a interligação entre conhecimento e linguagem; (c) validado no contexto comunicativo. Essas três premissas estabelecem, para a área, que a gramática não pode ser mais vista como um conjunto de regras que opera sobre as palavras ou as sentenças, mas como “um conjunto de princípios gerais e processuais, que opera sobre bases de conhecimentos” (CHIAVEGATTO, 2009, p.81).

Um desses princípios gerais que operam sobre as bases de conhecimentos é a forma com a qual construímos as categorizações. Rosch (1975 citada por Chiavegatto, 2009) foi a pioneira a tratar dessa questão no âmbito da área da Psicologia, de modo que seus estudos abriram a possibilidade para entender que as línguas são formadas por categorias prototípicas, e não por categorias tradicionais. Nas categorias tradicionais, os membros apresentam todos os traços que os enquadram na categoria; já nas categorias prototípicas

há um membro básico ou central, que comporta todas as características da categoria, e membros mais periféricos, que perdem alguns traços da categoria, afastando-se em maior ou menor escala do membro central ou prototípico. Assim, à categoria aves, integram-se pardais, galinhas e papagaios. O membro prototípico seria o pardal, pois, tem pena, voa e pia – características básicas da categoria. Contudo, a galinha anda e não voa; o papagaio fala, mas não pia. Mas, como têm penas e constituição de aves, ambos são tão aves quanto os pardais (CHIAVEGATTO, 2009, p.82).

Na visão de Chiavegatto, o conceito de categorias prototípicas é muito produtivo para que seja tratada uma série de operações e eventos como partes de outros e, assim, explicar como relacionamos diversas semioses na constituição da linguagem, pois, segundo a autora, essa noção pode explicar, por exemplo, a polissemia, as metáforas e as diferentes naturezas de introdutores de espaços mentais, ou seja, os processos que interligam cognição e linguagem, de modo que esses processos se materializam nos princípios que balizam as análises cognitivas, se considerarmos que a função da linguagem é a categorização e que essa função impõe estruturas e formas ao conhecimento.

Os princípios que regem as análises cognitivas são: (a) a significação é o fenômeno linguístico primário; (b) o significado linguístico não pode ser dissociado do conhecimento de mundo; (c) o conhecimento não está objetivamente refletido na linguagem, pois a linguagem é um meio de interpretá-lo, construí-lo e organizá-lo “refletindo as necessidades, os interesses e as experiências dos indivíduos e de suas culturas” (CHIAVEGATTO, 2009, p.83).

Relacionando essas considerações com esta pesquisa, é possível dizer que o significado de um item lexical só pode ser determinado em sua relação com os demais itens de um conjunto ou excertos de textos. Além disso, acredita-se que a análise dos itens lexicais pode fornecer pistas sobre como as pessoas, enquanto membros de uma determinada cultura, representam, organizam, constroem suas experiências no mundo.

Ao tratar do conceito de categorização e representação, Marcuschi (2002; 2005) propõe uma reinterpretação do conceito definido por Rosch, pois, na visão do autor, não temos protótipos, categorias rígidas, visto que as categorias são culturalmente sensíveis. Desse modo, o autor aponta para a necessidade de se “produzir uma adequada teoria das categorias do pensamento para comunicar intersubjetivamente o mundo” (MARCUSCHI, 2005, p.64), pois as categorias não são formas de representação mentais fixas do mundo. Na visão do teórico, a noção de representação não tem muita serventia para caracterizar as categorias, pois isso se assemelha a algo “fixo e estável com características de independência [...]. Além disso, as categorias estão ligadas à cultura que são por sua vez sistemas de cognição e não contextos de inserção inertes” (MARCUSCHI, 2005, p.65). Entendemos, pois que as estruturas lexicais (categorias) não são formas fixas e estáveis e estão ligadas culturalmente, sendo necessário o indivíduo fazer uso do processo de cognição.

Para o autor, a noção de representação conceitual ou representação linguística não pode ser tomada como se fosse apenas uma fotografia mental da referência ou, ainda, algo estático, fixo e ligado a um conjunto de ações de base neural, pois as estruturas conceituais, na voz do teórico, residem no processamento cognitivo, processo este que envolve tempo, e emergem na interação, são negociadas e móveis. Para fundamentar essa afirmação, Marcuschi (2005, p.64) toma como exemplo o léxico, apontando que

é equivocado imaginar que uma entidade lexical seja um tipo de representação mental fixo, pois um item lexical pode dar origem a uma série de associações e ser a entrada para a ativação de um amplo domínio cognitivo. Além do mais, um item lexical tem, a cada vez que ocorre, uma série de relações associativas a depender dos outros itens com que co-ocorrem. O léxico é um sistema de enquadres e não uma lista de itens referidores funcionais. As línguas não são códigos com elementos bem definidos e valores pré-estabelecidos. Pode ocorrer de um item ser mais usado, adquirir novos contornos e receber uma carga específica num contexto em que foi negociado e seu uso (MARCUSCHI, 2005, p.64).

Relacionado essas considerações com esta pesquisa, acredita-se que a análise das escolhas lexicais presentes em um conjunto de textos permite inferir qual é a visão de mundo, ou melhor, o modo como os indivíduos constroem, representam, compreendem e dão significados para suas experiências socioculturais. Desse modo, entendemos que a análise de escolhas ou de itens lexicais deve partir de situações concretas ou de enunciados concretos, no caso desta pesquisa, os enunciados são as letras dos sambas interpretados por Clara Nunes, pois, para categorizar esses itens em campos semânticos, o que conta é a perspectiva do sujeito inserido em contexto sociocultural específico.

Ou seja, a maneira como empregamos itens lexicais para falar para os outros sobre nossas experiências é muito mais uma decorrência de nossa atuação sobre o mundo e “de nossa inserção sociocognitiva no mundo pelo uso de nossa imaginação em atividades de integração conceitual, do que simples fruto de procedimentos formais de categorização linguística” (MARCUSCHI, 2002, p.56).

Assim, Marcuschi critica o fato de Rosch, em seus estudos, entender, inicialmente, as categorias como um sistema cognitivo-representacional independentes do contexto e da cultura, servindo apenas para operar cognitivamente com objetos na qualidade de protótipos. Para romper com essa visão tradicional de categoria, o autor sugere uma mudança de rumo, no sentido de pensar que

as categorias constituem-se no processo intersubjetivo de pelo menos duas mentes convergindo sobre a melhor forma de construir uma dada proposição diante do mundo. E nisto surge uma relação de coerência de duas posições sobre um dado fenômeno. Em outros termos, a produção de categorias seria uma atividade sócio-cognitiva situada em contextos culturais específicos na tentativa de construir o conhecimento (MARCUSCHI, 2005, p.65).

Considerando as palavras de Marcuschi, é possível dizer que as categorias não condizem com a realidade, ou seja, as categorias não são reflexos da realidade. Baseando-se na teoria da coerência de Davidson, o autor aponta que a interpretação das palavras e dos enunciados dá-se na interação entre interlocutores que partilham crenças comuns, dado que permite dizer que a categorização também tem esse aspecto social, pois “os sentidos são produzidos no momento de interação, de modo que organizamos e representamos mentalmente o mundo a partir de nossas interações”, cabendo, então, aos interlocutores serem os agentes responsáveis no processo de cognição. (MARCUSCHI, 2002, p.47), dado que permite falar em cognição social.

Desse modo, os aspectos a serem considerados no trato da linguagem, segundo Chiavegatto (2009, p.83 citando Silva, 2004) são os seguintes:

- o significado das formas linguísticas é enciclopédico e perspectivizado, pois organiza o conhecimento de mundo na perspectiva da sociedade e da cultura nas quais os sujeitos estão inseridos, dado que permite dizer que linguagem é conhecimento;

- a LC é experiencialista, pois as pesquisas são desenvolvidas em contextos⁵ reais, nos quais é possível analisar a língua corporificada e encarnada no sujeito que dela faz uso;

- a categorização do conhecimento, efetuada pela linguagem e construída nas interações, refletem as experiências compartilhadas pelos indivíduos, permitindo que as construções linguísticas sejam interpretáveis e a comunicação funcione.

No Brasil foram estabelecidas algumas premissas básicas para as investigações cognitivistas. Dentre essas premissas está a de que o sentido, o significado de um enunciado, é dado não apenas pelos elementos linguísticos, pois a informação extralinguística, antes tomada como periférica, passa a ser importante para a interpretação da linguagem. Desse modo, Chiavegatto (2009, p. 84), aponta que o significado não está “depositado em um armazém de conceitos; ao contrário, ele é vivo, ativo e dinâmico”, podendo, assim, ser construído e desconstruído para os propósitos

⁵ totalidade das circunstâncias exteriores à língua (ambiente físico da enunciação, fatores históricos, sociais, culturais) que possibilitam, condicionam ou determinam um ato de enunciação e de interpretação.

comunicativos situados. Nesse processo de construção e desconstrução do significado em situações comunicativas situadas, outras semioses são convocadas, tais como os contornos entonacionais, gestos e “outras condições externas ao código linguístico em si” (CHIAVEGATTO, 2009, p.84).

A segunda premissa que rege as investigações cognitivas no Brasil diz respeito à semiologização do contexto, que tem a ver com a ideia de que o contexto não é uma variável estática, mas dinâmica, pois a percepção que temos do mundo é agregada à interpretação das formas linguísticas, o que permite dizer que é o contexto que valida o significado das construções linguísticas.

Já a terceira premissa, diz respeito ao fato de que toda representação é um drama, pois a linguagem, do ponto de vista cognitivista, é considerada como uma forma de representação do mundo. Por isso, são os contextos que, de algum modo, determinam quais são os papéis a serem representados (CHIAVEGATTO, 2009, p.84).

Essas premissas que regem as pesquisas de ordem cognitiva no Brasil permitem o entendimento de que a interpretação das construções linguísticas está ligada à interação social, de modo que o sentido não é construído em si mesmo, mas sempre para alguém, conforme ressalta Chiavegatto (2009, p.84-85) apoiada nos estudos de Goffman (1974), pontuando que fazer sentido “envolve assumir um papel e uma perspectiva sobre uma cena, com todos os ingredientes que um ato dramático requer. Há cenários, sonoplastia, personagens, enfim, papéis sociais a representar” em situações, ou melhor, contextos específicos, sendo que “representar é interpretar relações no mundo, produzindo conhecimento social”.

Desse modo, é possível dizer que, os processos de construções dos significados, nas interações linguísticas situadas, são o foco das pesquisas cognitivistas, de modo que, nessa área de investigação, há o reconhecimento de que os significados não são propriedades das formas linguísticas, mas são contextualmente construídos. Nesse processo de construção,

as formas da língua ativam processos mentais que não são exclusivos da linguagem, mas a elas servem tanto quanto a outras habilidades cognitivas. Compartilhamos, portanto, percepções de conjunto, distinguimos figura-fundo, ativamos domínios de conhecimentos, realizamos projeções entre domínios, efetuamos mesclagens cognitivas, todas as operações compartilhadas por outras habilidades cognitivas (CHIAVEGATTO, 2009, p.85).

Com base nas palavras de Chiavegatto, percebe-se que, nas situações comunicativas, o indivíduo utiliza-se de processos mentais que ficam armazenados na memória para serem utilizados de acordo com a necessidade do ato de comunicação. Os processos mentais que operam nas construções linguísticas serão melhores definidos na seção a seguir.

1.2.1.1 Os processos cognitivos que operam nas construções linguísticas

Nas análises cognitivas que abordam a linguagem como parte da cognição, alguns conceitos são basilares, pois permitem, em alguma medida, descrever e entender os processos que inter cruzam cognição e linguagem. Segundo Chiavegatto (2009, p.86), conhecer quais são esses processos podem nos auxiliar a compreender como eles têm aplicações gerais, empregando aspectos das experiências compartilhadas para compor os significados das formas linguísticas, de modo a ativar operações que interligam cognição à codificação linguística que a expressa. Dentre os conceitos que formam a base teórica para tratar a linguagem como instrumento cognitivo, está o de que há conjuntos de conhecimentos sobre os quais a linguagem opera. Esses conjuntos “são estruturas mentais parcialmente estruturadas, estáveis ou transitórias” (CHIAVEGATTO, 2009, p.86).

A partir das experiências vivenciadas desde os primeiros anos de vida, em comunidades de fala, as pessoas internalizam o conhecimento sobre as construções linguísticas. Esses conhecimentos adquiridos ficam armazenados na memória e são denominados domínios cognitivos. À medida que as pessoas vão vivenciando novas experiências, essas estruturas vão se modificando, de modo que são essas estruturas de arquivamento da experiência que são acionadas para compor os significados das construções linguísticas (CHIAVEGATTO, 2009, p.87). As estruturas arquivadas da experiência humana são representadas através de imagens, assim sendo chamadas de modelos cognitivos idealizados ou modelos culturais.

Segundo Chiavegatto (2009, p.87), os esquemas em imagens podem ser entendidos como conhecimento mais básico de nossa experiência, ou seja, são organizados em imagens esquematizadas sobre vivências compartilhadas, por isso, são estruturas compreendidas por quase todos. Trazendo esse conceito para a nossa pesquisa de mestrado, podemos perceber que os itens lexicais apresentados em alguns trechos dos sambas interpretados por Clara Nunes podem nos dar pistas acerca das experiências

compartilhadas por um grupo específico, no caso, os adeptos das religiões de matriz africana.

Referindo-se à forma com a qual armazenamos os conhecimentos, as teorias cognitivas apontam que eles são armazenados em estruturas mentais, mais ou menos estáveis, ou seja, em Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs). Na voz de Chiavegatto (2009, p. 87), os MCIs são estruturas mentais armazenadas em nossa memória, ficando disponíveis para utilização em situações diferenciadas que vivenciamos ao longo de nossa vida. Por isso mesmo, podemos entender que essas estruturas são estáveis, porém, não são estruturas rígidas, sendo possível, modificá-las, adicionando ou retirando informações para atualização do nosso saber.

Para construir novos significados ou expandir a significação das construções linguísticas, realizamos projeções entre domínio. Segundo Chiavegatto (2009, p.89), o termo projeção significa, “em latim tardio, *pro-jectare*, ato ou efeito de lançar”, transferindo algo para outro lugar. De acordo com a autora, são nas projeções entre domínios que transferimos informações entre entidades do mesmo ou de outro domínio, ampliando a significação básica de uma palavra para outra, assumindo novas redes de significação.

Com o estudo das projeções podemos, por exemplo, explicar os processos figurativos como as metáforas e suas extensões em figuras como as analogias, comparações, personificações, hipérboles, polissemia, eufemismos, entre outros; daí sua importância para a construção e expansão dos significados. Se tomarmos como exemplo a palavra “linha”, dependendo do contexto, essa unidade lexical pode ter vários significados, como linha (trem), linha (carretel), o que permite dizer que ela é polissêmica. Trazendo o estudo de projeções para esta pesquisa, podemos entender como se dá a gama de significações que emergem sobre a mulher nas letras dos sambas interpretados por Clara Nunes, como por exemplo: “Morena de Angola que traz o chocalho amarrado na canela”.

De acordo com Chiavegatto (2009, citando Fauconnier e Sweetser 1996, p.149) “uma mesclagem (*blending*) é um processo cognitivo que opera sobre dois espaços mentais para projetar sentidos em um terceiro espaço, o espaço *mescla*”. Sendo assim, os significados que são projetados na *mescla* são relacionados no novo contexto, herdando aspectos dos significados de origem, mas incorporando novas significações. De acordo com a autora, “a mesclagem é decorrente do re-arranjo das projeções efetuadas com a situação comunicativa em que ocorrem”. Sendo assim, podemos

observar que as mesclagens acontecem no léxico, na sintaxe, no discurso, na situação comunicativa e em todo o processo de aprendizagem ou de atualização de saberes na vida social. Uma criança, por exemplo, quando está no processo de alfabetização, lança mão de estratégias armazenadas na memória para tentar buscar pistas ou fazer mesclas de palavras já conhecidas, a fim de elaborar e/ou reconhecer novas palavras. Ao analisar as letras dos sambas interpretados por Clara Nunes recorreremos ao processo cognitivo para entender o significado de determinado item lexical.

Outras estruturas importantes com as quais os conhecimentos se organizam na linguagem são os espaços mentais. Assim, enquanto os MCIs são considerados como estruturas mais estáveis de estruturação da experiência, os espaços mentais são transitórios, pois são considerados como uma “espécie de arquivos de trabalho nos quais organizamos pensamentos em linguagem [...] e são instaurados na pré-organização dos enunciados” (CHIAVEGATTO, 2009, p. 90). Sendo assim, podemos conceber que os espaços mentais são espécie de arquivos de trabalho, nos quais organizamos pensamentos em linguagem, de modo que são expandidos à medida que o discurso progride.

Tendo em vista que as análises de ordem cognitiva baseiam as investigações na língua em uso, ou seja, no discurso, em contextos reais de comunicação, os processos denominados de enquadre, foco e perspectiva também são importantes para esse tipo de análise.

Conforme Chiavegatto (2009, p.93, citando Goffman, 1974), as situações comunicativas são experiências sociais, que os falantes vão adquirindo ao longo da vida, e que vão sendo armazenadas na memória. Sendo assim, as situações nos permitem “fazer recortes”, os quais são chamados de “*frames* de interação” e colocá-los como num quadro. Esses *frames* de interação incluem nosso conhecimento do evento, de identidades, de papéis sociais, do alinhamento ou andamento do que está em movimento na interação. Já o recorte que fazemos da cena, é chamado de enquadre. O foco é o aspecto da cena no qual colocamos nossa atenção e o lugar do qual olhamos a cena, ou seja, de que perspectiva o falante fala na cena ou sobre a cena a que se faz referência.

Considerando as discussões feitas até aqui, é possível dizer que as análises de ordem cognitiva estão fundamentadas em bases empíricas, visto que partem das experiências dos usuários da língua, quando são convocados a agir e interagir lançando mão da linguagem em situações comunicativas significativas, para interpretar as

construções linguísticas. A interpretação dessas construções está fundamentada no aparato conceitual que armazena os conhecimentos das experiências “físicas, sociais, psicológicas, históricas e culturais, coletivas ou individuais, nelas fixadas, embutidas por meio de diferentes processos nas construções linguísticas” (CHIAVEGATTO, 2009, p.85).

A autora aponta que a Linguística Cognitiva é uma Linguística sociocognitiva, herdeira do funcionalismo internalista, que via nos processos cognitivos internos e externos (no caso, as interações socioculturais) as razões para as construções linguísticas (gramaticais, lexicais e discursivas) se apresentarem da forma com a qual se apresentam. Sendo assim, consideramos válido tecer algumas considerações, na próxima seção, sobre essa passagem da linguística cognitivista para a linguística sociocognitivista.

1.3 A Linguística do ponto de vista sociocognitivista

Para entendermos a linguística do ponto de vista sociocognitivista, faz-se necessário, primeiramente, retomar alguns princípios do cognitivismo. Para tal, recorreremos aos artigos: “Do Cognitivismo ao Sociocognitivismo” (KOCH; CUNHA-LIMA, 2011) e “A Construção Sociocognitiva da Referência” (KOCH, 2005).

De acordo com Koch e Cunha-Lima (2011, p.252), a abordagem das ciências cognitivas surgiu a partir da década de 1950, como uma forma de reação ao behaviorismo, que se propunha a estudar o ser humano exclusivamente partindo de suas reações a determinados estímulos, ou seja, partindo do comportamento externamente observável, sendo assim, a mente e seus estados eram vistos como uma “caixa- preta”, ficando dessa forma, inacessível para o método científico.

Para as autoras, “outra novidade das ciências cognitivas é que o termo cognição vai recobrir um campo de investigação mais amplo do que aquele preferencialmente focado pelos estudos tradicionais sobre o conhecimento” (KOCH; CUNHA-LIMA, 2011, p. 252). Ou seja, a partir do surgimento das ciências, constatamos muitas consequências, dentre elas, o estabelecimento de um quadro de pesquisa que influenciou as ciências humanas em várias áreas e de diversas formas, pois fornece modelos cognitivamente possíveis, passando ser assim uma preocupação para muitos pesquisadores.

Assim, na voz das pesquisadoras, adotar uma perspectiva cognitivista clássica significava ignorar o aspecto social da linguagem e da cognição de uma forma geral. Ou

seja, apesar de ser inegável que a vida social existe, um cognitivista clássico acreditava que poderia fazer seu trabalho sem considerar este fato relevante para a construção da teoria. Pensando na abordagem da nossa pesquisa, adotaremos os pressupostos de vertente sociocognitivista, pois de acordo com essa perspectiva, levaremos em conta os fatores externos como: o social, histórico, cultural, ideológico que os indivíduos trazem.

De acordo com Koch e Cunha- Lima (201, p.255), observa-se que a linguagem é um tipo de “ação conjunta”. “Sendo assim, compreender a linguagem é entender como os falantes se coordenam para fazer alguma coisa juntos, utilizando simultaneamente recursos internos, individuais, cognitivos e recursos sociais”. Percebemos, portanto que, o indivíduo ao fazer uso da linguagem utiliza processos cognitivos que estão relacionados à sua experiência individual, social, a fatores históricos, ideológicos realizados ao longo de sua vida. Portanto, entendemos que nossa pesquisa se enquadra nesses pressupostos, pois ao analisar as letras dos sambas interpretados por Clara Nunes, podemos construir uma visão de mundo da intérprete.

As autoras ainda postulam que as ciências cognitivas clássicas têm procurado trabalhar com uma diferença bem nítida e estanque entre os processos cognitivos que acontecem dentro da mente dos indivíduos e os processos que acontecem fora da mente. Portanto, ainda de acordo com as autoras para o cognitivismo interessa explicar como os conhecimentos que um indivíduo possui estão estruturados em sua mente e como eles são acionados para resolver problemas postos pelo ambiente. Nesse sentido, o ambiente seria um meio a ser analisado e representado internamente, ou seja, uma fonte de informações para a mente individual.

Conforme Koch e Cunha-Lima (2011, p.278), “a cultura e a vida social seriam parte deste ambiente e exigiriam a representação de conhecimentos especificamente culturais por parte da mente”. Por isso, entender a relação entre cognição e cultura seria compreender as experiências e os conhecimentos que os indivíduos devem fazer para agir adequadamente dentro de sua cultura. Segundo essa visão, “a cultura é um conjunto de dados a serem apreendidos, um conjunto de noções e procedimentos a ser armazenados individualmente”. Koch e Cunha-Lima (2011, p.278). Assim, podemos dizer que Clara Nunes, ao interpretar letras de samba com a temática das religiões de matriz africana e sobre o negro, está inserida dentro do contexto cultural dessas religiões. Diante disso entendemos, conforme as autoras que uma visão que incorpore os aspectos sociais e culturais à compreensão que se tem do processamento cognitivo

pode integrar o fato de que existem muitos processos cognitivos que acontecem na sociedade e não exclusivamente nos indivíduos.

Ou seja, observamos que muitos processos cognitivos que os indivíduos realizam se dão através dos fatores sociais, culturais e históricos, daí pensarmos em uma construção sociocognitivista e, portanto, em uma Linguística Sociocognitiva. Por isso, é possível dizer, então, que o conhecimento partilhado é essencial para que os falantes, pois eles podem decidir que tipo de informação pode ser relevante ou não, sobre quais fatos se devem chamar a atenção ou não, quais as posturas devem ser tomadas de acordo com um falante em relação ao outro, e quais gêneros discursivos devem ser utilizados, no momento do discurso. Pois, de acordo com as autoras podemos entender que é na base da atividade linguística que está a interação e o compartilhamento de conhecimentos.

Nesse sentido, entendemos de acordo com os estudos de Koch, Cunha- Lima (2011, p.288) a noção de pistas contextuais, “que são pistas fornecidas, por exemplo, pelo uso de determinadas formas linguísticas, de determinado registro, de certas escolhas lexicais”. Sendo assim, verificamos que o contexto passa a ser criado no momento da comunicação, na medida em que o discurso se ajusta para estabelecer a interpretação.

Com base no que foi discutido, entendemos de acordo com os estudos de Koch, Cunha- Lima (2011, p.294) que “a perspectiva clássica cognitivista trata as palavras como etiquetas e os conceitos como representações”; já a perspectiva sociocognitivista prefere falar em referenciação, pois entendendo assim, lhe garante um caráter mais dinâmico entre os interlocutores.

De acordo com Koch (2005, p.95), “a referência é o resultado da ação de apresentar (através de uma ação discursiva) os objetos pertencentes do discurso”. Assim utilizada, serve para enaltecer o seu aspecto dinâmico, como uma atividade, um processo no qual os falantes colaboram para construir a referência, ou seja, o significado.

Por isso, observamos que as escolhas lexicais podem ser vistas dentro dessa perspectiva, pois ao serem atualizadas no discurso, as lexis apresentam caráter dinâmico; sendo construídas a partir da visão de mundo de cada indivíduo que as utilizam, no caso desta pesquisa, mostraremos a construção da religiosidade e etnicidade a partir das escolhas lexicais empreendidas nas letras dos sambas interpretados por Clara Nunes.

Com base no artigo “A Construção Sociocognitiva da Referência”, de Koch (2005, p.96), a função da Linguística Textual é desenvolver procedimentos de descrição textual, que possam dar conta dos processos cognitivos para a atualização e tratamento de estratégias que visam à produção e compreensão de textos.

Portanto, entendemos que a Linguística Textual estabelece uma relação de aproximação com a Linguística Cognitiva, pois ambas preocupam-se com os processos que o indivíduo realiza para a compreensão e comunicação dos textos, levando-se em conta os fatores externos, como: as ideologias, as crenças, os fatores históricos e sociais.

Os modelos cognitivos são denominados de: *frames*, *scripts*, cenários, esquemas, modelos mentais, modelos episódicos ou de situação. Esses conceitos são definidos de acordo com os estudos realizados por Van Dijk (2004, p. 159):

- a) *frames*: são estruturas de conhecimentos mentais pré-existentes em nossa memória que organizam nossas experiências. São as hipóteses que os indivíduos criam sobre o mundo ou sobre as coisas no mundo. Exemplo: “Na semana passada, assisti a uma conferência em Roma. Esta foi uma boa ocasião para praticar meu italiano”, tem-se um *frame* de conhecimento geográfico, pois o interlocutor precisa inferir que Roma fica na Itália, e que as pessoas, na Itália, falam italiano. (DIJK, 2004, p.159)
- b) *scripts*: são modelos mentais de inferência pré- organizados de uma situação específica. Em um ritual de batizado, por exemplo, ao buscar na memória como se dá esse ritual, o indivíduo cria um *script* (modelo) sobre a cerimônia, no que tange aos procedimentos nele envolvidos.
- c) cenários: são lugares, tempos, posições que os falantes ocupam num determinado ambiente físico.
- d) enquadre: é o enquadramento (posição) social dos falantes na interação.
- e) modelos mentais: são estruturas cognitivas armazenadas na memória para utilização numa dada situação específica.
- f) modelos episódicos ou de situação: são representações mentais que o usuário da língua constrói de uma determinada situação para compreensão do texto ou discurso. Um exemplo é quando tentamos descrever a cena de um acidente, fazemos uso dos modelos episódicos que ficaram armazenados em nossa memória. (DIJK, 2004, p.159- 160)

Trazendo esta discussão para a presente pesquisa, os *scripts* seriam os procedimentos utilizados nos rituais de umbanda e candomblé, cujos aspectos são exaltados em algumas canções; os cenários seriam os terreiros de umbanda ou candomblé, lugares onde acontecem os rituais. Os modelos episódicos seriam os fatos descritos nas canções como, por exemplo, o sofrimento do negro e sua luta pela liberdade.

Ou seja, a partir desses exemplos, esta pesquisa apresenta elementos que nos permite dizer que este trabalho está inserido na perspectiva defendida de Van Dijk acerca dos itens cognitivos, pois demonstra que os processos cognitivos que os indivíduos constroem perpassam pelas experiências vivenciadas na vida em sociedade.

Na visão de Koch (2005, p.100), a cognição é vista como um conjunto de conhecimentos, sendo de responsabilidade da linguagem os processos cognitivos, ou seja, a linguagem não deve ser tomada como comportamentos previsíveis, prontos, acabados, sem levar em conta a rotina da vida em sociedade.

Entendemos, diante disto, que o conhecimento não deve ser observado como algo concebido, pronto e inalterado, pois, os processos cognitivos que os indivíduos realizam dependem das experiências vividas e experimentadas na vida em sociedade. Assim:

o tipo de relação que se estabelece entre linguagem e cognição é estreito, interno, de mútua constitutividade, na medida em que supõe-se que não há possibilidades integrais de pensamento ou domínios cognitivos fora da linguagem, nem possibilidades de linguagem fora de processos interativos humanos. A linguagem é tida como o principal mediador da interação entre as referências do mundo biológico e as referências do mundo sociocultural (KOCH, 2005, p.100).

A partir do exposto, podemos entender que é através da linguagem que os processos de interação acontecem, ou seja, é com o uso da linguagem, em sua forma oral ou escrita, que o indivíduo vai se relacionar e se posicionar diante do mundo, trazendo consigo suas experiências, vivências, ideologias, costumes, cultura. Clara Nunes ao escolher interpretar sambas com temática das religiões de matriz africana e sobre o negro demarca seu ponto de vista, sua ideologia, revelando seu posicionamento acerca desses temas.

Podemos perceber que a língua não está estanque dos sujeitos que a falam, por isso, os indivíduos atualizam e mobilizam seus saberes quer de ordem linguística ou de ordem sociocognitivista, gerando seu conhecimento sobre o mundo. Por isso, Koch

(2005, p. 101) defende que “a referenciação constitui uma atividade discursiva, sendo o sujeito, por ocasião da interação verbal, o operador sobre o material linguístico que tem à sua disposição, fazendo escolhas significativas para representar estados de coisas”. Ou seja, a realidade é construída, mantida e alterada pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ela; sendo assim, interpretamos e construímos nossos mundos por meio da interação com o meio físico, social e cultural.

Com base na discussão realizada, observa-se que os pressupostos ressaltados por (MARCUSCHI 2005, p.57) “entram com alguma força na cena teórica nas investigações sobre cognição, no que diz respeito à ideia de situar o foco mais nas atividades de construção do conhecimento e menos nas atividades de processamento”. Nesse sentido, verificamos que o autor concebe a cognição como uma construção social e não como uma construção individual, pois, o conhecimento é o resultado das interações sociais e não de uma mente isolada e individual.

A partir das discussões, entendemos segundo (MARCUSCHI 2002, p.46) que “a linguagem é dialógica por natureza, o que a torna um instrumento da comunicação intersubjetiva”.

Ou seja, a língua é muito mais do que um instrumento de comunicação ou modo de interação humana, podemos observar que a língua reflete o modo de pensar das pessoas, as ideologias de um grupo, as diversas crenças existentes, isto é, podem revelar os mais variados aspectos tanto de um indivíduo como uma sociedade, por exemplo. Diante dessa perspectiva, evidenciamos que os trechos de algumas canções interpretadas por Clara Nunes podem nos levar a construção de significados variados a partir do uso de determinadas escolhas lexicais.

Podemos perceber na canção “Morena de Angola”, composta por Chico Buarque de Holanda, no ano de 1980, o uso de lexias que remetem à caracterização de uma mulher sedutora, que usa de adereços (chocalho) para chamar a atenção dos que estão a sua volta. Além disso, essa canção marca a origem dessa morena, pela repetição da lexia “Angola”. Assim, “morena de Angola” é caracterizada como sendo “camarada” do homem, que dança, remexe, chocalha e está à frente de seu tempo, pois ela já desperta feliz, gingando e sai chocalhando para o “trabalho” – dado que remete à representação de uma mulher que sai em busca de uma condição financeira, ou seja, uma mulher determinada, que vai atrás de seus objetivos.

Há também, no uso de algumas lexias, uma caracterização de uma mulher afoita, sensual, marcada, como por exemplo, pelas lexias discursivas: “Será que no meio da

mata, na **moita**, a **morena** ainda **chocalha**”. Ou seja, com o uso dessas lexias discursivas, observamos a caracterização da mulher, nos revelando pelo campo léxico-semântico: uma mulher sensualizada.

Podemos pressupor também, a partir da teorização de Van Dijk (2004, p.161) e de seu trabalho como analista do discurso, que a escolha lexical constitui-se como uma estratégia que pode levar à compreensão da visão de mundo de grupos específicos, pois, por meio da lexicalização, é possível o locutor ativar algumas representações, que se encontram na memória do interlocutor, a fim de constituir um novo ponto de vista ou reforçar um ponto de vista já existente, como dito anteriormente. Ainda no que diz respeito ao fenômeno da lexicalização, é possível compreender a forma como um indivíduo representa o mundo através de suas escolhas lexicais, ou seja, adotando a perspectiva do locutor, compreendemos que, diante das possibilidades de escolha lexical, um mesmo evento pode ser lexicalizado de muitos modos diferentes, refletindo certas configurações culturais e também certas posições ideológicas e, nesse sentido, o entendimento do conceito de contexto, modelos mentais e cognição social de Van Dijk são úteis.

Desse modo, a relação da lexicalização com posicionamentos ideológicos, com representação ou visão de mundo é objeto de estudo de Van Dijk, tendo em vista o quadro teórico desse autor. Em outras palavras, o léxico pode ser analisado considerando o triângulo proposto por Van Dijk: sociedade- cognição- discurso. Ou seja, compreendemos a partir dos estudos realizados sobre cognição, que, através das escolhas lexicais que o indivíduo realiza, percebemos a forma como esse indivíduo representa e concebe o mundo, por isso, procuramos defender em nossa pesquisa de mestrado que as escolhas lexicais são mediadas pela cognição e que a cognição se constrói na interação, através dos processos individuais, sociais, históricos e culturais que o indivíduo realiza ao longo de sua vida.

1.4 O Surgimento da Análise Crítica do Discurso de vertente sociocognitivista e seus principais pressupostos teóricos

Com os estudos desenvolvidos pela Pragmática, ocorreu uma mudança em relação aos estudos linguísticos, pois, de acordo com essa corrente teórica, o seu objeto de estudo é a língua em seu uso efetivo, e não o sistema da língua tratado fora do uso, como tratou o estruturalismo e gerativismo. Diante disso, tratar o uso efetivo da língua em situações reais de uso propiciou que o texto e o discurso se tornassem objeto de

investigação em uma perspectiva inter, multi e transdisciplinar. Dessa forma, instaurou-se a Linguística Textual e a Linguística do Discurso; sendo que a Linguística do Discurso apresenta-se em várias perspectivas, uma delas é a Análise Crítica do Discurso.

De acordo com Oliveira (2017), podemos entender que a Análise Crítica do Discurso (ACD) trata o discurso como estrutura, ação e interação. Ou seja, o texto e a enunciação, além de serem produtos linguísticos, são também produtos sociais e culturais. Além disso, o discurso produz, mantém e reproduz relações de poder. Assim, o contexto orienta as estruturas do texto e da enunciação, na produção discursiva. Em se tratando das relações de produção e reprodução de poder, é necessário considerar as estruturas sociais e a hierarquia desse poder, a fim de se entender o seu papel na produção e reprodução de diferenças sociais. O mesmo ocorre com as estruturas sociocognitivas do poder, como a ideologia que, para ser investigada, exigem que sejam tomadas por base as representações mentais sociais relacionadas a cada grupo social.

Os princípios básicos da ACD de acordo com Van Dijk (2004) foram apresentados por Fairclough e Wodak (1997), como o sucesso discursivo que decorre da dialética pela qual os discursos sociais e institucionalizados guiam os eventos discursivos particulares, assim como estes alteram os sociais. Dessa forma, a ACD propõe que o social molde o discurso, e este, por sua vez, constitui o social.

Segundo Oliveira (2017), no que tange ao surgimento, a ACD surge de abordagens teóricas distintas, pois há diferentes vertentes para se analisar de forma crítica o discurso, porém todas as vertentes da ACD têm como principais pontos em comum a multidisciplinaridade, a preocupação social, o posicionamento político favorável ao grupo social em desvantagem e a divulgação dos resultados de pesquisa como forma de alerta das práticas de abuso de poder. Essa área considera que as expressões linguísticas são o material da ideologia e que todo uso da linguagem é ideológico; dessa forma, as expressões linguísticas são um terreno de conflitos sociais.

Oliveira (2017) mencionou que no Brasil, além da abordagem de Fairclough (chamada de social, que se desenvolveu a partir da inter-relação entre sociedade e discurso, tendo por pressuposto que toda mudança social produz uma mudança no discurso, e isso propicia uma mudança social), há também a sociocognitivista de Análise Crítica do Discurso proposta por Van Dijk, que é bastante mobilizada, pois procura observar o discurso a partir das interações sociais em que eles ocorrem. Ou seja, a vertente sociocognitivista da ACD propõe uma inter- relação entre sociedade,

cognição e discurso, em que cada uma dessas categorias se define pelas demais. Assim, Van Dijk é considerado o “pai” da Análise Crítica do Discurso de vertente sociocognitivista. Para ele, a cognição serve como mediadora entre o discurso e a sociedade.

Na visão do autor, para analisar o discurso, é necessário entender o relacionamento entre as estruturas discursivas e os contextos sociais, porém esse relacionamento não pode ser estabelecido sem que considerem as representações mentais individuais e sociais como forma de conhecimento. É dessa forma que os pontos da cognição social organizam e monitoram as crenças dos membros de seus grupos, bem como de suas práticas em discursos sociais.

Van Dijk (2004, p. 163) ao postular as categorias analíticas: Discurso, Sociedade e Cognição focaliza a opinião. O autor trata a opinião como uma forma especial de representação mental, caracterizada pela avaliação, bem como a aquisição da opinião, seus usos, funções sociais e sua expressão discursiva.

Portanto, entende-se que as escolhas lexicais também podem ser tratadas como representação mental e social para analisar como os indivíduos representam e interagem com o mundo, revelando assim, suas ideologias, suas crenças, sua visão de mundo.

Oliveira (2017) aponta que para compreender a inserção da categoria cognição na vertente sociocognitivista é necessário reconhecer a importância de como organizamos as informações na memória. De acordo com Oliveira 2017, citando Kintsch e Van Dijk (1983), entre as memórias, há a memória social/ semântica e a memória individual/ episódica. Para os autores, a memória social ou semântica é constituída dos seguintes sistemas de conhecimento: o linguístico, o enciclopédico e o operacional. Já a memória individual ou episódica, corresponde ao armazenamento de conhecimentos experienciados individualmente, a partir das situações (episódios).

Assim, na memória de longo prazo há modelos de situações (modelos episódicos), isto é, formas como cada indivíduo representa uma dada situação projetada pelo texto verbal que recebe no ato de leitura ou ao ouvir uma estória. Esses modelos representam, portanto, a focalização do objeto para o processamento das informações, o que constitui o ponto de vista.

Na memória de trabalho, segundo Oliveira 2017, citando Kintsch e Van Dijk (1983), as palavras, frases, isto é, o que se encontra linguisticamente enunciado, é transformado em sentidos, cujo resultado os autores denominam de proposições. Essas

proposições⁶ (resultado da transformação das palavras e frases em significados, em sentidos) que constituem os sentidos secundários do texto, são consideradas microproposições e dizem respeito à coerência local, aos sentidos produzidos em decorrência da explicação de implícitos por meio de inferenciações. As microproposições são reduzidas até constituírem um sentido mais global, que se denomina macroproposição (núcleos temáticos do texto e, por ser mais de uma, propicia a redução ao sentido mais global que corresponde ao conteúdo semântico).

Tanto as microproposições quanto as macroproposições dizem respeito à construção dos significados do ponto de vista semântico (do ponto de vista do sentido, do significado), constituindo o primeiro modelo proposto por Kintsch e Van Dijk (1975, 1978 citado por Van Dijk, 2004, p.160), o qual está relacionado à memória semântica, pressupondo as categorias de coerência local, coerência global, macroestrutura do texto.

De acordo com Van Dijk (2004, p. 161), a coerência local constitui-se pelas microproposições enquanto a coerência global é resultado da macroproposição. A macroestrutura compreende, assim, o resultado do processamento obtido ao final deste. Para tanto, a produção textual realiza-se por meio de esquemas, que correspondem às condições de produção reconhecidas pelos sujeitos na interação.

Entendemos, portanto, que esses esquemas dizem respeito às formas memorizadas, que são identificadas como narrativas, dissertativas, descritivas ou injuntivas enquanto estruturas de texto, ou seja, são superestruturas em que se formaliza e se textualiza o discurso. Para Van Dijk, a partir do conceito de esquema de Barlett, há uma organização dos conhecimentos na memória de longo prazo, que se agrupam em *frames* ou *scripts* (estruturas mentais e conceituais) e esquemas (estruturas esquemáticas tanto textuais quanto discursivas, as quais correspondem a superestruturas).

A partir disso, ao tratar as estratégias de compreensão e produção de texto/discurso, Van Dijk (2004, p.175), sob um enfoque cognitivo, afirma que é preciso compreender o processo como um complexo de informações que interagem em todos os níveis da linguagem (níveis sintático, semântico, pragmático), afirmando que a análise estratégica depende não somente das características textuais, como também das características do usuário da língua, tais como seus objetivos e conhecimentos de mundo.

⁶ Resultado das palavras, frases (linguisticamente enunciado) transformado em sentidos.

Assim, o modelo de compreensão e/ ou produção do discurso proposto pelo autor pressupõe um sistema de controle geral pelo qual ocorre o processamento do discurso. O sistema de controle, na visão de Van Dijk, supervisiona o processamento na memória de curto prazo, ao mesmo tempo em que ativam tanto conhecimentos episódicos quanto semânticos mais gerais, estabelecendo as relações entre eles.

O autor ainda defende que os conhecimentos são estrategicamente articulados, uma vez que eles são monitorados pelo sistema de controle e, além disso, devem ser relacionados também a crenças, atitudes e avaliações individuais. Durante o processamento da leitura, por exemplo, as palavras ou construções linguísticas remetem a significados ativados na memória semântica, assim como se ativam conhecimentos de estruturas sintáticas, de esquemas textuais. Na relação entre os segmentos do texto, constrói-se a coerência local, ou seja, do que está posto no texto. Seguindo esse raciocínio, o autor acrescenta que há agrupamentos das informações processadas para a construção do sentido global, ou seja, da coerência global do texto.

Portanto, é possível dizer que as pessoas não representam da mesma forma um fato ocorrido, como um acidente de trânsito, por exemplo. Cada qual, partindo de um conhecimento geral que pressupõe informações semelhantes no processamento, acrescenta outros conhecimentos resultantes de conhecimentos e experiências individuais. Por isso, tanto informações externas (contexto social) quanto internas (cognitivas) influem na atividade de interpretação discursiva, segundo o modelo proposto por Van Dijk. Além desses conhecimentos, outras representações, ligadas a crenças, valores, atitudes, em relação ao acontecimento, são ativados na memória durante o processamento, o que significa que a representação é composta tanto de modelos sociais quanto individuais.

Segundo Van Dijk (2008) é fundamental preservar-se o enfoque sobre o poder e as consequências deste sobre a produção do discurso na sociedade. Nesse sentido, o autor afirma que as análises em ACD devem se concentrar em geral, naqueles sistemas e estruturas da fala ou da escrita que podem variar em função de condições sociais relevantes do uso linguístico, ou que podem contribuir para consequências sociais específicas do discurso.

Trazendo essa teorização para esta pesquisa, percebe-se que as canções analisadas tratam de uma temática restrita a um grupo específico, ou seja, seu conteúdo temático é referente a conhecimentos sociais das religiões de matriz africana e ao negro, sendo que, parte desse conteúdo popularizou-se, de algum modo, através da execução

das canções, porém o acesso ao conteúdo significativo dele pode ser visto como privilégio de grupos sociais adeptos dessas religiões, da mesma forma que esse conteúdo pode ser menosprezado por grupos sociais que discriminam essas religiões e o negro.

Por isso, compartilhamos das ideias de Van Dijk, no que diz respeito à percepção e à interação intra e intergrupos, pois dependem das identidades compartilhadas socialmente entre as pessoas que se classificam como membros de um grupo. Esses membros, ao assim se definirem, estão avaliando aspectos positivos do próprio grupo em oposição a aspectos negativos dos outros grupos. Assim, segundo o autor, há um EU- social que constituem as identidades sociais e individuais. As identidades sociais, assim como as individuais, são produzidas no curso da interação, em um contexto específico e em relação a outros aspectos do contexto, por isso elas têm características mais ou menos estáveis.

Os atores sociais constroem as identidades por meio da interação e do discurso e, para tanto, têm um conhecimento social sobre essa identidade, que o autor denomina prática identitária prévia. Assim, pode-se dizer que há identidades relacionadas a esquemas abstratos e usos dinâmicos dessas identidades, estando o primeiro grupo armazenado na memória semântica (social) e o segundo representado dinamicamente nos modelos episódicos, por exemplo, os modelos de contexto (VAN DIJK, 2008).

Para Van Dijk (2012), uma teoria do contexto deve abranger tanto aspectos estáveis quanto aspectos dinâmicos das identidades dos participantes da prática social de comunicação, pois um usuário da língua pode falar, ao mesmo tempo, como indivíduo e como membro de vários grupos sociais. Assim, tratar de contexto, na visão do teórico, é considerar que o discurso é controlado por muitas outras instâncias, como: a instância da linguagem, a instância social ou a instância cognitiva. Van Dijk (2012) define contexto, afirmando que os contextos surgem em diferentes tamanhos ou modelos e podem ser mais ou menos micro ou macro; falando metaforicamente e utilizando as palavras do autor, parecem ser círculos concêntricos de influência ou efeito de certos estados ou coisas, eventos ou discursos.

Sendo assim, no próximo capítulo tecemos algumas considerações sobre o conceito de léxico com base em autores que o consideram sobre um viés sócio-cognitivo.

CAPÍTULO 2 – O LÉXICO NAS PERSPECTIVAS COGNITIVA, SEMÂNTICA E DISCURSIVA

Relacionando cognição e conhecimento linguístico, Biderman (2001b, p.170) defende que os conceitos e os significados são modos de organizar os dados sensoriais da experiência, sendo que, através desse processo criativo de organização dos dados, surgem, na opinião da autora, as categorizações linguísticas expressas em sistemas classificatórios, denominados por ela de léxico das línguas naturais. A partir das considerações da autora, é possível definir, sumariamente, “o léxico de uma língua como um sistema que serve para classificar as experiências humanas”.

Biderman (2001b, p.171) também aponta que pela análise da organização lexical de uma determinada língua é possível acessar os aspectos culturais que nela se apresenta. Pensando nas considerações da autora, as análises que focalizam o léxico não podem deixar de considerar os aspectos cognitivos, discursivos, culturais e semânticos, pois o processo pelo qual as pessoas organizam suas experiências deve ser observado pelo léxico e o léxico é construído conforme as experiências e a cultura do usuário de uma determinada língua. Nesse sentido, é possível dizer que as pessoas, vivendo em um determinado tempo, espaço social são suscetíveis às influências culturais diversas, vivenciam experiências que contribuem para a construção de suas identidades e, conseqüentemente, visões de mundo que são expressas no léxico e pelo léxico, conforme tentamos pontuar no capítulo anterior.

Pensando na relação existente entre o léxico, a cognição, o discurso, a semântica e a cultura, este capítulo tem por objetivo fazer uma reflexão teórica a respeito do conceito de léxico, a fim de situar nossa pesquisa no campo da Lexicologia e promover aproximações entre os estudos do léxico e da semântica.

2.1 Conceituando o léxico

Para conceituar o léxico, recorreremos a diferentes teóricos. Privilegiamos, conforme dito na introdução, perspectivas de estudiosos que não estabelecem distâncias entre léxico, cognição, semântica e discurso. Assim, abordarmos o assunto sob a luz dos estudos realizados por Maria Tereza Camargo Biderman (2001a), em seu livro *Teoria Linguística: Teoria lexical e Linguística Computacional*, mostra a notória complexidade de estudar o léxico de uma língua, pois o fato dele se constituir em um sistema aberto, suscetível à mudança, gera uma grande expansão de significados; por

isso, não se pode ser apreendido, nem descrito em sua totalidade. Assim, nos servimos dos estudos da Lexicologia realizados pela pesquisadora, e por outros autores, para fundamentar teoricamente o presente trabalho.

Desde os gregos a palavra foi considerada como unidade significativa de articulação do discurso. De acordo com Biderman (2001a, p. 100) é certo, porém, que a noção de palavra varia conforme o nível de consciência do falante. Segundo a autora, nas culturas ocidentais, herdeiras do patrimônio greco-latino, destaca-se a tradição gramatical de isolar as palavras e identificá-las em classes.

Tendo em vista esse aspecto da gramática, é possível dizer, conforme a autora, que ela (gramática) é restrita, justamente por oferecer aos usuários da língua um padrão de uso e de classificação das palavras, sem considerar fatores de ordem social, cultural e histórico. Em contrapartida, quando se trata do léxico, observa-se a existência da possibilidade de maior variação em relação à gramática, visto que os falantes fazem escolhas dentro do sistema da língua de acordo com suas necessidades comunicativas e tendo em vista o contexto social e histórico no qual está inserido, de modo que uma palavra, quando atualizada no discurso, pode apresentar significados distintos aos significados previstos nos dicionários, bem como alterar a classe gramatical de uma palavra, substantivando verbos, por exemplo. Além disso, é por meio do léxico que temos

amostras das crenças e valores de um enunciador, posto que por ele é feita a categorização do mundo com o qual o enunciador se relaciona, e por meio das escolhas lexicais se põem à mostra seu posicionamento com relação àquilo de que se fala e àquilo que compõe o ambiente em que fala. (SANTOS, 2013, p. 4).

No que diz respeito ao conceito de palavra, Biderman (2001c, p.244), a partir das considerações do filólogo Gladstone Chaves de Melo, classifica as palavras em lexicográficas (substantivos, adjetivos e verbos, principalmente) e palavras gramaticais (artigos, pronomes, conjunções, preposições e os advérbios). Na voz de Santos (2013), ao tratar das palavras lexicais ou lexicográficas, aponta que elas representam um grupo aberto e expansível, visto que, na produção discursiva, são possíveis múltiplas variações lexicais, de modo que as escolhas lexicais realizadas pelo enunciador “é que determinarão” as lexias efetivamente atualizadas. No que se refere à função, Santos (2013, p. 8), aponta que “as palavras gramaticais têm função estrutural no sistema linguístico”, ao passo que as palavras lexicais “designam objetos concretos, fenômenos da natureza, fazeres humanos e elementos abstratos”.

Pensando na abordagem do léxico e do vocabulário em sala de aula, nosso contexto profissional, Antunes (2012, p.13) postula que esses dois temas são marginalizados em detrimento ao espaço que é dado à gramática. De acordo com a pesquisadora, por muitas razões históricas, a gramática assumiu nas atividades de ensino um lugar privilegiado, deixando à margem a análise de outros componentes que tornam possível a atividade da comunicação verbal, tornando o estudo do léxico, no que diz respeito às escolhas e aos usos sociais que as pessoas fazem da língua, um interesse secundário nas atividades de ensino. Na visão de Antunes (2012), há uma urgência em entender que, para desenvolvermos, de forma eficaz, as competências comunicativas de ler, escrever, compreender, faz-se necessário também conhecer, ampliar e explorar o “território das palavras”. Assim, Antunes (2012) concentra seu trabalho no papel que o léxico exerce na construção da coerência e coesão.

Na voz da autora, o léxico também pode ser entendido como “repertório de palavras de uma língua ou, ainda, como um conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às necessidades de comunicação” Antunes (2012, p. 27). Ou seja, a linguagem está associada à nossa relação com o mundo, essa relação se dá entre as categorias cognitivas que construímos sobre os objetos do mundo, ao longo de nossa experiência, e as palavras de que a língua dispõe para expressar essas categorias cognitivas e, diante dessa categorização, podemos compreender melhor o mundo e as pessoas.

Para Antunes (2012, p.28), “se o léxico de uma língua pode ser visto como uma espécie de memória representativa de matrizes cognitivas construídas com base nas experiências das pessoas, também é verdade que se trata de uma memória dinâmica, em movimento constante”, entendemos, portanto, que a língua sofre com as transformações que perpassam pelos aspectos históricos, sociais e culturais e, portanto, o sujeito falante também é afetado ao longo de sua vida. Podemos citar como exemplo, as transformações de vocábulos que vão se modificando ao longo da história, como é o caso das gírias.

Diante disso, podemos perceber que as coisas modificam-se, tudo está em processo de definição ou redefinição. Conseqüentemente, a língua também sofre alterações, visto que o indivíduo para se comunicar deverá se expressar de acordo com os propósitos linguísticos que almeja para que a sua comunicação seja feita de maneira eficaz.

No que se refere à sintaxe e à fonologia, Antunes (2012, p.29) afirma que “se constituem como conjuntos mais ou menos fechados de possibilidades de manifestação linguística, pois as palavras são associadas e classificadas de acordo com regras relativamente fixas”. Segundo a autora, o léxico é “aberto, inesgotável”, sofrendo constantemente transformações, até mesmo pelo dinamismo das palavras que vêm e vão, mantendo seus significados ou não. Por isso, nota-se que estudar o léxico é uma atividade muito complexa, pois não conseguimos abordá-lo sob uma perspectiva estática da língua, em que os itens lexicais estejam fixos e inalterados.

Assim, embora Antunes não aborde o léxico em relação à Semântica, algumas considerações da autora são importantes para este trabalho, principalmente, no que diz respeito ao fato das escolhas lexicais serem capaz de revelar parte da identidade cultural de um povo. Assim, na visão da autora (2012, p. 30), “o léxico não é um conjunto de etiquetas com que se nomeia ou rotula as coisas ao nosso redor”. Por isso, compartilhamos das considerações da autora, pois acreditamos que o léxico não serve apenas para nomear as coisas, mas auxilia também para compreender a visão de mundo, as ideologias, as crenças de um determinado povo ou pessoa.

Portanto, verificamos a constante expansão do léxico sendo efetuado pela criação de novas palavras, exclusão, modificação e manutenção de outras, bem como pela atribuição de novos sentidos a palavras já existentes, processos que costumam deixar o léxico sempre em movimento de renovação, dado que permite dizer que o léxico tem uma natureza dinâmica.

Antunes (2012, p.46) ainda ressalta a importância de se analisar o léxico como manifestação de nossa identidade cultural, pois percebemos que “nos grupos em que atuamos ou naqueles que interagimos somos identificados também pela linguagem que usamos e pelas escolhas que fazemos no sistema linguístico”. Nesse sentido, vale dizer que as letras de samba são manifestações de parte da identidade cultural do povo brasileiro, pois revelam crenças, valores, costumes, sentimentos. Portanto, Clara Nunes ao interpretar sambas com a temática do universo das religiões de matriz africana revela ser adepta ao candomblé e à umbanda, mostrando de forma positiva essas religiões que, até então, não era muito divulgada no período dos anos 80. Além disso, no âmbito individual, é possível afirmar, com base nas considerações de Antunes (2012, p. 46), que as palavras ou a entonação que usamos, os tipos de combinações sintáticas que fazemos, podem indicar nossa origem; já o repertório lexical que utilizamos constituem marcas de que pertencemos a determinados grupos, ou seja, através das escolhas

lexicais que fazemos, apresentamos parte de nossa identidade. Assim, acredita-se que o estudo das escolhas lexicais presentes nas letras dos sambas interpretados por Clara Nunes não apenas pode revelar parte da identidade cultural do povo brasileiro, no que diz respeito à religiosidade, mas, também, o ponto de vista construído sobre as religiões afro-brasileiras em um determinado período da história.

Nesse sentido, segundo Biderman (2001a, p.179), “o léxico de uma determinada língua denomina-se por ser ilimitado, pois qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura”. Ou seja, os indivíduos de uma determinada comunidade linguística são os sujeitos falantes que estabelecem o processo de divulgação, elaboração do léxico e da língua. Sendo assim, observamos que nesse processo de reelaboração, o léxico se altera, de modo que as mudanças sociais e culturais trazem transformações nos usos vocabulares. Biderman afirma que, embora o léxico seja patrimônio da comunidade linguística, na prática, são os usuários da língua que criam e conservam o vocabulário de uma língua, pois

ao atribuírem conotações particulares aos lexemas, nos usos dos discursos, os indivíduos podem agir sobre a estrutura do léxico, alterando as áreas de significação das palavras. É por isso que podemos afirmar que o indivíduo gera a Semântica da sua língua. Ao fim e ao cabo, o universo semântico se estrutura em torno de dois polos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o léxico (BIDERMAN, 2001a, p.179-180).

Por isso, podemos afirmar que o léxico configura-se como um sistema aberto, podendo gerar uma variedade de significados de acordo com o que pretendem almejar os usuários da língua. Biderman, em seu livro, *As ciências do Léxico: Lexicologia, lexicografia e Terminologia*, mostra que o léxico é “o saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua e que constitui o acervo vocabular de um grupo sociolinguístico”. Assim, a autora (2001 b, p. 11) refere-se ao léxico como a primeira análise de acesso a um texto, visto que representa uma determinada ligação de uma comunidade linguística com o mundo; uma vez que revelam os valores, as crenças, os hábitos, as ideologias, os costumes de uma comunidade. Desse modo, o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como os membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento, sendo assim, na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define, também, fatos da cultura.

Para melhor compreender o estudo do léxico, a autora (2001b, p.12) define os três ramos do saber que se ocupam da investigação do léxico: a Lexicologia, a

Lexicografia e a Terminologia. Embora sejam complementares entre si, essas áreas possuem metodologias e pressupostos distintos. Enquanto a primeira ocupa-se dos problemas teóricos que embasam o estudo científico do léxico, a segunda está voltada para as técnicas de elaboração dos dicionários, para o estudo da descrição da língua feita pelas obras lexicográficas. Já a terceira área, tem como objeto de estudo o termo, a palavra especializada, os conceitos próprios de diferentes áreas de especialidades.

De acordo com os estudos realizados sobre o léxico podemos dizer que esta pesquisa insere-se no campo de estudos da Lexicologia, pois esta ciência tem como objetos básicos de estudo a palavra, a categorização lexical e a estrutura do léxico, pois embora se atribua a Semântica o estudo das significações linguísticas, a Lexicologia faz fronteira com a Semântica, já que, por ocupar-se do léxico e da palavra, considera sua dimensão significativa, ou seja, podemos dizer que a Lexicologia é uma ciência que tem como objeto de estudo a palavra e os estudiosos da Lexicologia têm se preocupado em suas pesquisas entender as relações entre língua, cognição, discurso e cultura.

Biderman (2001b, p. 14) ainda postula que o léxico se relaciona com o processo de nomeação e com a cognição da realidade, porque, na voz da autora, o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo, pois, ao dar nomes aos seres os objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a primeira etapa no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Portanto, ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças discriminando os traços distintos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca. Foi esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais, conforme as considerações da autora, visto que

o universo conceptual de uma língua natural pode ser descrito como um sistema ordenado e estruturado de categorias léxico-gramaticais. As palavras geradas por tal sistema nada mais são que rótulos, através dos quais o homem interage cognitivamente com seu meio. Vale a pena insistir no fato de que as categorias lexicais variam de língua para língua, raramente ocorrendo que dois idiomas sejam dotados dos mesmos tipos de categorias. (BIDERMAN 2001b, p. 14)

Podemos entender também, de acordo com (Biderman 2001b, p.14), que a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e da categorização da experiência humana, cristalizada em signos linguísticos, as palavras, pois o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo e a maneira com a qual os sujeitos compreendem o mundo

que os cerca, visto que os sujeitos interagem com os objetos existentes no mundo. Assim, Biderman (2001b, p.15) afirma que os conceitos, ou significados atribuídos aos objetos existentes no mundo, são modos de ordenar os dados sensoriais da experiência. Através de um processo criativo de organização desses dados surgem as categorizações linguísticas expressas em sistemas classificatórios: os léxicos das línguas naturais.

Por isso, ao estudarmos o léxico, de acordo com os pressupostos de Biderman, podemos entendê-lo como “patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística, de modo que esse patrimônio vocabular constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras”. Biderman (2001b, p. 15)

De acordo com Biderman (2001c, p. 40), “o conhecimento se forma a partir da percepção do meio social em que estamos inseridos e com o qual interagimos. A percepção através dos sentidos e de outros recursos neurolinguísticos leva-nos à conceptualização do real”. Entendemos que esta concepção subsidia numa representação linguística ou signo verbal, ocasionando a etapa final do processo cognitivo.

Biderman (2005) ainda afirma que o léxico de uma língua inclui unidades muito heterogêneas – desde monossílabos e vocábulos simples até sequências complexas formadas de vários vocábulos e mesmo frases inteiras, como é o caso de muitas expressões idiomáticas e provérbios; citamos, por exemplo: a palavra saudade, que existe somente na língua portuguesa; alguns provérbios, “em casa de ferreiro espeto é de pau”; o caso de algumas personagens lendárias e típicas do folclore brasileiro, como “O Boto Rosa” e o “Saci Pererê”.

Exemplificando com itens lexicais da nossa pesquisa, observamos o uso de lexias como: “Illu Ayê”, “Oxalá”, “Agô-iê”, “Yalodê”, “Saluba”, “Okê bamboclim”, entre outros como itens que nos revelam ao campo das religiões de matriz africana, no caso, a umbanda e ao candomblé.

Portanto, com base nas considerações de Biderman, é possível dizer que não existem critérios teóricos específicos e bem estabelecidos para o reconhecimento das unidades complexas de uma língua, pois, ao perceber que o léxico de uma língua é patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística, devemos recorrer às especificidades culturais e sociais dela para compreendê-la melhor.

Castilho (2010, p.110), em um dos capítulos, *Nova Gramática do Português Brasileiro*, enfatiza o aspecto cognitivo do léxico e sua natureza dinâmica ao tratar dos

processos de lexicalização, semântica e semantização. Para o autor, esses sistemas e seus processos fazem parte da gramática multissistêmica-funcionalista-cognitivista, sendo que o dispositivo sócio-cognitivo (percepção, memorização, raciocínio, etc.) opera sobre esses processos. Assim, ao conceituar léxico, inicialmente, Castilho aponta que não há unanimidade sobre como definir esse sistema linguístico. Sendo assim, Castilho define léxico a partir de três conceitos e respectivas perspectivas teóricas:

- (1) Léxico mental: seu objeto são matrizes cognitivas armazenadas no cérebro, associadas à sua representação linguística. Estuda-se o léxico mental focalizando a associação entre essas matrizes e as formas e os significados lexicais e gramaticais ativados durante a produção e a compreensão da língua;
- (2) Léxico dos lexicógrafos: seu objeto é o emparelhamento das formas com seu sentido comum na língua, focalizando os lexemas, as expressões idiomáticas e os morfemas derivacionais como, por exemplo, (-dade), (-mente);
- (3) Léxico dos gramáticos: seu objeto é o emparelhamento das formas com seus sentidos gramaticais, focalizando os lexemas simples, as palavras funcionais e as regras morfológicas de derivação (CASTILHO, 2010, p. 109-110).

No que se refere a essas perspectivas, é possível relacionar o léxico dos lexicógrafos e dos Gramáticos com os dois primeiros critérios de classificação das unidades lexicais abordados por Biderman (1978). Assim vê-se que na primeira perspectiva teórica há uma relação entre léxico e cognição, no sentido de mostrar a associação entre matrizes cognitivas armazenadas no cérebro e os significados que são ativados pelas pessoas ao tentarem produzir sentido através do uso de uma língua. Já na segunda, observa-se uma preocupação com unidades linguísticas menores, lexemas e morfemas, responsáveis pela formação e a significação das palavras. Na terceira perspectiva, é possível dizer que há uma preocupação em associar a forma, no que diz respeito aos lexemas e morfemas que formam as palavras, e o significado delas, com base nas regras gramaticais, principalmente no que diz respeito aos processos de derivação morfológica.

Ainda tratando dessas perspectivas teóricas de estudo do léxico, Castilho (2010, p.110) define a primeira percepção como onomasiológica, ou seja, parte dos sentidos delineados nas matrizes cognitivas para as formas que os representam. Já as percepções dois e três, partem, na voz do autor, das formas para os seus sentidos, sendo que esse tipo de percepção não evidencia a relação léxico/cognição.

Observa-se neste capítulo da gramática de Castilho uma tendência em não dissociar léxico e cognição, o que possibilita dizer que o autor adere à perspectiva do Léxico Mental, pois, com base nessa percepção, o autor define léxico como:

um inventário de categorias e subcategorias cognitivas; e de traços semânticos inerentes. Esse inventário é virtual, pré-verbal, podendo ser entendido como um feixe de propriedades de que lançamos mão para a criação das palavras, ou seja, para a lexicalização (CASTILHO, 2010, p.110).

Segundo o autor, ao produzir ou receber uma palavra, nossa mente refaz os caminhos da lexicalização que levam à composição do vocabulário. Portanto, a lexicalização é o processo por meio do qual conectamos o léxico, entendido como um inventário, de modo que o vocabulário é definido como um conjunto de produtos concretos, ou seja, um conjunto de palavras. Por isso, a etimologia nos auxilia nas pesquisas sobre lexicalização, pois, com o passar do tempo, as categorias cognitivas dos vocábulos acabam sendo alteradas, sendo necessária uma busca ao passado dos vocábulos.

Com base nas considerações de Castilho, podemos verificar que as comunidades linguísticas podem deixar de ativar um dado conjunto de propriedades numa dada palavra, selecionando outros conjuntos para esse fim. Isso origina a morte das palavras, processo chamado nos estudos de Castilho (2010, p. 117) de deslexicalização, e o surgimento de novas palavras, processo entendido como lexicalização por etimologia, por neologismos ou por empréstimo, em um processo que não se finda.

Castilho (2010) ainda ressalta que durante a interação, o locutor e seu interlocutor tomam decisões sobre como administrar o léxico, que propriedades do léxico vão ativar reativar ou desativar para essa administração, processo chamado por ele de movimentos mentais. Portanto, a lexicalização é, segundo o autor, um processo negociado ao longo das interações linguísticas, não sendo uma iniciativa individual, pois as palavras são criadas para efeito de comunicação, ou seja, na interação e para a interação.

Ao analisar a definição das palavras, Castilho (2010, p. 111) traz o conceito de epilinguismo, demonstrando que, quando conversamos, frequentemente, damos explicações sobre o sentido com o qual estamos usando determinada palavra. Essa é uma atividade típica dos locutores comuns. E quando precisamos aumentar o nosso vocabulário, eliminar ambiguidades, estudar o conjunto dos sentidos veiculados por

uma palavra, consultamos um dicionário, que nos dará uma definição metalinguística da palavra, sendo que essa é uma atividade dos lexicógrafos.

Para Castilho (2010, p. 112), “a definição lexicográfica apresenta a denotação e a conotação da palavra. Todas as palavras denotam e conotam”. O autor explica que a denotação é o conjunto de informações mais salientes que a palavra dá sobre o objeto, ou seja, sobre o conjunto de itens lexicais que cabem na classe rotulada pela palavra. Denotar, segundo o autor, é cuidar da extensão dos significados das palavras. Tratando-se de um referente concreto, descreve-se o objeto mediante a enumeração de seus atributos, propriedades físicas e químicas. Quando se trata de um referente abstrato, indicam-se as causas e as consequências da existência do fenômeno, fugindo-se a uma difícil definição essencialista. Exemplificando, teríamos *cabeça*, uma definição conotativa ultrapassa sua denotação, para incluir tributos tais como “o líder da quadrilha”, “o chefe”. Ou seja, o sentido da unidade lexical *cabeça* depende da forma com a qual o falante vai atualizá-la no discurso.

Assim, de acordo com Torres (2008, p. 14) “lexicalização é o processo de criação de palavras que é coordenado pelo dispositivo sociocognitivo⁷, ou seja, apresentação de um ponto de vista pelo qual compreendemos algo que é construído a partir das interações sociais”.

Segundo Castilho (2010, p.113), a lexicalização se dá através dos seguintes processos:

- 1) etimologia: quando a lexicalização ocorre na língua de fonte;
- 2) neologia: ocorre quando a lexicalização ocorre na língua alvo;
- 3) empréstimo: quando a lexicalização ocorre por contato linguístico.

Na lexicalização por etimologia, de acordo com Castilho (2010, p.113), “um item da língua-fonte é integrado na língua- filha”. No processo de lexicalização por neologia, criamos uma palavra nova, não herdada da língua- fonte, porém organizada de acordo com as regras morfológicas. E no processo de lexicalização por empréstimo importamos palavras, sufixos e prefixos de povos com que estivemos em contato direto ou indireto.

No que diz respeito ao conceito de deslexicalização, o autor define esse processo como “a morte das palavras”. Castilho (2010, p. 117). Sendo assim, podemos citar

⁷ Segundo Torres (2008, p.14), dispositivo sociocognitivo é o modo pelo qual compreendemos algo, uma possibilidade de interpretação que se estabelece por um caminho inferencial construído em uma interação social.

como exemplos de deslexicalização os vocábulos: cinematógrafo, Vossa Mercê, disquete, toca-fitas, entre outros termos. Percebemos que esse fenômeno (deslexicalização) ocorre em todas as línguas devido ao caráter de transformação das mesmas.

Castilho (2010, p. 122) ao tratar da questão da semântica, define essa área como um sistema do qual criamos significados, operando diversas estratégias. De acordo com o autor, a semantização é o processo de criação dos sentidos, administrados pelo dispositivo sociocognitivo. Para organizar as reflexões sobre a semântica, têm sido propostos três campos de estudos de delimitação: a Semântica Léxica, que trata dos sentidos contidos nas palavras, a Semântica Gramatical ou composicional, que trata dos significados nas orações e a Semântica Pragmática, que trata das significações geradas no intervalo entre os locutores e os signos linguísticos, assim como aponta Castilho (2010).

A título de exemplificação, é possível dizer que a palavra “barraca” pode ser usada com o significado de abrigar-se, como algo que serve para alguém se proteger. A palavra, tomada assim, está no âmbito de análise da Semântica Lexical. Já a expressão “chutar a barraca” significa desistir de algo, “não estou nem aí”, sendo que, por serem idiomáticas, essas expressões são foco de estudo da Semântica Gramatical. No que diz respeito à sentença “não consigo carregar esta barraca”, que pode ser um pedido indireto de ajudar ao interlocutor, sua interpretação é foco da Pragmática, pois, para chegar à interpretação, consideram-se os sentidos de cada item lexical e o significado completo da sentença.

No livro *Formação e Classes de Palavras no Português do Brasil* (2004), Margarida Basílio explicita que as línguas existem para que possamos falar uns com os outros. Segundo a autora, o objeto de nossa comunicação é o mundo, mas, precisamente, nosso mundo, constituído de coisas, pessoas, lugares, ideias etc., e nossas relações, sejam elas naturais ou artificiais, concretas ou abstratas, reais ou imaginárias. De acordo com Basílio, é necessário primeiro identificar as coisas de que queremos falar e, portanto, designar pessoas, lugares, acontecimentos etc. sobre os quais vamos nos expressar. Assim, a língua é ao mesmo tempo um sistema de classificação e um sistema de comunicação.

Podemos perceber, na voz da autora, que o papel do léxico está diretamente ligado a essa dupla função da língua. O léxico é uma espécie de banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação, o qual fornece

unidades básicas para a construção dos enunciados. O léxico, portanto, categoriza as coisas sobre as quais queremos nos comunicar, fornecendo unidades de designação, as palavras, que utilizamos na construção de enunciados.

Verificamos através dos estudos realizados sobre o léxico que apenas um conjunto fechado de unidades de designação não é suficiente. Como estamos sempre (re) produzindo e (re) conhecendo novos seres, objetos e relações, precisamos de um sistema dinâmico, capaz de se expandir à medida que se manifesta a necessidade de novas unidades de designação e construção de enunciados. De acordo com Basílio (2004), O léxico, portanto, não é apenas de um conjunto de palavras. Como sistema dinâmico, apresenta estruturas a serem utilizadas em sua expansão. Essas estruturas, os processos de formação de palavras, permitem a formação de novas unidades no léxico e também a aquisição de palavras novas por parte de cada falante.

Ao analisar o léxico sob a luz de algumas perspectivas teóricas, percebemos um ponto em comum no que diz respeito à significação das palavras e verificamos que a palavra, além de remeter a um conceito, uma significação, também remete a uma ideologia. Por isso, abordaremos o conceito do teórico Preti (2003) para verificarmos que, além do significado, o léxico apresenta prestígio social.

Para o autor, tal fenômeno se liga ao processo de variação de prestígio das formas linguísticas, de modo muito especial, o léxico. O autor aborda em seu estudo a variação lexical e o prestígio social das palavras, mostrando que a língua falada é um dos fatores de identidade social. De acordo com Preti (2003, p. 48), há várias formas que nos permitem chegar à identidade social dos indivíduos, sendo algumas delas de natureza estática, tais como: traços físicos, postura, vestuário ou de natureza dinâmica como, por exemplo: os gestos.

Portanto, assim como os traços físicos ou dinâmicos, a fala incorpora à identidade das pessoas, trazendo-lhe maior prestígio, no contexto social em que estão inseridas. Um exemplo disso é o uso de vocábulos técnicos, de conhecimento restrito, que pode sugerir que o falante possui certo domínio do assunto tratado naquele momento da interação, dando-lhe certo prestígio, que nem sempre pode corresponder com a realidade. Outro exemplo é o uso de palavras estrangeiras, indicando o domínio que o falante tem de outras línguas, o que configura, para muitos, um inegável sinal de prestígio social. Mas para PRETI (2003, p. 51), “se as palavras carregam certo prestígio social, por outro também, o desprestígio pode acompanhá-las, como acontece com a linguagem em certas regiões menos favorecidas economicamente”. Assim como a roupa

carrega consigo elementos de maior ou menor prestígio social, valorizando ou desvalorizando o usuário, isso acontece com a linguagem também, que pode atribuir ao falante prestígio ou desprestígio social de acordo com a linguagem utilizada.

Ao abordarmos o conceito de léxico a partir das definições de diferentes autores, podemos perceber a aproximação conceitual que esses estudiosos estabelecem sobre o estudo do léxico. Ou seja, os autores, aqui estudados, não trazem o conceito de léxico apenas como uma forma de registrar o conhecimento do universo, dando nomes aos seres e aos objetos, mostrando que o léxico de uma língua pode ser entendido como um amplo repertório de palavras à disposição dos falantes para atender suas necessidades de comunicação. Portanto, entendemos a partir dessas perspectivas estudadas por diferentes autores que o léxico serve, entre outras coisas, para revelar valores identitários e culturais, bem como o modo como as pessoas organizam, cognitivamente, as experiências com os objetos existentes.

2.2 Estrutura e organização do léxico: lexemas e lexias

De acordo com Santos (2013, p.20), o léxico é o “inventário das palavras gramaticais e lexicais de uma língua. É composto pela soma de todas as palavras que sejam do conhecimento de seus falantes, atualizadas em seu discurso ou não”. O teórico amplia a definição de léxico, apontando que ele é o armazém de onde os falantes extraem as palavras conforme as situações comunicativas. A partir dessa definição, é possível afirmar que o falante atualiza o léxico ao enunciar, dado que revela a dimensão discursiva do léxico. Assim, para a análise do léxico em um conjunto de textos, faz-se necessário que outros termos, além de palavra lexical e palavra gramatical, sejam considerados, as saber: lexema e lexia.

Santos (2013, p.21) define o lexema como unidade lexical do sistema linguístico, apontando que apenas os lexemas ou palavras léxicas estão diretamente ligados ao léxico, visto que “configuram e representam a realidade extralinguística”, ou seja, fazem referência aos fatos culturais, sociais e aos objetos presentes no mundo e, por isso, sofrem mudanças, pois acompanham as transformações sociais, possibilitando “a expressão daquilo que é peculiar de um grupo social, de uma época, ou dos habitantes de um território”. Nesse sentido, damos atenção aos lexemas nesta pesquisa, justamente por acreditarmos que, através da análise de sua ocorrência em um conjunto de textos, é possível compreender o ponto de vista da intérprete Clara Nunes sobre as religiões de matriz africana (a umbanda e o candomblé) e sobre o afrodescendente.

Assim, os lexemas correspondem às unidades léxicas do sistema linguístico, já a lexia corresponde às unidades léxicas atualizadas no discurso (SANTOS, 2013, p.21), o que nos permite dizer que, na análise de um conjunto de textos, as lexias podem ou não corresponder aos lexemas, uma vez que pode ser empregada com o sentido no qual existe no mundo extralinguístico ou pode ser apropriada de acordo com as finalidades comunicativas dos enunciadores. No exemplo, abaixo, que corresponde a um trecho da canção “Ê baiana” interpretada por Clara Nunes, o lexema *baiana* tem no sistema linguístico, entre outros significados, o significado de mulher natural do estado da Bahia, porém, se considerado em relação aos demais lexemas que compõem o trecho, é possível dizer que *baiana*, quando é “boa”, caracteriza-se, entre outros aspectos, como uma mulher alegre, por gostar de samba de roda, decidida e corajosa, por se considerar “bamba”.

*Baiana boa
Gosta do samba
Gosta da roda
E diz que é bamba
Baiana boa
Gosta do samba
Gosta da roda
E diz que é bamba*

Em outras palavras, o lexema “*baiana*,” quando atualizado no discurso, no caso, o trecho da canção acima, passa a ser considerada uma lexia que, em relação às demais lexias; extrapola o sentido que têm no sistema linguístico e extralinguístico, visto que ganha um sentido particular a cada atualização no discurso. Vale salientar que, o próprio lexema, *bamba* é portador de vários significados, como ser bom naquilo que faz ou referir-se a uma ave do continente Africano.

Santos (2013), citando Bernard Pottier (1972), diferencia quatro tipos de lexias, a saber:

- lexias simples: corresponde a um único lexema da língua (morena, Angola);
- lexias compostas: formadas pela junção de dois lexemas para a designação de um único elemento (Agô – iê, Illu- Ayê);
- lexias complexas e estáveis: formas fixas e recorrentes formadas por duas ou mais ou mais lexias (a punhaladas, cidade universitária); não encontramos exemplos de lexias complexas no *corpus* analisado.

- lexias textuais: constituídas por orações recorrentes da língua (quem tudo quer tudo perde); não encontramos exemplos de lexias textuais no *corpus* analisado.

- lexias discursivas: enunciados lexicalizados que compõem seu sentido em uma atualização discursiva. (GIL, 2016, p.208). Exemplo: “Morena de Angola que leva o chocalho amarrado na canela”.

Além dos tipos de lexias definidas por Pottier (1972), que contemplam estruturas fixas e têm sentido cristalizado, Santos (2013), ancorado nos trabalhos de Gil (2012), lança mão do conceito de lexia do discurso, definida como “um enunciado lexicalizado que compõem seu sentido numa atualização discursiva única”, apontando que as lexias compostas, complexas textuais e discursivas são as unidades lexicais que requerem maior atenção no processo de identificação, delimitação e análise em um conjunto de textos, pois os seus significados

não podem ser truncadas sob o risco de não mais expressarem o sentido legítimo manifestado no enunciado em questão [...] É imprescindível, portanto, que consideremos, em primeiro lugar, o sentido que a lexia, ou conjunto de lexias, evoca no enunciado (SANTOS, 2013, p.25).

Nesse sentido, Biderman (1978) aponta que o processo de segmentação das partes constituintes de um texto, no caso, as unidades léxicas ou lexemas, precisa considerar a articulação e o significado global do enunciado e do discurso. Ou seja, em uma análise das escolhas lexicais de um enunciado, não é adequado analisar as unidades léxicas de forma isolada, mas, sim, em relação a outras unidades que compõem o enunciado.

2.3 Relação Léxico e Semântica: campos léxico-semânticos

As unidades lexicais ou palavras de uma língua ou de determinado conjunto de textos podem ser definidas e identificadas a partir de três critérios, sendo que o terceiro corresponde ao critério semântico que, segundo Biderman (1978), apenas a dimensão semântica pode fornecer pistas para identificar a unidade léxica no nível discursivo, uma vez que essa dimensão congrega os dois outros níveis de identificação, o fonológico e o gramatical. Para Gil (2016, p.74), “é no discurso que se organizam as redes de significados lexicais e campos semânticos, ou seja, seções do vocabulário que reúnem determinadas experiências”. Para a autora, as redes de significados lexicais ou os campos semânticos são responsáveis por definir os temas do discurso. Nesse sentido,

é possível perceber que as duas autoras não dissociam a análise lexical da análise semântica, de forma que também não dissociamos neste trabalho. Assim, nesta subseção, apresentamos uma breve explanação sobre os diferentes tipos de Semântica, a relação entre a Semântica e o Léxico e o conceito de campos léxico-semânticos.

2.3.1 Semântica

Comumente, define-se Semântica como a ciência das significações das línguas naturais. No entanto, alguns manuais de Linguística apontam que não é tarefa fácil definir Semântica, bem como seu objeto de estudo, tendo em vista que há várias maneiras de descrever o significado, o que acarreta numa pluralidade de “semânticas”.

Oliveira (2006, p.18), ao tratar do tema, aponta que a Semântica “busca descrever o significado das palavras e das sentenças”, enfatizando que não há consenso entre os semanticistas sobre o que é significado. Segundo a autora, essa falta de consenso levou ao desenvolvimento de várias Semânticas, ou seja, ao desenvolvimento de várias formas de descrever e explicar o significado, são elas: Semântica Formal, Semântica da Enunciação, Semântica Cognitiva, Semântica Lexical, Semântica Semiótica, Semântica Linguística. Cada semântica elege a sua noção particular de significado.

Assim, ainda de acordo com Oliveira (2006, p. 19), para a Semântica Formal o significado é um termo composto por duas faces, o sentido e a referência. A Semântica Formal descreve o problema do significado a partir do postulado de que as sentenças se estruturam logicamente.

Segundo os apontamentos de Oliveira (2006), observamos que vários trabalhos foram realizados a partir dessa pressuposição, dentre eles podemos destacar o trabalho de Oswald Ducrot, que se opõe ao tratamento que a Semântica Formal traz sobre pressuposição e significado. De acordo com os estudos realizados por Ducrot, a linguagem constitui o mundo, por isso não é possível sair dela. A Semântica da Enunciação certamente se inscreve nessa perspectiva.

De acordo com Oliveira (2006), os estudos da Semântica Cognitiva iniciaram-se em 1980, com as pesquisas de Georfe Kakoff e Mark Johnson quando os pesquisadores partiram da hipótese de que o significado é que é central na investigação sobre a linguagem, chocando-se, portanto, com a abordagem gerativista, que defende a centralidade da Sintaxe. A Semântica Cognitiva, segundo Oliveira (2006), combate a ideia presente em algumas abordagens formais, de que a linguagem está numa relação

de correspondência direta com o mundo, pois, nessa perspectiva, o significado não tem a ver com a relação de pareamento entre linguagem e mundo. Por isso, o significado é uma questão de cognição, e não um fenômeno pura ou prioritariamente linguístico. A linguagem articulada não é mais uma das manifestações superficiais de nossa estruturação cognitiva, que lhe antecede e dá consistência.

Diante dessa perspectiva, podemos dizer que o presente trabalho vai ao encontro da perspectiva da Semântica Cognitiva, pois nesse estudo abordamos o léxico a partir de uma dimensão semântica – discursiva, ou seja, a unidade lexical é abordada como uma estratégia na ação discursiva, que pretende fixar uma posição ideológica na mente dos enunciatários, ou seja, o léxico tem uma estreita relação com os valores e visões de mundo da comunidade linguística a que pertence. Sendo assim, o léxico pode ser compreendido não apenas como um repertório de palavras de uma língua, mas como uma estratégia de revelar valores culturais, sociais, históricos entre outros.

De acordo com Lopes (2008, p.232), observamos que a definição de Semântica pode ser vista como a ciência das significações das línguas naturais. Por isso, o autor estabelece a diferença existente entre uma Semântica Linguística, cujo objetivo é estudar a forma do plano do conteúdo das línguas naturais, e uma Semântica Semiótica, cuja principal finalidade é a de estudar a significação dos sistemas de signos.

Lopes (2008, p.233), aponta que a Semântica Linguística deve abranger o estudo do léxico e o estudo das estruturas gramaticais, no que diz respeito aos aspectos morfológicos e sintáticos. Nesta pesquisa, o que nos interessa é o fato de que a Semântica Linguística abrange o estudo do léxico, tendo em vista o nosso objeto de análise.

Ainda segundo Lopes (2008, p. 233), embora a Semântica seja uma das áreas mais antigas do campo de investigação da Linguística, ela ainda é tida como “a menos científica desses domínios”, pois o sentido, em si, é sempre o resultado de uma interpretação e

atribuir tal ou qual sentido a uma mensagem significa construir uma metalinguagem parafrásica; ora, as parafrases são ou não científicas (isto é, da ordem da “compreensão intuitiva” do homem comum para quem as palavras dizem sempre aquilo mesmo que desejam dizer), ou científicas (isto é, são modelos, construtos mentais que objetivam descrever o funcionamento dos conteúdos linguísticos, tal como as fórmulas matemáticas ou químicas) (LOPES, 2008, p.233).

Trazendo essas considerações para o nosso objeto de análise, é possível dizer que nossa tarefa é mais interpretativa, visto que analisamos como a religiosidade e a etnicidade são tratadas nas canções através das escolhas lexicais interpretadas por Clara Nunes. Nesse sentido, vale ressaltar que as palavras das letras dos sambas são interpretadas tendo em visto as relações que mantêm entre si.

Recorrendo às postulações de Saussure, o autor demonstra que todo e qualquer elemento da língua coloca-se no interior de uma classe, associando-se a outros elementos e formando um sistema. Para ilustrar esse processo de como as palavras se relacionam semanticamente, Lopes (2008, p. 242) mostra que as palavras “escola”, “aprendizagem”, “ensino”, que são, na voz do autor, memorizáveis como membros de uma mesma classe de sentidos, no caso “educação”, têm uma mesma marca semântica na sua base, ou seja, o sema “educação”. Com o intuito de reforçar que as palavras se associam no interior de uma classe, porém, não se confundem. Lopes (2008, p.235), aponta que “marido” e “mulher” não são sinônimos, mas essas possuem uma relação semântica que não existe, por exemplo, entre “marido” e “queijo”.

Na voz do autor, o próprio léxico pode ser considerado, em seu conjunto, como um imenso campo associativo. Um exemplo disso é o dicionário, no qual as palavras definem-se “umas às outras, num processo metalinguístico interminável, cujas fronteiras coincidem, a cada instante, com as fronteiras da própria cultura que a língua expressa”. Assim, o autor ressalta que a noção de interdependência existente entre as palavras é muito importante para a análise do vocabulário de qualquer língua, mostrando que o fenômeno pode ser visto entre os verbos e os substantivos, pois alguns substantivos podem ser sujeitos de determinados verbos: ave, voar; peixe, nadar.

Já entre os adjetivos e os substantivos, essa relação de interdependência também pode ser observada, segundo Lopes (2008, 235), em “cabelos: loiros; leite: coalhado; entre verbos e substantivos ligados por uma relação instrumental, por exemplo, morder: dentes; chutar: pé, e assim por diante”.

Podemos perceber no texto de Pietroforte e Lopes (2010, p.114), que trata da Semântica Lexical, uma aproximação com a Semântica Linguística, pois ambas preocupam-se com o estudo das línguas naturais, porém apresentam maneiras de estudos peculiares com relação ao léxico. Podendo ser explicado da seguinte forma: a Semântica Linguística prioriza o objetivo de estudar a forma do plano e do conteúdo das línguas naturais; já a Semântica lexical, prioriza o estudo sistemático do sentido nas línguas naturais.

De acordo com os estudos de Pietroforte e Lopes (2010, p. 116), na teoria da Semântica Lexical, as palavras são signos dos pensamentos, ou seja, as palavras referem-se às coisas designadas mediante os conceitos. Nessa concepção, os estudiosos sempre acreditaram que as palavras remetem aos conceitos e que estes, por sua vez, representam as coisas.

Assim, é possível dizer que, a Semântica Linguística e a Semântica Lexical preocupam-se com a linguagem, com o sentido expressos pelas palavras e, tanto para uma como para a outra, as palavras são definidas umas em relação às outras, associando-se no interior de uma classe, conforme aponta Lopes (2008).

Ao trazer essas considerações para a análise de nosso objeto de estudo, percebemos a importância das referidas abordagens para fundamentar a presente pesquisa, pois as escolhas lexicais presentes nas letras dos sambas interpretados por Clara Nunes são analisadas, reconhecendo as relações existentes entre si, ou seja, como se associam no interior de classes semânticas, ou melhor, de campos léxico-semânticos.

2.3.2 Semântica e Lexicologia: definição de campos léxico-semânticos

Conforme dito anteriormente, a Lexicologia é a ciência que analisa o léxico de uma determinada língua, a partir dos aspectos etimológicos, morfológicos, fonológicos, sintáticos e semânticos. Porém, de acordo com Gil (2006) é com a Semântica que a Lexicologia se relaciona, visto que a análise do conteúdo dos lexemas ou sintagmas lexicalizados é objeto de análise da Semântica Lexical.

Relacionando Semântica e Lexicologia, Lopes (2008, p. 233) aponta que as unidades léxicas são absorvidas no interior de campos semânticos afins. Desse modo, na visão do autor, não é possível dissociar uma análise do léxico sem considerar os campos semânticos aos quais as palavras pertencem, pois “as unidades léxicas de uma língua se deixam reunir em grupos estruturados de tal modo que cada unidade fica ali definida pelo lugar que ocupa respectivamente à posição dos demais”. Ou seja, as palavras se agrupam em campos Semânticos.

Considerando as postulações de Lopes e Gil, para a análise aqui empreendida, agrupamos as palavras em campos semânticos, tendo em vista a temática da religiosidade presente nas canções interpretadas por Clara Nunes que, em nosso ver, constitui-se como um grande campo semântico que comporta unidades lexicais específicas.

Gil (2004) ao delimitar campos léxico-semânticos em letras de sambas, define:

“campo semântico como uma seção do vocabulário na qual uma face específica da experiência humana encontra-se organizada por meio de um número determinado de vocábulos, de modo que cada vocábulo contribui para a delimitação do outro, em uma relação de interdependência”.

(GIL, 2004, p. 88)

Em outras palavras, a autora destaca que a experiência organizada do homem resulta em um campo semântico, sendo que cada campo organiza as ideias e o pensamento de forma diferente de uma língua para outra, de uma cultura para outra.

Embora os sambas interpretados por Clara Nunes não tenham sido compostos por ela, é possível dizer que, ao escolher interpretá-los, acabou por demonstrar como uma face de sua experiência com religiões de matriz africana encontrava-se organizada e como essa experiência é entendida por ela, sendo que, na nossa visão, essa experiência ou o ponto de vista construído podem ser também compreendidos pelas escolhas lexicais presentes nas canções e pela determinação de campos léxico-semânticos.

Gil (2004, p. 89) define o léxico como um modelo “constituído pela repartição de um contínuo de conteúdo (lexical) por diferentes unidades da língua – os lexemas –, unidades que se opõem entre si por traços mínimos de conteúdo – os semas”.

Já uma análise semântica de um *corpus* específico, realizada por meio da determinação de campos lexicais, identifica, segundo a autora, citando Coseriu (1977), o significado do léxico do *corpus*, de modo a eliminar outros possíveis significados para significantes iguais. Nesse sentido, podemos dizer que os significados das palavras só podem ser determinados tendo em vista o *corpus* no qual elas ocorrem e a relação delas com as demais palavras do *corpus*.

Gil (2004, p. 90) aponta que as para campo lexical e campo semântico são bem próximas, ou melhor, similares e, por isso, a autora funde os termos, utilizando-se da terminologia campo léxico- semântico.

Sendo assim, podemos entender que o significado lexical se dá na medida em que o léxico possibilita enxergar como as experiências humanas se organizam, gerando mudanças na vida dos indivíduos.

Em nossa visão, isso pode ser verificado no vocabulário das letras de música, mais especificamente, nas letras de samba que trazem em sua temática palavras que recobrem uma face da cultura de um povo, no caso, a religião. Nesse sentido, GIL (2004, p. 90) mostra os campos léxico-semânticos como uma possível sistematização do

léxico, devem refletir traços do seu dinamismo, e, particularmente, os elementos do pensamento humano, marcas de diferentes culturas e maneiras de o homem pensar o mundo.

Assim, a título de organização para uma análise lexical, Santos (2013, p.26) explica que, para analisar o léxico de um conjunto do texto, faz-se necessário, em um primeiro momento, observar o sentido que as lexias evocam no enunciado para, posteriormente, agrupá-las em campos semânticos, de modo que tal agrupamento dá origem aos campos léxico-semânticos. O processo de agrupamento segue critérios semânticos e são os semas, traços de significados das lexias, que determinam o agrupamento ou a organização das lexias em campos semânticos, melhor evidenciando os sentidos no discurso, sendo que:

as lexias que podem construir um campo devem ter ao menos um sema em comum [...] A importância do agrupamento das lexias em campos semânticos é a de deixar evidentes os aspectos de sentido no discurso por meio do emprego lexical (SANTOS, 2013, p. 26).

Nesse sentido, acredita-se que a compreensão de como o ponto de vista sobre as religiões de matriz africana e sobre o afrodescendente é construído nos sambas interpretados por Clara Nunes pode servir de base para que essas religiões passem a ser mais respeitadas, principalmente, em sala de aula, local de trabalho desta pesquisadora.

Em outras palavras, acreditamos que um trabalho que incida sobre as escolhas lexicais e determinação dos campos semânticos que recobrem os referidos sambas pode auxiliar para romper com uma visão negativa, ultrapassada e estereotipada sobre as religiões de matriz africana. Para atingir esse objetivo, nos apoiamos nas postulações de Gil, pois:

assim como no léxico é manifestada a necessidade humana de “dizer algo”, também o são os anseios e a obrigação de dar forma às novidades que são criadas pelos integrantes de uma comunidade e de renovar o que não se sustenta mais. Por isso justifica-se a necessidade de uma investigação sistemática dos significados lexicais que consiga esclarecer essas ações que o homem vem realizando em sua produção lexical (GIL, 2004, p. 89).

Considerando, então, que o campo léxico-semântico configura-se como uma especificidade do vocabulário que revela um determinado conteúdo; acreditamos assim como Gil (2004), que sua determinação auxilia na compreensão das influências que o homem realiza e sofre ao agir por meio da linguagem. Assim, no próximo capítulo, tecemos algumas considerações sobre Clara Nunes, o samba e as religiões de matriz africana, a fim de melhor contextualizar as canções analisadas nesta pesquisa.

CAPÍTULO 3 - CLARA NUNES NO UNIVERSO MUSICAL E RELIGIOSO

O objetivo deste capítulo é o de fazer uma breve contextualização das canções interpretadas por Clara Nunes. Assim, julgamos necessário, em um primeiro momento, tratar da origem da canção e do samba, no sentido de estabelecer relações entre este estilo musical e as religiões de matriz africana. Posteriormente, apresentamos alguns aspectos da biografia da cantora para, então, apresentar o contexto social e histórico das canções interpretadas por ela.

3.1 Origem da Canção

Segundo Teberosky (2000, s/p), a música desde sempre esteve presente no universo, visto que os sons da natureza (barulho das ondas do mar, o canto dos pássaros, o som do vento, etc.) representaram uma canção natural, que ajudou a dar origem à música, sendo esta considerada marca cultural da sociedade moderna. De acordo com a autora, os antigos hominídeos foram capazes de distinguir os sons da natureza para sobreviverem e, por instinto, descobriram a voz como instrumento musical. Desse modo, “com a evolução do homem primitivo vieram os instrumentos para facilitar o dia a dia (utensílios, instrumentos de caça e pesca) e posteriormente houve a criação de equipamentos que faziam barulhos interessantes” (TEBEROSKY, 2000, s/p).

Na voz da autora Teberosky (2000) foi durante a Idade Média, mais precisamente no século XI, que um movimento literário poético, chamado de Trovadorismo⁸, deu origem às cantigas, que, inspiradas na Antiguidade Clássica⁹, constituídas por poemas cantados com auxílio da voz e outro instrumento de corda (lira, harpa ou alaúde).

Segundo a autora, essas cantigas, entoadas em latim, apresentadas em jograis, tinham como tema o amor cortês por alguém intocável (cantiga de amor), a glorificação do sentimento real por outra pessoa (cantiga de amigo), críticas indiretas ou diretas de cunho zombeteiro (cantigas de escárnio e maldizer) às pessoas da sociedade da época. Posteriormente, com a ascensão do Renascimento¹⁰, há uma promoção do surgimento

⁸ O Trovadorismo é considerado o primeiro movimento literário da Língua Portuguesa, que surgiu na Idade Média, no século XI, pois dele surgiram as primeiras manifestações literárias.

⁹ Antiguidade Clássica: é considerado o período da história da Europa que se estende, aproximadamente, do século VIII a. C, com o surgimento da poesia grega de Homero, até a queda do Império Romano do Ocidente do século V d. C.

¹⁰ Renascimento: importante movimento de ordem artística, cultural e científica, que deflagrou a passagem da Idade Média para a Moderna.

de músicas universais compostas na língua nacional do artista, e não mais em latim, atingindo, assim, a população geral. Em seguida, com o movimento do Romantismo, surge a liberdade na concepção musical e muitas transformações aconteceram depois desse movimento como, por exemplo, a reflexão do homem em relação ao mundo em que ele vive.

Entendemos, portanto, que a música foi e é recriada de geração em geração, é influenciada por diversas sociedades, sendo assim, complexa e passível de ser modificada diariamente para a reflexão e anseios do homem. Por isso, escolhemos os sambas interpretados por Clara Nunes, pois entendemos que através das escolhas lexicais podemos compreender a visão de mundo da intérprete.

3.1.1 Origem do Samba e as Religiões de Matriz Africana

O samba é considerado por muitos críticos de música popular, artistas, historiadores como o mais original dos gêneros musicais brasileiros ou o gênero musical tipicamente brasileiro, apesar de ter suas origens no Continente Africano. De acordo com Tinhorão (1988), o samba originou-se dos antigos batuques trazidos pelos africanos que vieram como escravos para o Brasil. Esses batuques estavam geralmente associados a elementos religiosos, que instituíam entre os negros uma espécie de comunicação ritual através da música e da dança, da percussão e dos movimentos do corpo. Os ritmos do batuque, aos poucos, foram incorporando elementos de outros tipos de música, sobretudo no cenário do Rio de Janeiro do século XIX.

Tinhorão (1988, p.11) aponta em seu livro, *Os sons dos negros no Brasil*, que foi a partir do século XIX, quando a cidade do Rio de Janeiro tornou-se a capital do Império e passou a transportar negros vindos de outras regiões do país, sobretudo da Bahia, que nasceram os aglomerados em torno das religiões iorubás¹¹ na região central da cidade, onde atuavam mães e pais de santo¹². Foi nesse ambiente que as primeiras rodas de samba apareceram, misturando os elementos do batuque africano com a polca e o maxixe.

A palavra “samba”, de acordo com Tinhorão (1988, p.69), remete, propriamente, à diversão e à festa. O autor aponta também que, mesmo com falta de dados sobre a vida dos negros, é possível verificar com a documentação oficial deixada pelos

¹¹ Religiões Iorubás: são religiões dos povos iorubanos ou nagôs, que se constituem um dos maiores grupos étnicos-linguístico da África Ocidental.

¹² Pai de santo: é o termo utilizado nas religiões afro-brasileiras para designar a pessoa responsável ou que possua autoridade máxima em um terreiro de umbanda ou candomblé.

religiosos da época e os cronistas do século XVI, que esses documentos dão a conhecer sobre a música, os cantos no período da colonização,

embora a referência mais antiga a uma música possivelmente não religiosa refira-se ao som produzido em meio a “boa devota música” pelo irmão Barnabé Telo, diante do presépio armado pelos jesuítas na povoação da Bahia, no Natal de 1583 – quando, no dizer do cronista padre Fernão Cardim, o “irmão de Barnabé nos alegrava com seu berimbau” – o padre José de Anchieta veria no ano seguinte (1584), em uma das casas de ensino da própria Bahia, os meninos índios fazerem suas danças à portuguesa, com tamboris e violas com muita graça, como se fossem meninos portugueses. Ora, se os brancos e indígenas tinham oportunidade de cantar e folgar em estilo visivelmente fora do modelo das atividades lúdico-religiosas criadas pelos jesuítas para promover a catequese, ou tradicionalmente presas ao calendário das festas da Igreja importadas de Portugal, não há por que imaginar que os escravos negros não tivessem também ocasião de entregar-se a suas danças e cantos africanos, ou até – quem sabe – de participar (tal como acontecia com os índios) de manifestações musicais particulares de brancos europeus. (TINHORÃO, 1988, p. 27)

Ou seja, de acordo com os poucos documentos deixados, não há como negar a aproximação dos índios, negros e portugueses nesse período, nos revelando uma forte influência entre as culturas nesse período da colonização do Brasil e é nesse processo de aproximação de culturas que os negros começam a deixar os seus primeiros registros da cultura africana no Brasil.

No livro de Tinhorão (1997, p.17), intitulado *Música popular – um tema em debate*, verifica-se que o samba surgiu no período que vai de 1870 (quando a decadência do café no vale do Paraíba começa a liberar a mão-de-obra escrava destinada a consolidar as camadas populares do Rio de Janeiro) até 1930 (quando uma classe média urbana gerada pelo progresso de industrialização anuncia a sua presença com o Estado Novo).

Esse gênero musical de acordo com o autor representava a contribuição cultural das primeiras camadas de caráter realmente urbano do Rio de Janeiro, pois segundo ele, o que existia, até então, era a música operística da elite, os gêneros estrangeiros, importados para uso das camadas médias e populares, e, finalmente, o batuque, de origem africana, exclusivo dos negros que formavam a maioria da camada social mais baixa.

O samba não nasceu do desdobramento eventual de uma maneira de tocar, como nos revela o pesquisador, mas constituíram criações conscientes destinadas a atender a

fins específicos, ou seja, a necessidade de ritmos capazes de servir à cadência das passeatas dos ranchos e à procissão dos blocos e cordões carnavalescos.

De acordo com o historiador, o samba nasceu como gênero carnavalesco a partir do aproveitamento de ritmos baianos por parte dos compositores cariocas, passando, também, em pouco tempo, ao domínio dos primeiros profissionais da classe média envolvidos com o universo musical, ou seja: os donos dos meios de comunicação e produção musical (gravadoras). No que diz respeito à evolução desse ritmo, é possível dizer que sofreu influências da música norte-americana, principalmente do jazz. O reflexo dessa influência pode ser notado nas canções de Pixinguinha (TINHORÃO, 1997, p. 38).

Tinhorão (1997, p. 40) postula que a história do samba é, assim, a história da ascensão social contínua de um gênero de música popular urbana, num fenômeno em tudo semelhante ao do jazz, nos Estados Unidos. Fixado como gênero musical de compositores de camadas sociais menos favorecidas, a partir de motivos ainda cultivados no fim do século XIX por negros oriundos da zona rural, o samba criado à base de instrumentos de percussão passou ao domínio da classe média. A partir da década de 30, passou haver vários tipos de samba, conforme a camada social a que se dirigia e junto com ele estilos de dança.

As danças, associadas ao samba, segundo Tinhorão (1998, p. 45), eram a iundu, a fofa e o fado, destinadas a uma espécie de ascensão social a partir de sua criação por brancos e mestiços das baixas camadas – o iundu foi chegando aos salões das elites sob a forma de canção, a fofa e o fado foram transformados, respectivamente em dança e canção do povo português; os batuques herdeiros das rodas de danças que ficariam como expressões quase exclusivas de negros e mestiços do campo e das cidades no Brasil. Essas danças tinham como característica coreográfica comum o uso da umbigada (ostensivamente aplicada, ou apenas insinuada pela aproximação frontal dos corpos dos bailarinos, que batem palmas), por isso, que segundo Tinhorão, as rodas de batuque identificadas por essa marca da samba africana passaram a ser chamadas de sambas.

Ainda de acordo com Tinhorão, é evidente que o gênero de música urbana cantada, aparecido nas primeiras décadas do século XX com o nome de samba, ainda estava longe de ganhar a estrutura com que viria a ser reconhecido, mas seus elementos básicos já integravam, por certo, as várias danças saídas desses batuques de samba.

Nas palavras de Tinhorão (1988, p. 30), as mais antigas imagens de escravos registrados em postura de dança no Brasil são as encontradas nas telas do pintor Frans

Post, principalmente no quadro de 1647, intitulado “História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil”. Conforme o autor, nas referidas telas, os negros escravos são mostrados em pequenos grupos, dançando ao som de tambores do tipo candongueiro (tambores que transportavam presos à altura da cintura por uma correia passada transversalmente sobre o ombro direito) e de chocalhos de cabaças. Nas palavras do historiador, quando os escravos terminavam sua estafante semana de trabalho, eram lhes concedido os domingos como dia de “lazer”, nos quais se reuniam em locais determinados, onde dançavam saltando, ao som de tambores e apitos.

As obras de Frans Post também revelam que foi em Pernambuco, ocupado pelos holandeses da terceira década dos anos seiscentos, que os escravos africanos conseguiam, em certas ocasiões, exercitar seus ritmos e danças e, conseqüentemente, mesmo de forma discreta, conseguiam realizar seus rituais religiosos, através de manifestações à base de instrumentos de percussão, que os portugueses definiram genericamente sob o nome de batuques. E, aliás, não apenas essas manifestações sonoras eram ligadas ao prazer de horas de folga e das práticas da religião, mas também à música de guerra (TINHORÃO, 1998, p. 30).

No que diz respeito a essas manifestações, o autor aponta que:

é ao poeta Gregório de Matos Guerra (1636-1696) que se devem, de fato, as mais antigas referências à realização dessas cerimônias religiosas que, por incluírem a invocação de entidades chamadas calundus (identificadas por Cordeiro da Mata, em seu Ensaio de dicionário *kimbundu- português*, como o kilundu, “divindade secundária responsável pelo destino de cada pessoa”), acabariam passando esse nome aos sons de seus batuques. As referências do poeta satírico aos calundus apareceriam em duas composições da sua fase na Bahia, entre 1679, quando chega de Coimbra, nomeado para desembargador de Relação da eclesiástica em Salvador, e 1694, quando é deportado para Angola. Na primeira delas – um “romance” em que se apresenta como procurador da Bahia para inocentá-la de defeitos, sob o argumento de que não constituíam culpa sua. (TINHORÃO, 1988, p. 31)

Diante do exposto, depreende-se que é possível perceber, através dos registros de Gregório de Matos, os primeiros rituais religiosos realizados pelos negros escravizados, aqui no Brasil. No que se refere aos espaços onde os rituais eram realizados, Tinhorão (1988) aponta que:

em terreiros abertos nos matos próximos da cidade, e de chamados quilombos (do ambundo *Kilombo*, “acampamento na mata”, “lugar de

pouso durante as viagens”), realizavam os negros, por aqueles meados do século XVII, sessões de religiões africanas em que mestres de cachimbo (por certo sacerdotes hoje conhecidos como *babalorixás*) invocavam calundus para saber o destino de mulheres desprezadas (a maioria) e de homens em dúvida quanto a perspectivas amorosas (“galãs desfavorecidos”). E como tais rituais incluíam, necessariamente, o ritmo dos tambores a atabaques, além de danças das filhas de santo, os que não procuravam tais quilombos por fé – pagando para isso “belas patacas” a negros “jubilados em depenar tais patinhos” – justificavam sua presença com a procura de diversão (“por passatempo, por costume, ou por estilo”). (TINHORÃO, 1988, p. 33)

Então, de acordo com a obra de Gregório de Matos apresentada por Tinhorão, verifica-se que no século XVII já havia relatos de sessões religiosas africanas realizadas por negros em terreiros abertos, denominados quilombos. Trazendo esse registro para este trabalho, pode-se se dizer que esse dado é importante para compreendermos a origem dos sambas com temática das religiões de matriz africana e, conseqüentemente, sobre o negro, pois conseguimos assim pontuar num dado momento da história, o surgimento desses rituais e sua associação com o samba.

Esses rituais passaram a ter graves conseqüências para os negros, pois muitos senhores os viam como uma inaceitável afirmação de resistência da cultura dominada; por isso, os rituais passaram a ser proibidos pelos senhores donos de escravos. Nesse momento, os colonizadores passam a doutriná-los contra a idolatria, ou seja, muitos negros eram obrigados a ficar de joelhos e a rezar o ato de contrição¹³ para o livramento de seus pecados. E, como alguns negros resistiam a tal situação, eles eram punidos severamente, muitas vezes, pagando com a própria vida (TINHORÃO, 1988, p. 33).

No que se refere ao surgimento das religiões de matriz africana, é possível observar que a palavra umbanda, de acordo com Linares (2015, p. 51 citando Bandeira, 1941) é originária da língua Quimbundo, encontrada em muitos dialetos bantus, falados em Angola, Congo e Guiné. Conforme o autor, o vocábulo Umbanda é oriundo do Sânscrito, a mais antiga e polida de todas as línguas da Terra, a raiz mestra, por assim dizer, das demais línguas existentes no mundo. Segundo ele, sua etimologia provém de AUM – BANDHĀ (Om-Bandá) em Sânscrito, ou seja, o limite do ilimitado. De acordo com o pesquisador, resumidamente tem-se “umbanda” em vários sentidos, tais como: arte de curar, ofício de oculista, ciência médica, magia de curar. A formação da origem da umbanda tem influência de valores de três culturas principais, a saber: a cultura

¹³ Ato de contrição: é uma oração cristã que expressa tristeza ou arrependimento do pecador pelos seus pecados cometidos.

branca europeia (catolicismo e kardecismo), cultura negra africana (elemento escravo) e a cultura vermelha ameríndia (índios nativos que o branco tentou escravizar).

Buonfiglio (1992, p.22) mostra que a religião dos negros africanos teve sua origem na Pérsia, passando pela Palestina, seguiu o curso do Nilo, tendo chegado ao Sudão e à Nigéria para se desenvolver especialmente entre os haussas, uma tribo do norte da Nigéria. De acordo com a origem da religião dos negros africanos, outros pesquisadores acreditam que os nigerianos seriam ascendentes diretos do povo que habitou a lendária Atlântida. Pertencentes de uma cultura significativa, os atlantes teriam escolhido lugares como o Egito, o Brasil (na Região Amazônica), o Peru e Portugal para continuar com os ensinamentos após a catástrofe que ocorreu com a imersão da Atlântida.¹⁴

Linares (2015) aponta que, por serem os negros do Rio de Janeiro uma parcela expressiva da população, rapidamente passou-se a contar com muitos médiuns¹⁵ da etnia negra e que, sentindo-se à vontade pela ausência de preconceitos, pela familiaridade que ainda traziam dos ritos que realizavam em seu país de origem e pela designação dos santos católicos com os nomes dos orixás africanos, enriqueceram o ritual umbandista. Trouxeram ritos e instrumentos característicos africanos, introduzindo o uso dos atabaques, dos agogôs. Os rituais religiosos passaram a fazer parte dos momentos de festas e/ ou cerimônias realizadas pelos negros escravos.

Vale salientar que a umbanda brasileira da forma como conhecemos hoje, foi difundida em Niterói, por volta de 1908.

Conforme Linares (2015, p. 72), o surgimento do candomblé não foi diferente do surgimento da umbanda, pois quando, “à noite, a maioria dos negros escravos e senhores brancos dormiam, os negros mais velhos procuravam encontrar àqueles os quais poderiam ensinar o culto aos Orixás”. Essas pessoas mais velhas, muitas vezes, eram guiadas pelos espíritos dos índios amigos, que os conduziam aos diferentes reinos da natureza. Já os iniciantes, jovens negros escolhidos pelos mais velhos, realizavam suas obrigações aos Orixás¹⁶.

¹⁴ É uma lendária ilha ou continente cuja primeira menção conhecida remonta a Platão em suas obras “Timeu ou a Natureza e Crítias ou Atlântida. De acordo com os contos de Platão, Atlântida era uma potência naval localizada nas Colunas de Hércules, que conquistou muitas partes da Europa Ocidental e África 9.600 anos a. C. Após uma tentativa fracassada de invadir Atenas, Atlântida afundou no Oceano.

¹⁵ Médiun: pessoa que, segundo o espiritismo, tem a capacidade de se comunicar com os espíritos, com pessoas que estão mortas.

¹⁶ Ato litúrgico ou oferenda que o praticante umbandista realiza ao orixá, visando conseguir determinado objetivo.

Os estudos realizados por Buonfiglio (1992, p. 51) apontam que com a miscigenação de negros vindos de várias regiões da África, várias religiões e credos se desenvolveram no Brasil; dentre eles, a autora destaca “o candomblé (casa onde bate os pés)”. Observa-se que até o significado da palavra candomblé remete à dança. Ou seja, o candomblé nasce do contato dos negros de diferentes regiões do Continente Africano em contato com o povo brasileiro. Esses estudos mostram que as manifestações religiosas com origem africana começaram a chegar ao Brasil nos tempos coloniais. Os negros realizavam práticas de Candomblé em senzalas espalhadas pelas fazendas do território através de danças, magias, instrumentos percussivos, cantos, curas e adivinhações. Buonfiglio (1992) indica que o desenvolvimento dos terreiros de Candomblé começou a partir do século XVIII. Conforme a autora, o crescimento dos centros urbanos contribuiu para que os negros se reunissem, organizando experiências religiosas de forma regular. Foi nesse contexto que esta prática começou a se consolidar como uma religião.

No século XIX já era possível nomear locais (sobrados antigos e casarões coletivos) onde negros livres se encontravam para prestar culto. De acordo com Buonfiglio, mesmo com a repressão imposta pelas autoridades, o Candomblé começou a se desenvolver. A abolição da escravatura fez com que as crenças afro-brasileiras evoluíssem muito. Nesse momento, os primeiros terreiros de Candomblé começaram a ser criados. Isto deu forma aos rituais e crenças que definem este movimento. Além de oferecerem fé e espiritualidade, os terreiros funcionaram como meio de socialização e lugar de lazer e solidariedade.

Na voz da autora, o culto aos orixás está diretamente ligado à noção de família, englobando os vivos e os mortos. O orixá seria, a princípio, um ancestral divinizado que, em vida, garantia o controle sobre certas forças da natureza como o vento, a chuva, as águas doces ou salgadas, assegurando a seus descendentes a possibilidade de exercer certas atividades como a caça, o trabalho com os metais, ou adquirir conhecimentos sobre as propriedades das plantas e sua utilização. Assim, é possível dizer que a força do orixá está solta na natureza, sendo que parte dessa força pode ser guardada e preservada, simbolicamente, em uma pedra chamada “otá”, que é colocada em uma vasilha, ficando aos cuidados de uma mãe de santo, pessoa responsável em executar trabalhos relativos aos rituais realizados.

Buonfiglio (1992) define que o orixá de cada um é caracterizado a partir da predominância de um determinado elemento associado à composição do seu corpo e

características psicológicas mais acentuadas, dando oportunidade de associação com arquétipos dos deuses. Por exemplo, Clara Nunes se dizia filha de Iansã como consta na biografia de Fernandes (1997).

Deste modo, a autora explicita que, a partir dessas práticas, nasceram as raízes de um culto que não seria exatamente aquele que eles realizavam no Continente Africano, mas que reunia elementos das várias nações africanas, somados aos hábitos cristãos que lhes eram impostos pelos senhores brancos. Posto assim, essa primeira ligação cultural religiosa passaria a receber o nome de candomblé, ou seja, uma natureza mista, brasileira.

3.1.2 Algumas considerações sobre os Orixás

Nesta parte do trabalho, julga-se necessário tecer breves considerações sobre os orixás, uma vez que são os deuses cultuados pelas religiões de matriz africana e, por conseguinte, tematizados nas canções analisadas nesta pesquisa. Assim, conforme Buonfiglio (1992, p. 22) existem várias definições a respeito dos orixás. Segundo a pesquisadora, a maioria das definições coincide em alguns pontos básicos, que permite afirmar que os orixás são divindades (em que *ori* significa cabeça, e *xa*, força) intermediárias entre o Deus Supremo (Olorum) e o mundo terrestre, e são encarregadas de administrar a criação e se comunicam com os homens através de rituais complexos, que, aqui no Brasil, podem ser observados em terreiros de umbanda e candomblé.

De acordo com a autora, os orixás têm forte influência na vida e no destino dos seres humanos, pois segundo ela, é comum ouvir nos terreiros ou no dia-a-dia dos adeptos dessas religiões, frase como estas: “Eu sou deste jeito porque sou filha de Iansã”; “Se minha mãe é arretada, eu também sou”. Buonfiglio (1992, p. 22). Sendo assim, podemos entender que os orixás possuem personalidades e características próximas das características humanas, o que fazem deles semideuses.

Conforme os estudos realizados por Buonfiglio (1992), podemos descrever as divindades como seres caprichosos, que amam, odeiam, beneficiam, castigam e curam de acordo com sua natureza. Eles têm cores específicas, gestos e danças, comidas e animais de sua predileção. A pesquisadora postula que ninguém sabe ao certo quantos orixás existem, partindo-se do princípio de que eles são tudo o que é vivo, ou seja, a natureza. Calcula-se que o culto aos orixás em várias cidades (tribos) giraria em torno de 400 semideuses. Segundo ela, durante o tráfico negreiro, há cerca de um século e meio, o culto aos ancestrais ficou restrito a umas 50 divindades. Dessas, 16 tiveram

mais força, foram mais invocadas, pois eram guerreiros e, por isso, ligados à sobrevivência e à resistência. Abaixo, segue o resumo das principais características desses orixás:

Exu	É o regulador do cosmos, o deus da ordem, tem forte ligação com o fogo, mostrando seu lado ativo e de crescimento. Exu serve de intermediário entre todos os orixás e os seres humanos. É o princípio dinâmico que possibilita a existência, responsável pelo destino de cada um.
Ogum	É o orixá da guerra, deus do ferro, divindade que usa a espada e forja o ferro, transformando-o em instrumento de luta, patrono da força produtiva que trabalha a natureza.
Oxóssi	Responsável pela caça, irmão de Exu e Ogum, é guerreiro solitário, luta pela sobrevivência da tribo e tradicionalmente é associado à lua. O elemento da natureza que esse orixá representa é o ar.
Xangô	Considerado o orixá cujo domínio está nas rochas, principalmente as que foram destruídas por um raio. É viril, atrevido e violento e extremamente justiceiro. Esse orixá é caracterizado pelo elemento terra.
Iansã ou Oya	Deusa dos raios, relâmpagos, é a primeira entidade feminina a surgir nas cerimônias. Iansã sempre impressiona pelo seu temperamento ardente, sensual, impetuoso e justiceiro.
Oxum	Nome de um rio de Oxogbo (Nigéria), Oxum era esposa de Xangô, ela é representada por uma deusa jovem, considerada a deusa da beleza e do dinheiro. Seu elemento é a água (doce).
Oba	É o orixá que domina a paixão, é decidida e objetiva em suas atitudes, também tem como elemento: a água (doce)
Logum	Representa o príncipe das matas e caças, tem um gênio imprevisível, às vezes faceiro. Seus elementos são: ar e água.
Nanã	É um orixá sempre associado à maternidade, é um dos orixás mais velhos da água, que associado às águas do céu e da lama, teria o poder de dar vida e forma aos seres humanos. É a deusa dos pântanos, da morte, da transcendência. Seus elementos são: água e terra

Ibêji	São divindades gêmeas, infantis, orixás- crianças. Por serem gêmeos, estão ligados ao princípio da dualidade de tudo que vai nascer, brotar e criar. São representados por todos os elementos da natureza.
Obaluaê	Deus da varíola, das doenças contagiosas e da peste, aquele que pune os malfeitores, enviando-lhes todos os tipos de doenças. É caracterizado pelo elemento terra.
Ossãim	É um orixá masculino de origem nagô que habita a floresta. Sua principal ligação é com as plantas e vegetais de modo geral, principalmente as plantas destinadas à medicina. Considerado o orixá da medicina, é ligado aos pássaros e a preservação da natureza. Seu elemento é o ar.
Oxumaré	Sua principal função é a dirigir as forças que produzem movimento, ação e transformação, por ser bissexual, tem uma natureza dupla. A dualidade de Oxumaré faz com que ele carregue todos os antônimos básicos dentro de si: bem e mal, dia e noite, doce e amargo. Seus elementos são: ar e água.
Ewá	É a deusa de um rio de mesmo nome na Nigéria, frequentemente é associada com Iemanjá, ela teria domínios sobre os ventos e habitaria as águas de um rio próximo ao Oxum. Seus elementos são: ar e água (doce).
Iemanjá	Ela seria filha de Olokum (mar) e mãe da maioria dos orixás. Sua cor é branca, associada ao orixá Oxalá; juntos teriam realizado a criação do mundo, esse orixá está associado à fertilidade e à fecundidade. Seu elemento: água (salgada).
Oxalá	Representa o céu, o princípio de tudo e foi encarregado de criar o mundo. É considerado o pai de todos os orixás. Seu elemento é o ar.

Quadro construído a partir do livro: *Búzios, o oráculo dos orixás* - Buonfiglio (1992).

3.2 Clara Nunes

Segundo o historiador e jornalista Wagner Fernandes, a implantação da Companhia Fiação e Tecidos Cedro e Cachoeira marcou, em definitivo a história de Caetanópolis, ex- Cedro, onde Clara Francisca Gonçalves nasceu em 12 de agosto de 1942. De acordo com o jornalista, em 12 de dezembro de 1953, o Cedro, emancipado e

desmembrado do município de Paraopeba, passou a se chamar Caetanópolis, em homenagem a Caetano Mascarenhas, um dos três irmãos que haviam fundado a fábrica.

O nome Cedro foi posto de lado por haver uma cidade homônima no estado do Ceará. Por isso, de acordo com Fernandes (2007, p. 32), é compreensível, portanto, que, com a mudança de nomes e emancipação de distritos, as confusões em torno da naturalidade de Clara Francisca e seus conterrâneos se apresentem com constância. De acordo com a biografia de Fernandes (2007), Clara nasceu no Hospital Pacífico. O nome de Batismo foi sugestão das freiras clarissas, que dirigiam o hospital, pelo fato de ela ter nascido 24 horas após o dia de Santa Clara, celebrado em 11 de agosto.

Conforme consta na biografia escrita por Fernandes, Clara Nunes era de origem familiar pobre, sendo que a intérprete passou por muitas dificuldades. Sua infância, segundo o biógrafo, foi marcada pelos afazeres domésticos, que eram distribuídos por seus pais: Mané Serrador e Amélia Gonçalves. Clara Nunes foi criada por seus pais seguindo os costumes rígidos de uma família do interior.

Fernandes (2007, p. 32) ressalta que era nas rodas de brincadeiras entre as crianças do Cedro que Clara se destacava, pois nessas rodas a cantora brincava de teatro e já cantava. Ou seja, desde muito cedo Clara demonstrou seu talento para a música, prazer herdado do pai Mané Serrador, que era violeiro e organizava folias de reis, e exercitava sua habilidade nas brincadeiras de rua, no grupo escolar Caetano Mascarenhas e nas serenatas. Assim, o primeiro palco que Clara pisou foi o do cinema da cidade, um antigo prédio da Matriz, onde se realizavam programas de calouros nos fins de semana por iniciativa de um farmacêutico local. Foi nesse palco que, ainda criança, começou a dar os primeiros passos rumo à música, pois todas as vezes que entrava na disputa, ganhava o primeiro lugar.

Fernandes relata em sua obra que Clara ficou órfã aos seis anos de idade. Seu pai saiu para ir a uma festa de casamento e caiu em um lamaçal, ficando doente por vários dias, até vir a falecer por complicações cardíacas; sua mãe, quatro anos mais tarde, faleceu devido a um câncer no abdômen. A família, após a morte dos pais, se desestruturou, e coube aos irmãos mais velhos assumir a responsabilidade da casa. Assim, a partir da morte dos pais, no ano de 1956, Clara começou a trabalhar como tecelã na Companhia Fiação e Tecidos Cedro e Cachoeira, emprego que, segundo o jornalista foi importante para o sustento de Clara e seus irmãos, já que haviam ficados órfãos, e foi lá que a cantora conheceu Adilson, chefe da seção da tecelagem. O rapaz tinha péssima reputação por ser conquistador. Na voz de Fernandes, o romance entre os

dois acabou vingando e foi bem até três de dezembro de 1957, um ano depois da admissão da menina no emprego.

Segundo o jornalista, “a língua solta” de Adilson daria margem a uma intriga que mudaria o curso da vida de todos. Fernandes (1997, p. 37). O irmão de Clara, aborrecido com as mentiras a respeito de sua irmã, matou Adilson a facadas. O crime levou Clara Nunes a abandonar sua cidade natal rumo a Belo Horizonte, onde passou a morar com uma tia. De acordo com a biografia de Clara, desde então, ela passou a trabalhar em diversas fábricas em Belo Horizonte, mas seu sonho de seguir a carreira artística iniciou quando Aurino, jovem bem relacionado e influente, deu a primeira oportunidade para Clara cantar em uma apresentação realizada na fábrica onde trabalhava.

Na ocasião, ela cantou um samba. A partir desse evento, passou a receber convites para se apresentar nos programas de rádio da época, participando de diversos concursos de calouros, tornando-se conhecida entre os artistas e o público local. Na capital mineira, conforme aponta Fernandes (2007), Clara Nunes torna-se uma celebridade, tornando-se reconhecida como a cantora mais popular de Belo Horizonte. Assim, o contrato com a Rádio Inconfidência foi assinado. Quando a rádio completou 25 anos de existência, em 1961, foi convocada para ser Rainha do jubileu de Prata da emissora e gravou sua primeira canção. A música escolhida foi “Vida Cruel”, escrita por Jair Ambrósio e Wilson Miranda, no ano de 1961.

No que diz respeito à religião, Clara Nunes era de formação católica. Embora não tenha feito primeira comunhão, ela, segundo Fernandes (2007), seguia alguns preceitos do catolicismo. Porém, com o passar dos tempos, passou a se identificar com a doutrina espírita de Allan Kardec, doutrina apresentada por sua amiga Vilarinda Marçal Faria.

De acordo com Fernandes (2007, p. 68), a cantora deixou Belo Horizonte, passando a viver entre o eixo Rio- São Paulo. Nos anos de 1960, o movimento musical que estava em alta era a Jovem Guarda e havia muitos concursos de calouros. Clara Nunes participou de vários concursos até vencer no renomado programa da época, chamado “A voz de Ouro ABC”, em que foi convidada por Milton Miranda, produtor da gravadora Odeon, a gravar, no dia 21 de julho, sua primeira canção, “Amor quando é amor” de Othon Russo e Niquinho. Porém, a estratégia de transformar a intérprete em cantora romântica fracassou.

Conforme o biógrafo, Clara passou por diversas dificuldades financeiras durante esse período em que ainda não fazia sucesso no Brasil. Nesse período de sua vida, conheceu Denise (garota de programa de Copacabana), que apresentou a cantora à Umbanda. Clara Nunes, que, segundo Fernandes (2007), já se identificava com os rituais dessa religião, passou a adotar a Umbanda como primeira opção espiritual, passando, então, a frequentar um terreiro na Rocinha – favela carioca.

Com a expansão dos festivais de Música Popular Brasileira (MPB), Clara Nunes começou a participar desse tipo de disputa com mais intensidade. De acordo com as informações presentes em sua biografia Fernandes (2007), a participação da intérprete deu-se da seguinte forma:

- em 1966, participou do II Festival Nacional da Música Popular Brasileira e foi até a final do concurso, defendendo a música “Perdão”, de Osmar Navarro.

- em janeiro de 1969, na cidade de Três Rios, interior do Rio de Janeiro, consagrou-se vencedora do I Festival da Canção Jovem, defendendo a música “Pra que obedecer”, de Paulinho da Viola e Luís Sérgio Bilheri.

Tendo em vista o sucesso obtido com sua participação em festivais e a vontade de fazer sucesso em território nacional, Clara Nunes gravou, segundo as informações contidas na biografia de Fernandes (2007), um compacto simples com dois sambas-erredo – “Misticismo da África ao Brasil”, da escola de samba Império da Tijuca, e “Festa para um rei Negro” da escola de samba “Acadêmicos do Salgueiro,” ambos do carnaval de 1971, carnaval no qual a cantora estreou na avenida, desfilando pela Portela. O compacto fez sucesso e, de certo modo, sua gravação marca a entrada definitiva da intérprete no universo do samba.

Assim, após o lançamento do compacto, Clara Nunes foi convidada para gravar seu primeiro disco, no qual manteve o samba da escola Império da Tijuca e gravou aquele que viria ser um de seus grandes sucessos, “Ê baiana”, composta por Baianinho, Fabrício da Silva, Miguel Pancrácio e Ênio dos Santos. Conforme Fernandes (2007), nesse disco intitulado: “Claridade”, no ano de 1971, a cantora traz músicas com sons e refrãos que remetem ao candomblé e à umbanda e, para divulgá-lo, passa a se apresentar, em shows e programas de televisão, com vestimenta e adornos inspirados nessas duas religiões e, assim, nascia “Clara Mestiça” (FERNANDES, 2007, p.119).

Clara Nunes, apesar de dizer adepta da umbanda, também participava de cultos do candomblé, de modo que, em entrevistas, a cantora mostrava-se confusa, no que diz respeito a sua pertença religiosa, pois vinha de formação católica, acreditava da doutrina

Kardecista, denominava-se umbandista e participava de rituais do candomblé. Isso permite dizer que a cantora não tinha problemas com o sincretismo religioso, característico da nação brasileira, visto que acreditava no poder dos orixás, e prestava-lhes culto, e gostava de ir à missa. Talvez, esse fato fez com que ela se definisse como umbandista, já que essa religião estabelece relações entre os santos católicos e os orixás (FERNANDES, 2007, p. 35).

Conforme Fernandes (2007), Clara se tornou uma personalidade e o mundo do samba conheceu o talento da mineira. Clara Nunes ficou eternizada no imaginário popular, com seu canto arrebatador, suas vestimentas e expressão corporal que remetiam aos cultos de origem africana.

No auge de sua carreira, após um coma de 28 dias em virtude de uma cirurgia de varizes, que a levou a uma parada cardíaca em virtude de um choque anafilático, aos dois de abril de 1983, quando estava com 41 anos, morre Clara Nunes. Vale salientar que a cantora foi responsável por romper com o estigma de que mulher não vendia discos, por ser considerada pelos críticos da época como a intérprete que mais vendeu discos, no período de 1960 a 1980.

3.2.1 O contexto social e histórico das canções interpretadas por Clara Nunes

Na biografia escrita por Wagner Fernandes (2007), é possível observar que, entre as décadas de 1940 e 1950, Belo Horizonte passou por uma revolução, no que diz respeito à modernização, promovida por Juscelino Kubitschek (JK), que nesse período foi prefeito da cidade e governador do estado e, em 1956, assumiu a presidência da República.

Na década de 1960, o regime militar ganhou força, fato que impunha aos profissionais de todos os segmentos muita cautela em suas atividades. Em 1963, os militares passaram a censurar com bastante rigor e de forma violenta o que era produzido pelos setores culturais, jornalísticos e televisivos, bem como a coibir toda forma de manifestação e ideias que fossem de encontro aos princípios do regime. É neste cenário, que Clara Nunes – participando de festivais de música, conforme apontado na seção anterior – começa a ganhar, mesmo que timidamente, notoriedade no cenário musical.

Segundo Fernandes (2007), Clara, percebendo a situação difícil para os que trabalhavam em órgãos oficiais, aceitou o convite, nos fins dos anos 1970, da Rádio Guarany, deixando a Inconfidência, emissora estatal que, como todas as outras

instituições governamentais, encontravam-se totalmente controlada pelos militares. Como prêmio pela troca de emissora, ela ganhou dos diretores dos Diários Associados um programa na TV Itacolomi. Assim, foi nesse cenário de Regime Militar, de proibições e censura que Clara Nunes despontou interpretando várias canções que tematizavam aspectos das religiões de matriz africana.

Relacionando o contexto social e histórico com as considerações de Van Dijk (2012, s/p), é possível notar que o poder, e as consequências deste, exercem influências sobre a produção discursiva na sociedade. Talvez, sabendo que seu trabalho poderia ser censurado pela ditadura militar, Clara Nunes tenha optado por gravar, nesse período, canções que não traziam, em seu conteúdo, uma crítica direta aos militares e a suas ações, muito embora algumas músicas tenham uma mensagem de resistência, quando rememora a vinda dos escravos para o Brasil, que poderia ter sido associada à resistência oferecida pelas pessoas e artistas que se opunham ao regime da época.

Portanto, vale salientar que as canções interpretadas por Clara Nunes tratam de uma temática restrita a um grupo específico, ou seja, seu conteúdo temático é referente a conhecimentos sociais das religiões de matriz africana e ao negro, parte desse conteúdo se popularizou de algum modo, através da execução das canções, porém, o acesso ao conteúdo significativo pode ser visto como privilégio de grupos sociais adeptos dessas religiões, da mesma forma que esse conteúdo pode ser “atacado” por grupos sociais que discriminam essas religiões e o negro. Esse fator permite dizer que no período da ditadura militar o conteúdo das canções interpretadas por ela não foi atacado por quem detinha o poder, talvez, pelos motivos já apontados.

Van Dijk (2008, p.167), ao tratar do conceito de discurso, aponta que há discursos públicos institucionalizados e eventos discursivos particulares. Assim, as canções interpretadas por Clara Nunes podem ser relacionadas ao discurso musical, que é público e institucionalizado no Brasil por meio de canções. Para o autor, todo discurso público e institucionalizado é analisado por três categorias (poder, controle e acesso), que propiciam a análise do contexto discursivo, de modo que cada uma dessas categorias é definida pelos seus participantes, funções e ações.

Em Van Dijk (2012, s/p), encontramos a exposição de duas formas possíveis de se compreender o discurso. Uma delas, é mais restrita, leva-nos tratá-lo como forma oral ou escrita de interação verbal ou uso da língua. Dessa linha de compreensão ficam excluídos quaisquer elementos extralinguísticos possíveis de influenciar o sentido de um texto, pois tornam apenas dados linguísticos.

Uma segunda possibilidade de compreensão mais ampla, leva-nos a tomar o discurso como sendo um evento comunicativo. Dessa forma, diversos elementos extralinguísticos (entonação, gestos) poderão ser tomados em consideração, de acordo com a pertinência que o analista julga terem na cadeia de produção de sentido.

Podem ser consideradas, ainda, como discurso as expressões de outra natureza que não a verbal. Conforme Van Dijk (2012, s/p), no sentido mais amplo, os discursos podem também apresentar expressões não verbais, tais como desenhos, imagens, gestos, expressões faciais. Portanto, qualquer expressão estética poderia ser compreendida como discurso na medida em que produz sentido. Sendo assim, analisamos as letras dos sambas interpretados por Clara Nunes a fim de evidenciar qual discurso está presente nas letras desses sambas no que se refere às religiões de matriz africana e o negro, a partir das escolhas lexicais compreendidas nesses sambas.

Já podemos identificar em um primeiro momento que esse discurso corrobora para a valorização dessas religiões e do negro, num período marcado pela censura da Ditadura Militar, pois essas canções estão inseridas dentro de um contexto histórico e social do período do Brasil que corresponde aos anos de 1971 a 1982.

Ao abordarmos a categoria poder, da forma com a qual Van Dijk (2012, s/p) discute, observa-se que essa categoria é composta por um conjunto de ações de outros participantes que executam o que o poder decide. Esses outros participantes definem a categoria controle, pois a função de cada participante é controlar as ações dos demais que dão acesso ao público das informações. Assim, a categoria poder, no discurso musical, se define pelos donos de gravadoras, que controlam o que pode ou não ser gravado, o que vai ou não fazer sucesso.

Os participantes do controle são os críticos de música e os membros das gravadoras responsáveis pela pesquisa de *marketing* e pela qualidade da gravação. Desse modo, o acesso decorre de um conjunto de participantes relacionados à própria tecnologia da gravação, que estão envolvidos com a divulgação e com as distribuidoras da gravação. Assim, quando há críticas a respeito das músicas que Clara Nunes interpretou, entende-se que as classes críticas tratam sua música como popular, apesar de tratar de uma temática que representa um grupo social específico e que é historicamente discriminado.

As canções interpretadas por ela têm uma temática específica que não é dominada pelas cognições sociais¹⁷ do povo brasileiro, muito embora faça parte de nossa formação, enquanto nação, sendo que essas canções foram popularizadas por terem sido muito executadas nas rádios brasileiras e emissoras de televisão numa época de ditadura militar, justamente por, talvez, não atacarem o regime político vigente, que também representava o Poder e o exercia inclusive sobre as gravadoras.

Com base nas considerações de Van Dijk (2012, s/p), é possível dizer que, ao tratarmos de contexto, faz-se necessário considerar que o discurso é controlado por outras instâncias, quer seja a instância da linguagem, a social ou a cognitiva. O autor aponta que tratar o contexto implica considerar as categorias sociedade, discurso, cognição e linguagem como as mais abrangentes para analisá-lo. No caso da linguagem, o teórico aponta que essa categoria possibilita a manifestação do discurso. Trazendo essas considerações para a presente pesquisa, entende-se que o discurso, as canções interpretadas por Clara Nunes, pode ser analisado através da observação das escolhas lexicais, que constitui um dos aspectos da linguagem e que é mediada pela cognição, conforme discutido nos capítulos anteriores.

Com base na discussão proposta nesta seção, pode-se observar que o contexto social em que as canções estavam inseridas era o da ditadura militar. Sendo assim, tentamos focalizar que paralelos à carreira musical de Clara Nunes alguns fatos sociais e políticos também estavam ocorrendo. Desse modo, é possível perceber que tratamos de dois contextos, o cenário musical e o político, de forma dinâmica.

A este respeito, Van Dijk (2012, s/p) aponta que os contextos são dinâmicos, de modo que o social guia o individual, embora o individual possa modificar o social, o que permite dizer que Clara Nunes passa a interpretar as canções com temática religiosa, a fim de expressar sua experiência no contexto religioso, sem atacar o regime vigente. Por essa razão, tentamos destacar nesta parte do trabalho a situação social da época de produção das canções e de que forma o sujeito de intenções, Clara Nunes, se inseriu nesse contexto. Assim, conclui-se que, paralelamente à história de vida da intérprete, enquanto uma cantora nacional de sucesso; encontramos um país que também tem sua história. Diante disto, no próximo capítulo, apresentamos a análise do *corpus*.

¹⁷ A cognição social é definida por Van Dijk como uma cognição construída a partir das experiências vivenciadas pelos sujeitos discursivos.

CAPÍTULO 4 - RELIGIÃO E ETNICIDADE NO LÉXICO DOS SAMBAS INTERPRETADOS POR CLARA NUNES

Neste capítulo, apresentamos a análise do *corpus*, a fim de verificar como religiosidade e etnicidade são tematizados em alguns sambas interpretados por Clara Nunes. Para tal, lançamos o olhar para as escolhas lexicais dessas canções, agrupando-as em campos léxico-semânticos. Acredita-se que a análise empreendida revela de uma perspectiva sociocognitivista, um nódulo da experiência da intérprete com as religiões de matriz africana, uma vez que ela dizia-se adepta da umbanda e era frequentadora dos rituais de candomblé – o que permite dizer que a escolha de interpretar canções que tematizavam aspectos dessas religiões não estava ligada a uma simples intenção da cantora de fazer sucesso no universo da música e do samba, mas de manifestar, exaltar e divulgar socialmente sua experiência nesse universo étnico-religioso. Assim, antes de passarmos à análise, tecemos breves considerações sobre os passos metodológicos que guiaram esta pesquisa.

4.1 Considerações metodológicas acerca do estabelecimento do *corpus*

Esta dissertação, quanto à abordagem, caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, visto que tem por objetivo, através da análise do léxico presente em algumas canções interpretadas por Clara Nunes, compreender qual é o ponto de vista da intérprete construído nessas canções sobre a religiosidade e a etnicidade. Ou seja, acreditamos que, com a adoção desse tipo de pesquisa, foi possível produzir informações pertinentes para a compreensão de como as religiões de matriz africana e o negro são tratados nessas canções, visto que essa é uma das características da pesquisa qualitativa e quantitativa: compreender e explicar aspectos das relações sociais, a partir da análise das crenças, valores e atitudes das pessoas (MINAYO, 2001), que estão subjacentes a essas relações.

No tocante aos procedimentos utilizados nesta pesquisa, primeiramente, fizemos um levantamento da discografia de Clara Nunes, a fim de verificar em quais discos há músicas que giram em torno da temática da religiosidade. Após esse levantamento inicial, elencamos dez canções cuja escolha lexical se mostra mais relevante para os objetivos desta pesquisa, são elas:

Disco	Ano	Música	Compositor
Clara Nunes	1971	Misticismo da	João Galvão, Vilmar Costa e

		África ao Brasil	Mário Pereira
Clara, Clarice, Clara	1972	Ê Baiana	Fabrcio da Silva, Enio Santos, Miguel Pancrácio
Clara, Clarice, Clara	1972	Illu Ayê	Cabana e Norival Reis
Clara, Clarice, Clara	1972	Tributo aos Orixás	Mauro Duarte
Alvorecer	1974	Conto de areia	Toninho Nascimento e Romildo
Claridade	1975	O mar serenou	Candeia
Claridade	1975	A Deusa dos Orixás	Toninho Nascimento e Romildo
Canto das Três Raças	1976	Canto das três raças	Mauro Duarte de Oliveira
Brasil Mestiço	1980	Morena de Angola	Chico Buarque de Holanda
Clara Nação	1982	Mãe África	Sivuca e Paulo César Pinheiro

Quadro construído a partir do livro- *Clara Nunes: guerreira da utopia* de Fernandes (2007).

4.2 Análise da frequência lexical nos sambas interpretados por Clara Nunes

Selecionamos um conjunto de dez canções que focalizam a temática da religiosidade e da etnicidade nas canções interpretadas por Clara Nunes, no período de 1971 a 1982. Para realizarmos a análise, nos baseamos no trabalho analítico desenvolvido por Santos (2013), no qual o pesquisador se utiliza do estudo do léxico para compreender como as escolhas lexicais podem nos remeter a determinadas representações da mulher, tendo em vista um conjunto de canções de Rita Lee.

Assim, empreendemos a análise da frequência lexical dentro de um conjunto de canções interpretadas por Clara Nunes para compreender como a visão das religiões de matriz africana é construída, a partir de determinadas escolhas lexicais e, por conseguinte, como o negro é caracterizado nessas canções, pois entendemos que, através da teoria mobilizada, as lexias, quando atualizadas no discurso, revelam traços ideológicos e visões de mundo dos sujeitos da enunciação, explicitando qual é a percepção que os enunciadores do discurso têm da realidade com a qual estão envolvidos. Desse modo, para o estudo das estruturas sociais e culturais associadas à produção lexical, avaliamos os elementos lexicais (lexias) nas produções discursivas, ou seja, nos enunciados, pois, se entendêssemos a língua apenas como sistema de comunicação; analisaríamos apenas os lexemas, conforme discutido no segundo capítulo dessa dissertação – dado que tornaria a análise pouco frutífera, uma vez que olharíamos o sentido das palavras em sua versão dicionarizada, sem mobilizar questões sociais, históricas e cognitivas.

Por isso, ressaltamos no capítulo anterior que parte da produção artística de Clara Nunes está ligada às religiões de matriz africana. Observar isso faz com que

extrapolemos as questões que giram em torno de ritmo musical e letra, pois a análise perpassa a visão que a intérprete tinha sobre esse universo – visão essa que também se manifestava no tipo de vestimenta que usava em suas apresentações públicas, pois vestia-se com roupas que remetem às das mães de santo e cores que homenageavam os orixás. Essa era uma característica que a diferenciava de outros artistas da época, cujo repertório musical também apresentava referências ao universo religioso. Ou seja, em tudo (canções, vestimenta, dança) a intérprete utilizava elementos religiosos ligados a sua experiência com a umbanda e ao candomblé.

Assim, pelo fato de seu sentimento de pertença à umbanda e ao candomblé ir para além das canções que entoava, defendemos que as escolhas lexicais presentes no conjunto de textos aqui analisados, bem como em qualquer outro conjunto de textos, não são meras escolhas de palavras, mas sim escolhas que nos revelam o pertencimento de Clara Nunes ao universo das religiões de matriz africana e, por isso, capaz de revelar o ponto de vista dela sobre esse universo.

Considerando, então, de acordo com Santos (2013), que a seleção lexical é vista como uma das mais relevantes propriedades discursivas para os estudos de aspectos sociais, ideológicos, entre outros, realizamos primeiramente uma análise da frequência lexical nas canções analisadas nesta pesquisa e, em seguida, a divisão em campos léxico-semânticos.

Portanto, para analisarmos os itens lexicais em lexias retomaremos aos conceitos abordados por Santos (2013, p. 12) que define algumas lexias, a saber:

- lexias simples: corresponde a um único lexema da língua (morena, Angola);
- lexias compostas: formadas pela junção de dois lexemas para a designação de um único elemento (Agô – iê, Illu- Ayê);
- lexias complexas e estáveis: formas fixas e recorrentes formadas por duas ou mais ou mais lexias (a punhaladas, cidade universitária); não encontramos exemplos de lexias complexas e nem de lexias textuais no *corpus* analisado.
- lexias textuais: constituídas por orações recorrentes da língua (quem tudo quer tudo perde).
- lexias discursivas: “são enunciados lexicalizados que compõem seu sentido em uma atualização discursiva única” (GIL, 2016, p. 208). Exemplo: (Morena de Angola que leva o chocalho amarrado na canela).

Nossa pesquisa terá enfoque nas lexias simples e discursivas justamente por deliberar uma ampla e frutífera análise de pesquisa de acordo com o *corpus* apresentado.

As canções selecionadas podem ser agrupadas em dois grandes campos léxico-semânticos, assim designados: religiosidade e etnicidade. Nesses dois campos, a partir do levantamento dos itens lexicais, foi possível determinar o número de lexias:

Campo Lexical	Número de lexias
Religiosidade	40
Etnicidade	52

Desse modo, no primeiro campo, enquadram-se canções em que há fortemente a presença de itens lexicais que remetem a elementos que recobrem a religiosidade de matriz africana, como é o caso das lexias orixás, Iemanjá, Xangô, entre outras, consideradas como lexias simples. Essas lexias podem ser subdivididas em subcampos léxico-semânticos como:

- 1) o campo das saudações religiosas aos orixás;
- 2) o campo dos elementos de proteção;
- 3) campo da caracterização dos orixás.

No campo das saudações religiosas aos orixás, encontramos as seguintes lexias “Agô- iê, Mutumbá, Eparrei, Kaô”. Esses itens, presentes na canção “Tributo aos Orixás”, representam, segundo a cultura da umbanda e do candomblé, um cumprimento em sinal de respeito aos orixás ao evocá-los. Nessa canção, ainda observa-se as lexias que remetem aos elementos de proteção, pois a intérprete explicita os orixás, evocando-os pelos nomes próprios, de modo que essas escolhas lexicais podem ser encontradas nas canções “Mãe África” e “Conto de areia”, com as seguintes lexias Iemanjá, Xangô, Oxalá e Atotô, que, de acordo com a crença da cultura umbandista, significam divindades de proteção contra os mais variados tipos de males ou situações adversas que a pessoa possa encontrar.

Outro campo que identificamos foi o campo lexical que remete a caracterização dos orixás, como consta também na canção “Tributo aos Orixás”, através das seguintes lexias discursivas: “rainha do mar”, “dono da pedreira”, “vencedor das demandas”, “grande guerreira da lei”. Assim, as lexias que recobrem o campo léxico-semântico da religiosidade são as seguintes:

Frequência lexical no macro campo da religiosidade	
1-Orixás	21- Oxalá
2-Agô- iê	22- bênção Mãe África
3-Mutumbá	23- Cheio de promessa
4-Pai maior – oni babá	24- Iemanjá
5- rituais de umbanda	25- Illu Ayê
6-Candomblé	26- é reza
7-adobás	27- é ladainha
8-Okê bamboclim	28- louvação à rainha
9-Guarumifá	29- Yansã
10- Saluba	30- Ogum
11-Eparrei	31- Nanã
12- Yalodê	32- Filho de Iemanjá
13-Kaô, Kaô	33- Odara
14-Rainha do mar	34- vencedor das demandas
15- Misticismo	35- preto velho
16- Sou rei da magia	36- ressoam os tambores
17- saravá pai Oxalá	37- fetiche e quebranto
18-Atotô	38- grande guerreira da lei
19-Xangô	39-dono da pedreira
20- Rei das matas	40-curandeiro das pestes

Podemos verificar nas seguintes canções “Tributo aos orixás”, “A Deusa dos Orixás”, “Illu Ayê”, “Conto de areia” e “Mãe África” a presença de 40 (quarenta) lexias pertencentes ao campo da religiosidade. Já no campo da etnicidade, encontramos 52 (cinquenta e duas) lexias, nas canções: “Tributo aos Orixás,” “Ê baiana”, “O Mar Serenou”, “Canto das três Raças” e “Morena de Angola” que serão analisadas em seção posterior.

4.3 A Organização das unidades lexicais em campos léxico-semânticos

4.3.1 MACROCAMPO DA RELIGIOSIDADE

RELIGIOSIDADE	
Campo léxico- semântico	Nº de lexias
Saudações religiosas	12
Elementos de Proteção	18
Caracterização dos Orixás	10

Neste campo léxico- semântico encontramos 12 (doze lexias) que remetem ao campo lexical das saudações religiosas. Como podemos perceber em:

Campo léxico- semântico: Saudações religiosas	
1-Agô –iê	7-Yalodê
2-Mutumbá	8-Kaô, Kaô
3-Pai maior – oni babá	9-Adofiaba mamãe
4-Okê bamboclim	10-Eparrei
5-Guarumifá	11-Saravá pai Oxalá
6-Saluba	12-Bênção Mãe África

Nas canções: “Tributo aos Orixás”, “Misticismo da África ao Brasil”, “Illu Ayê”, “A Deusa dos Orixás”, “Conto de areia” e “Mãe África” percebemos a frequência lexical de determinadas lexias que nos levam ao macrocampo da religiosidade, sendo possível subdividi-lo nos campos léxico semânticos: dos elementos de proteção e da caracterização dos orixás.

Assim como:

Campo léxico- semântico: elementos de proteção	
1-orixás	10-Ressoam os tambores
2-Rituais de umbanda	11-Fetiche e quebranto
3-candomblé	12-Xangô
4-adobás	13-Oxalá
5-Cheio de promessa	14-Iemanjá
6-É reza	15-Yansã

7-ladainha	16-Ogum
8-Louvação à rainha	17-Nanã
9-misticismo	18-Odara

Campo léxico- semântico: caracterização dos orixás	
1-Rainha do mar	6-Dono da pedreira
2-Sou rei da magia	7-Curandeiro da peste
3-Rei das matas/ Okê bamboclim	8-Atotô/ à cacarucaia dos orixás/Saluba
4-Filho de Iemanjá	9-Preto velho
5-Vencedor das demandas/ Guarumifá	10-Grande guerreira da lei/ Eparrei

Clara Nunes é considerada a primeira cantora a vender mais de 100 mil discos, com o LP *Alvorecer* com a música: “Conto de Areia”, samba com caracterização da religião umbanda, de acordo com Fernandes (2007, p. 223). A intérprete se dedicou a cantar sambas ligados ao sincretismo religioso e com forte influência das religiões afro-brasileiras.

De acordo com nossa pesquisa, tanto nos shows como nas capas de discos Clara costumava se vestir de branco, sempre mantinha os pés descalços, reforçando a imagem de umbandista. Ainda conforme Fernandes (2007), Clara Nunes casou-se em 1975 com Paulo César Pinheiro, um dos mais importantes letristas da Música Popular Brasileira. É dele o sucesso de várias composições interpretadas por Clara Nunes, canções que resgatam o valor da cultura mestiça.

Ainda de acordo com os dados pesquisados, verificamos que a intérprete se consagra como cantora de samba, ao interpretar canções que descreviam peculiaridades da cultura de matriz africana e os seus sambas tornaram-se importantes instrumentos na luta contra o racismo, transformando-se em símbolo de resistência e identificação negra na década de 70.

Conforme Fernandes (2007), a sociedade dos anos de 1970 estava suscetível a mudanças inconstantes pelo impacto das transformações tecnológicas, colocando a população brasileira definitivamente dentro de uma concepção de mundo conduzido pela modernidade, por isso o universo audiovisual que se consolidou no final da década

de 60 foi um dos principais responsáveis por essas mudanças. Sendo que diariamente, as pessoas começaram a ter contato com elementos das mais diversas culturas e, dentro deste contexto a cultura de matriz africana, estava presente, mesmo que de maneira implícita ou marginalizada. Como consequência disso, tivemos a proliferação dos símbolos, das experiências e dos valores religiosos da cultura de matriz africana, sendo ultrapassados para além dos portões e dos terreiros de umbanda e candomblé, como tematizações em teatros, novelas e obras de arte, além de aparecer nos jornais e revistas.

Na música popular brasileira, especificamente, o samba, não foi diferente como aponta Fernandes (2007). Essas práticas culturais eram temas das canções interpretadas por vários artistas do período. Nos anos 70, os sambas com essa temática ganham grande expressão na voz de Clara Nunes, sendo o samba uma expressão cultural utilizada pela política de governo do país como elemento na construção da nacionalidade, cujo intuito era despertar nos cidadãos o sentimento de pertencer, de ser brasileiro. Para tanto, as canções que se definiam como samba para facilitar a entrada no mercado fonográfico deveria abranger experiências cotidianas de todas as classes sociais. A partir dessa reflexão sobre a temática abordada nesta pesquisa, faremos abaixo a análise de trechos das canções selecionadas para realizar o nosso trabalho. No excerto da canção “Tributo aos Orixás”, escrita por Mauro Duarte, em 1972, no álbum Clara Clarice Clara, em que podemos observar a forte predominância das lexias que remetem ao campo da religiosidade. Vale salientar que, no que diz respeito ao campo das saudações religiosas, percebemos, um pedido de bênção, “Agô-iê, Mutumbá, Pai maior, oni babá”, que, de acordo com a crença umbandista, Pai maior quer dizer Deus único. Ou seja, podemos inferir nesse trecho, que a intérprete Clara Nunes faz um pedido de bênção, exaltando a sua crença, ou seja, neste instante, sua devoção é revelada.

Em outro trecho da canção, há uma referência aos rituais de umbanda e candomblé com as lexias discursivas “Seus orixás de fé/ Hoje tão venerados no Brasil/ nos rituais de umbanda e candomblé”, que nos remetem às religiões afro-brasileiras trazidas para o Brasil no período da colonização portuguesa. Assim, podemos observar indícios do sincretismo religioso entre o catolicismo, a religiosidade africana e indígena, cujos orixás são manifestações divina, sendo representados através de espíritos, também conhecidos como guias espirituais.

A canção apresenta as lexias discursivas “terreiro em festa”, entre mil “adobás”, prestamos “nosso tributo” aos “orixás”, temos a forma de agradecimento prestada aos

orixás, que podem ser considerados a partir de suas lexias, atualizadas no discurso, como santos, anjos, protetores; que durante os rituais com presença de muitas pessoas eram homenageados. Inferimos com o uso desse tipo de lexia que a intérprete Clara Nunes revela sua forte influência com as divindades das religiões de matriz africana e assim, revela seu pertencimento e sua crença nessas religiões.

As lexias que vão remeter ao campo das saudações da religião umbanda com a presença de itens que caracterizam os orixás, como elementos da natureza são: “Ao rei das matas: Okê bamboclim!Ao vencedor das demandas: Guarumifá! À cacaruaia dos Orixás: Saluba!À grande guerreira da lei: Eparrei!Nos rios e nas cachoeiras: Yalodê!Ao dono da pedreira: Kaô,Kaô!À rainha do mar: Adofiaba mamãe!E ao curandeiro das pestes: Atotô!”

Nas lexias “Saluba” e “Eparrei”, encontramos como explicação, dentro da cultura umbandista, a saudação aos orixás que significa “Olá” ou “admiração”. A lexia discursiva “cacaruaia dos Orixás” é uma referência/ saudação aos orixás mais velhos. A divindade ligada aos rios e às cachoeiras é exaltada com a lexia “Yalodê”. Com relação à lexia “dono da pedreira”, podemos evidenciar a saudação ao orixá Xangô, e com relação à rainha do mar (“adofiaba mamãe”) evidenciamos a saudação à Iemanjá, considerada Deusa das águas. A estrofe finaliza com a referência ao curandeiro das pestes “Atotô”, considerado o Rei da Terra, que aqui podemos observar uma saudação ao orixá que cura os males, as doenças.

Nesta canção, evidenciamos ainda a presença do sincretismo religioso, pois ao enunciar “Seus orixás de fé/ Hoje tão venerados no Brasil/ Nos rituais de umbanda e candomblé”, percebe-se à remissão a duas religiões de matriz africana, pois temos aqui, uma referência explícita à religião umbanda e à religião do candomblé, que são de origem da cultura africana, porém com manifestações distintas, praticadas no Brasil, onde os negros escravos eram obrigados a deixar sua fé para praticar a religião imposta pelos senhores donos das senzalas. Para a cultura umbandista os orixás são considerados espíritos e são chamados de guias, já na cultura da religião do candomblé, os orixás são considerados santos ou anjos. Em outras palavras, nessa passagem há indícios do sincretismo religioso, sendo retratado como uma marca do povo brasileiro, haja vista a mistura cultural presente no país, devido à miscigenação.

Na canção “Mãe África”, escrita em 1982, pelos compositores Sivuca e Paulo César Pinheiro, no álbum “Clara Nação,” evidenciamos a presença de lexias que nos

levam ao campo léxico- semântico dos elementos de proteção. “Pelo bastão de Xangô/E o caxangá de Oxalá/Filho Brasil pede a bênção Mãe África.”

As lexias simples “Xangô” e “Oxalá” remetem ao macrocampo da religiosidade, pois são lexias que recobrem o campo da religião de matriz africana, porque esses itens são oriundos da cultura da religião umbanda que se referem aos orixás, seres que protegem, determinam destinos.

Em “Conto de areia”, composta por Toninho Nascimento e Romildo, no ano de 1974, presente no álbum “Alvorecer”, temos a presença da lexia discursiva, “era um peito só cheio de promessa”, que nos remete ao campo lexical da proteção, talvez, no sentido de demonstrar que o homem que se lança ao mar tem a esperança de encontrar Iemanjá, a rainha do mar, a qual fazem promessas, a fim de pedir-lhe proteção dos perigos que o mar oferece.

Na canção “A Deusa dos Orixás”, escrita em 1975, pelos compositores Toninho Nascimento e Romildo, do álbum “Clareza” há também a forte predominância de lexias que levam ao campo léxico- semântico dos elementos de proteção, como podemos observar em: “Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar.”

Nessa passagem, temos a presença da lexia “Yansã”, que nos remete a um orixá da cultura umbandista, considerada a Deusa dos raios e relâmpagos, ventos e tempestades. Yansã sempre impressiona pelo seu comportamento ardente, sensual impetuoso e justiceiro. Considerada a primeira esposa de Xangô, atraída por seu tipo elegante e fino, abandonou o rústico Ogum, com o qual era casada. A lexia “Ogum”, remete ao campo léxico- semântico dos elementos de proteção. Considerado uma divindade masculina, é o orixá da guerra, deus do ferro, divindade que usa a espada e forja o ferro, transformando- o em instrumento de luta. Dentro desse campo, é possível dizer que há a emergência de outro subcampo, que diz respeito à forma com a qual os orixás se relacionam afetivamente entre si, que fica mais evidente no seguinte trecho: “Yansã penteia os seus cabelos macios / Quando a luz da lua cheia clareia as águas do rio / Ogum sonhava com a filha de Nanã / E pensava que as estrelas eram os olhos de Yansã.”

Há evidenciado, aqui, a relação amorosa entre os orixás Yansã e Ogum; revelando que esses orixás são elementos de proteção àqueles que desejam uma vida próspera no amor. No caso da referência à lexia Nanã, podemos observar que pela tradição da cultura das religiões de matriz africana, ela é considerada um orixá que está

associado à maternidade, é um dos orixás mais velhos da água que, associado às águas do céu e à lama, teria o poder de dar vida e forma aos seres humanos.

Sendo assim, podemos dizer que essas lexias, revelam a adesão de Clara Nunes a um universo religioso específico, bem como seu respeito e reconhecimento sobre as divindades cultuadas nesse universo. Fato que nos leva a compreender que as escolhas lexicais entoadas pela intérprete nos revelam a forte influência de Clara Nunes nesse universo religioso, dado que legitima a nossa pesquisa enquanto uma abordagem sociocognitivista.

Na canção “Illu Ayê”, de Cabana e Norival Reis composta em 1972 para o álbum “Clara, Clarice, Clara”, tem-se as seguintes lexias “é reza”, “é ladainha, louvação à rainha” que podem ser consideradas, no discurso, como elementos de referência à religiosidade. Nos trechos: “É samba, é batuque, é reza / É dança, é ladainha / Negro joga capoeira / E faz louvação à rainha.

Ainda nesse trecho, percebemos com o uso dessas lexias a marca da mistura da cultura do povo brasileiro que ora dança, faz batuque, reza, joga capoeira e faz louvação à rainha. Ou seja, esse “jogo” com as lexias pode nos revelar a identidade do povo brasileiro, que é uma mistura de etnias.

Observa-se também na canção “Misticismo da África ao Brasil”, gravada em 1971 e composta por João Galvão, Vilmar Costa e Mário Pereira, do álbum “Clara, Clarice, Clara”, as lexias que remetem ao campo religioso, remetendo a um grande misticismo presente em nosso país, trazido pelos negros escravizados, no período da colonização do Brasil. “Eu venho de Angola/Sou rei da magia/Minha terra é muito longe/Meu gongá é na Bahia/Saravá pai Oxalá/Que o meu samba inspirou/Saravá todo povo de Angola, Agô.”

Com o uso das lexias: misticismo, sou rei da magia, ressoam os atabaques, rufar dos tambores, personificando o misticismo, saravá pai oxalá, saravá todo povo de Angola, preto velho, fetiche e quebranto, Clara Nunes revela a presença da sonoridade afro-brasileira que nos remete ao campo lexical da religiosidade, mostrando a origem do nosso misticismo e o legado deixado pelos negros escravizados e, por conseguinte, pelas religiões de matriz africana.

Vale salientar que foi com essa canção que Clara Nunes se consagrou como uma das intérpretes femininas no Brasil com maior vendagem de discos. Talvez por conseguir revelar em suas canções, a verdadeira origem do povo brasileiro, que apesar

de todo sofrimento, é um povo que ainda acredita, tem fé, que busca, através de sua crença, o fortalecimento para enfrentar as dificuldades encontradas no dia a dia.

4.3.2 MACROCAMPO DA ETNICIDADE

Após a análise do macrocampo da religiosidade, apresenta-se o levantamento da frequência lexical no que diz respeito à etnicidade, onde foram encontradas 52 lexias e, em seguida, sua organização em quatro campos léxico-semânticos, a saber:

- 1) luta dos negros escravos;
- 2) caracterização do homem negro;
- 3) caracterização da mulher negra;
- 4) exaltação ao país de origem

Frequência lexical no macro campo da Etnicidade	
1-Venho de Angola	27- Nação Bangu África
2-Meu gongá é na Bahia	28- navios negreiros
3- lembrando a África distante	29-solo africano
4-povo de Angola	30- torrão brasileiro
5- minha terra é muito longe	31- negros escravos
6-negro	32- baiana boa
7-nação Nagô	33- baiana gosta do samba
8-lamentos de senzala	34- baiana diz que é bamba
9-terreirão da casa grande	35- ela quer sambar
10- negro diz tudo que pode dizer	36- baiana gosta da roda
11- é samba	37-ela quer rebolar
12- é batuque	38-morena de Angola
13-negro joga a capoeira	39-morena bonita
14-negro é vida	40- o mar serenou quando ela pisou na areia
15-negro é sensacional	41-quem samba na beira do mar é sereia
16- negro é toda a festa do povo	42- morena sambando
17- negro é dono do carnaval	43- morena, menina mimada
18-Mãe África	44-será que a morena desperta gingando
19-Mãe preta	45- será que a morena já sai chocalhando pro trabalho

20- meus irmãos de Angola África	46- passando pelo regimento ela faz requebrar a sentinela
22- quilombo África	47-morena de Angola que leva o chocalho amarrado na canela
22- Moçambique - Congo África	48- Será que tá no remelexo e abandonou meu peixe na tigela
23-lamento triste	49-no quilombo dos Palmares
24- um soluçar de dor	50- onde se refugiou
25- negro entoou	51- pela quebra das correntes
26-um canto de revolta	52- canta de dor

As lexias expostas no quadro acima podem ser distribuídas nos seguintes campos da frequência lexical em campos léxico-semânticos, que recobrem o macrocampo da etnicidade:

ETNICIDADE	
Campo léxico- semântico	Nº de lexias
A luta dos negros escravos	12
Caracterização da mulher negra	16
Caracterização do homem negro	10
Exaltação ao país de origem	14

Campo léxico- semântico: luta dos negros	
1-lamentos de senzala	7-um canto de revolta
2-terreirão da casa grande	8-navios negreiros
3-Mãe preta	9-negros escravos
4-lamento triste	10- onde se refugiou
5-um soluçar de dor	11-pela quebra das correntes
6-negro entoou	12-canta de dor

Campo léxico- semântico: caracterização da mulher negra	
1-baiana boa	9-morena de Angola que leva o chocalho amarrado na canela

2-baiana gosta do samba	10-morena de Angola
3-baiana diz que é bamba	11-morena bonita
4-ela quer sambar	12-morena sambando
5-baiana gosta da roda	13- morena, menina mimada
6-ela quer rebolar	14-o mar serenou quando ela pisou na areia
7- será que a morena desperta gingando	15-quem samba na beira do mar é sereia
8- será que a morena já sai chocalhando pro trabalho	16- será que tá no remelexo e abandonou meu peixe na tigela

Campo léxico- semântico: caracterização do homem negro

1-negro	6-negro é sensacional
2-negro diz tudo que pode dizer	7-negro é toda a festa do povo
3- é samba	8-negro é dono do carnaval
4-é batuque	9-negro é vida
5- negro joga a capoeira	10- é dança

Campo léxico- semântico: exaltação ao território de origem

1-Venho de Angola	8-meus irmãos de Angola África
2-meu gongá é na Bahia	9-Quilombo África
3- lembrando África Distante	10-Moçambique- Congo África
4- Povo de Angola	11-Nação Bangu África
5- Minha terra é muito longe	12- Solo Africano
6-Nação Nagô	13-torrão brasileiro
7-Mãe África	14- no Quilombo dos Palmares

No trecho extraído da canção “Tributo aos Orixás”, tem-se as lexias “navios negreiros”, “solo africano”, “torrão brasileiro” e “negros escravos” que recobrem o macrocampo da etnicidade e remetem ao período escravocrata, no qual os negros foram trazidos do continente Africano para o Brasil, de modo que este processo, principalmente no que diz respeito, ao tráfico negreiro, fica mais evidente no seguinte

trecho: “Trazidos por navios negreiros/Do solo africano para o torrão brasileiro/Os negros escravos/Que entre gemidos e lamentos de dor”.

As lexias simples: “lamento” e “dor” também remetem para o sofrimento dos negros escravizados, que eram arrancados de seu território para serem trazidos para um território desconhecido, em que seriam expostos a cenas de humilhações.

Já na canção “Mãe África”, encontram-se as lexias “mãe preta”, “sangue Nagô”, “meus irmãos de Angola África”, “quilombo África”, “Moçambique-Congo África”, “Nação Bangu África” que remetem à origem territorial dos negros escravizados, exaltando a terra-mãe. Além disso, essas lexias denotam a relação entre os diferentes povos do continente Africano e a miscigenação que marca o povo brasileiro. Assim, ao analisar essas lexias, atualizadas no discurso, é possível dizer que os compositores e Clara Nunes, por ser a intérprete da canção, dão voz ao povo negro, a fim de reverenciar e exaltar o continente de origem dessa etnia que tanto contribui para a miscigenação e formação do povo brasileiro: “No sertão, mãe preta me ensinou/Tudo aqui nós que construiu/Filho meu, tu tem sangue Nagô/Como tem todo esse Brasil/Oiê, dos meus irmãos de Angola África/Oiê, do tempo do quilombo África/Oiê, pra Moçambique-Congo África/Oiê, para a nação bangu África.”

Em “Misticismo da África ao Brasil” pode-se ver a presença de lexias que nos remetem também à exaltação da terra natal, como é o caso em: “venho de Angola”, “África distante”, “povo de Angola”, “Saravá todo povo de Angola”. Essas lexias nos revelam a forte influência dos países africanos para a origem da cultura do povo brasileiro, enfatizando e reafirmando a origem desse povo, e ao mesmo tempo, que o saúda de forma respeitosa: “Eu venho de Angola/Sou rei da magia/Minha terra é muito longe/Meu gongá é na Bahia.”

Vê-se no trecho analisado uma valorização da terra de origem que, muitas vezes, em outros discursos, é menosprezada. Desse modo, é possível dizer que os enunciadores da canção, compositores e intérprete, valorizavam a origem do povo africano e, por isso, deram voz a esse povo através da canção.

As lexias: “negro,” “lamentos de senzala” e “terreirão da casa grande” presentes na canção Illu Ayê, remetem à luta dos negros escravos, vencida depois de muitos lamentos, dor e sofrimento. Ou seja, a representação da luta dos negros pode ser vista como a força do negro, que depois de fortalecido, luta pelos seus ideais e esse negro quer ter voz em um território que não é o seu e onde é subjugado, porém resiste: “Negro

cantava na nação nagô/Depois chorou lamentos de senzala/Tão longe estava de sua Illu Ayê/Tempo passou e no terreirão da casa grande /Negro diz tudo que pode dizer.”

A luta, resistência e sofrimento podem ser representados ainda na Canção “Canto das três raças”, na qual aparecem as seguintes lexias discursivas: “um soluçar de dor”, “um lamento triste”, “canto de revolta”, “Quilombo dos Palmares”, “quebra das correntes”. Esta canção foi escrita durante a Ditadura Militar e foi usada como protesto, pois difundia a luta pela liberdade. As formas de resistência das populações africanas e afrodescendentes, as fugas em massa, a formação dos quilombos, rebeliões e revoltas estão presentes nas lexias desta canção, podendo ser retratada como uma canção que evidencia os desafios da luta antirracista da população afrodescendente.

Com o uso dessas lexias, a intérprete, Clara Nunes, nos mostra que essa luta não foi fácil, sendo necessário o uso de uma força maior (pela quebra das correntes), ou seja, o negro precisou resistir e lutar contra o que lhe era imposto pelos donos das casas-grandes, mesmo que isto não tivesse gerado o resultado esperado: a liberdade. Era necessário, portanto, lutar e resistir por isso: “Negro entoou/um canto de revolta pelos ares/No quilombo dos Palmares/Onde se refugiou/Fora a luta dos inconfidentes/Pela quebra das correntes/Nada adiantou.”

Observando a canção Illu Ayê, tendo por base o campo léxico-semântico da caracterização do negro, encontram-se o uso das lexias discursivas que nos remetem à caracterização do homem negro, como é possível verificar nos seguintes trechos: “Negro diz tudo que pode dizer/É samba, é batuque, é reza/É dança, é ladainha/E faz louvação à rainha/Hoje, negro é terra/Negro é vida/Na mutação do tempo/Desfilando na avenida/Negro é sensacional/É toda a festa do povo/É dono do carnaval.”

Com o uso dessas lexias simples “vida”, “sensacional”, compreendemos que o negro é caracterizado como um ser primordial, negro é vida, é importante para a geração de outras vidas. Assim, o negro é categorizado como: origem de tudo, da alegria, da festa, do som do batuque, do samba, pois ele é “sensacional” e, portanto, “dono do carnaval” e no carnaval é ele quem está no comando de tudo. De acordo com a nossa cultura, o carnaval é uma das principais festas do nosso país, sendo o negro considerado, neste caso na letra do samba, o dono dela. Do nosso ponto de vista, ao exaltar o negro dessa forma, tanto os compositores quanto à intérprete entendiam que sem o negro não há festa, não há vida, pois ele é o dono da festa e da vida e, por isso, um ser sensacional. Assim, esse ponto de vista construído sobre o negro na canção, refuta outros pontos de vista, ainda disseminado socialmente; em que colocam o negro

ainda em papel de escravo, e não no comando de algo que culturalmente é tão apreciado e valorizado pelo povo brasileiro, o carnaval, ou seja, este modelo cognitivo idealizado na década de 70; é desconstruído nas canções interpretadas por Clara Nunes, pois a intérprete busca dar voz e vez ao negro que nesse período citado, ainda estava marcado com o estigma da escravidão, portanto; era visto pelas camadas sociais de poder como aquele que não tinha competência, não tinha o seu valor, não tinha espaço na sociedade.

Os sambas que Clara Nunes interpretava davam ao negro e as religiões de matriz africana um espaço na sociedade que, até então, não se observava em outras composições. A intérprete ao fazer uso de determinadas escolhas lexicais, além de enaltecer a cultura africana, apresenta práticas culturais do povo negro, do mestiço como projeto de construção de uma identidade nacional.

Para analisar a caracterização da mulher negra, observam-se as lexias presentes nas canções “Ê baiana”, “O mar serenou” e “Morena de Angola”, a fim de analisar como essas lexias recobrem o campo léxico-semântico de caracterização da mulher negra.

Na canção: “Ê baiana”, composta em 1972 por Fabrício Silva, Ênio Santos e Miguel Pancrácio, observa-se a presença das seguintes lexias “baianinha”, “baiana”, “baiana boa,” “samba,” “roda,” “bamba”, “Ê baiana/Ê ê baiana, baianinha/Baiana boa /Gosta do samba/Gosta da roda/E diz que é bamba/Olha, toca a viola/Que ela quer sambar/Ela gosta de samba/Ela quer rebolar.”

No trecho acima, temos a representação da mulher negra como uma mulher alegre, disposta a uma dança de roda. É uma mulher que se sente à vontade com os festejos, ela quer dançar, ou seja, é uma mulher extrovertida, sem receios, ela quer se mostrar e ela sabe como fazer isso, “pois ela é bamba”, ou seja, ela é boa na arte de dançar e, por que não, seduzir com sua dança. Evidenciamos nesta canção, a partir das escolhas lexicais que a intérprete realiza uma forma de retratar a mulher negra, sendo caracterizada em seus aspectos físicos como uma mulher que possui gracejos, uma mulher que está liberta e que não se sente oprimida; muito pelo contrário, é uma mulher que sabe o que quer, e; principalmente, sabe o que não quer para si.

Na canção “O mar serenou” temos a presença de lexias discursivas “o **mar** serenou quando **ela** pisou na **areia**”, “quem **samba** na **beira do mar** é **sereia**”, “morena bonita” - que recobrem o campo léxico-semântico da caracterização da mulher, nos remetendo a uma mulher, a um ser mitológico inatingível (a sereia). A sereia é conhecida por sua beleza extraordinária, fazendo com que os homens caiam de paixão,

ficando completamente atordoados com tamanha beleza e cegos diante dos seus encantos. O trecho analisado indicia que a morena que samba na beira do mar é comparada à sereia, ou seja, têm os mesmos encantos desse ser inatingível e sedutor.

Em “Morena de Angola”, composta por Chico Buarque de Holanda, no ano de 1980, há presença do uso de *lexias* que também remetem à caracterização de uma mulher sedutora, que usa de adereços (chocalho) para chamar a atenção dos que estão a sua volta. Além disso, essa canção marca a origem dessa morena, pela repetição da *lexia* “Angola”. Assim, “morena de Angola” é uma “mulher sedutora”, “camarada” do homem que dança, remexe, chocalha e está à frente de seu tempo, pois ela já desperta feliz, gingando e sai chocalhando para o “trabalho” – dado que remete à representação de uma mulher que sai em busca de uma condição financeira, ou seja, uma mulher determinada, que vai atrás de seus objetivos.

Há também, no uso de algumas *lexias*, uma caracterização de uma mulher afoita, sensual, marcada, como por exemplo, pelas *lexias* discursivas: “Será que no meio da **mata**, na **moita**, a **morena** ainda chocalha”. Podemos observar essa representação, nas seguintes *lexias* discursivas: “Morena de Angola que leva o chocalho amarrado na canela/Será que desperta gingando e já sai chocalhando pro trabalho/Será que ela mexe o chocalho ou o chocalho mexe com ela/Será que no meio da mata, na moita, a morena ainda chocalha/Será que ela não fica afoita pra dançar a chama da batalha/Morena de Angola que leva o chocalho amarrado na canela/Passando pelo regimento ela faz requebrar a sentinela/Será que ela tá caprichando no peixe que eu trouxe de Benguela/Será que tá no remelexo e abandonou meu peixe na tigela/Morena de Angola que leva o chocalho amarrado na canela/Morena, menina mimada, minha camarada.”

A partir do esboço analítico apresentado, é possível dizer que Clara Nunes, ao escolher interpretar canções que tematizam o negro e a religiosidade, faz muito mais do que revelar ser adepta de um universo religioso que tem suas origens na África, mas, sobretudo, reafirma um sentimento de pertença a essa etnia e às religiões de matriz africana.

Retomando os capítulos anteriores, é possível dizer que o samba ressurgiu no cenário musical como produto para afirmar uma identidade mestiça, enaltecida, pois considerando o contexto social da época, o terreno era propício para os cantores de samba, uma vez que vários movimentos sociais em defesa das minorias, sobretudo da população de origem africana estavam se formando na década de 70.

Exemplo disso, foi a fundação do Movimento Negro Unificado em 7 de julho de 1978, movimento de resistência negra de grande expressão do período. Esses acontecimentos na década de 70 impulsionaram cantores e compositores da época a compor e interpretar canções que descrevessem a realidade da população que lutava por melhores condições de vida.

É nesse cenário que Clara Nunes se colocava: como a intérprete cujo repertório são referências intensas à cultura de matriz africana e os desafios da luta antirracista vivenciados pelos movimentos sociais que lutavam contra o preconceito étnico-racial.

A intérprete conseguiu mostrar através das escolhas lexicais empreendidas nas letras dos sambas, a cultura africana de maneira positiva, uma vez que ainda era caracterizada e assimilada como inferior por ser algo que pertencia a população negra herdeira de um passado escravo.

Clara Nunes trouxe visibilidade para a cultura africana, em especial, a religiosidade e a etnicidade, uma prática marginalizada pela sociedade que após 1970 conquistou reconhecimento. Ao interpretar canções que possuem essa temática, Clara Nunes além de apresentar práticas culturais do povo negro de maneira positiva, revela o mestiço como projeto de construção de uma identidade nacional.

Percebemos também que o conteúdo dessas canções além de trazer a religiosidade de matriz africana de maneira enaltecida, descreve a miscigenação entre o Brasil e a África como algo positivo para a reconfiguração da identidade brasileira.

Com esta análise é possível reconhecer Clara Nunes como uma cantora que está intimamente ligada a uma exaltação das religiões de matriz africana dentro da perspectiva da diáspora negra, ou seja, a identidade artística que lhe trouxe o sucesso foi construída com ênfase em práticas culturais de matriz africana.

Ao analisar os modelos de cognição idealizados sobre a perspectiva de vertente sociocognitivista, observamos que os sambas interpretados por Clara Nunes nos revelam uma transgressão aos modelos apresentados, pois tanto o negro como as religiões de matriz africana, abordados em suas canções, remetem a modelos cognitivos diferentes apresentados até então, ou seja, a intérprete constrói uma imagem do negro e das religiões de matriz africana de maneira positiva em um período (anos 70) marcado pela censura da Ditadura Militar e com pensamentos estigmatizantes de que o negro não possuía valor e as religiões de matriz africana não mereciam respeito.

Por isso, acreditamos que este trabalho tem suma importância sob a ótica dos princípios da Análise Crítica do Discurso de vertente sociocognitivista, pois as escolhas

lexicais são mediadas pela cognição e realizadas em um processo de interação, para compreensão do mundo e das nossas próprias escolhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observamos um conjunto de canções interpretadas por Clara Nunes, através da tentativa de analisar as lexias presentes nessas canções, evidenciamos uma forte presença de itens que nos remetem à valorização do negro e uma preocupação da intérprete em mostrar marcas das religiões de matriz africana em seus aspectos positivos. Observamos com o estudo realizado, que a partir do momento em que a intérprete se insere no universo das religiões da umbanda e candomblé, ela passa a interpretar sambas com essa temática. Ponto que é fundamental para entendermos o estudo da cognição sob a ótica de vertente sociocognitivista, pois acreditamos, de acordo com a teorização de Van Dijk e da Linguística Cognitiva, que o indivíduo, ao fazer uso de determinadas escolhas lexicais (escolhas lexicais que são mediadas pelo processo de cognição) revela sua crença, seus valores, suas ideologias, seu sentimento de pertença a uma determinada cultura ou grupo social. No caso de Clara Nunes, as canções reforçam esse sentimento de pertença a um universo religioso que sempre foi marginalizado.

Observamos nas canções interpretadas por Clara Nunes a predominância de lexias que exaltam os aspectos da religiosidade das religiões de matriz africana, no caso, a umbanda e o candomblé, revelando como se dão as saudações religiosas, quais são os elementos de proteção dessas religiões e a caracterização dos orixás, apresentando aos seus interlocutores, esse universo, que, talvez, quando as canções foram lançadas, eram desconhecidos do grande público – de modo que é possível dizer que a cantora também foi uma das vozes que ajudou a disseminar a cultura africana a partir de um viés positivo.

Assim, acredita-se que através da análise das escolhas lexicais é possível o enunciador mostrar a qual universo pertence, a qual crença, em qual ideologia acredita, é o caso da intérprete Clara Nunes, que adepta às religiões de matriz africana começa a ter preferência em gravar sambas voltados para essa temática, numa direção em que opções de ordem pessoal afetam o campo profissional.

A intérprete Clara Nunes revela em suas canções os elementos de proteção das religiões de matriz africana, ressaltando esses elementos com o uso de lexias que remetem à caracterização dos orixás, “ao rei das matas, ao vencedor das demandas, a grande guerreira da lei, o dono da pedreira, rainha do mar, ao curandeiro das pestes”.

No campo da etnicidade, percebemos, através da escolha de determinadas lexias que a intérprete exalta a figura do homem negro (“negro é vida, negro é sensacional”) e que há também uma preocupação em exaltar a terra natal. Entendemos através do uso dessas lexias uma forma de valorizar a cultura do povo africano, que, por consequência, está na gênese da formação do povo brasileiro, ou seja, ao enaltecer a cultura africana, a intérprete também exalta o seu país de origem e mostra a influência causada pelo processo de colonização e escravidão no Brasil.

Ao inserir as canções de Clara Nunes em um gênero musical que é o samba, observamos que a intérprete rompe com os padrões sociais da época, pois nesse período (1971 a 1982), ainda marcado pela Ditadura Militar, a artista se revela como uma mulher que canta samba, quebrando o paradigma de um discurso que esse seria um universo apenas masculino.

Percebemos também que Clara Nunes interpreta canções que estão inseridas em um campo léxico-semântico que remetem para um discurso em que a mulher pode ser livre, que esta mulher tem suas preferências e não tem problemas em assumi-las. Esses elementos lexicais podem ser observados nas canções: “Ê baiana” e “Morena de Angola”, nas quais evidenciamos uma mulher que é alegre, descontraída, que sabe o que quer. É representada com o uso de determinadas lexias como uma mulher atraente, sensual e que através de usos de adereços, seduz.

Ao interpretar a canção “Mãe África”, em 1982, Clara Nunes traz à tona a miscigenação que gerou o povo brasileiro, mostrando através de determinadas lexias que o todo o povo brasileiro é um povo oriundo de uma mistura de etnias, como podemos ver em: “Oiê, dos meus irmãos de Angola África, do quilombo África, para Moçambique- Congo África, para a nação Bangu África.” Ou seja, ao utilizar determinadas lexias para se referir ao país de origem, evidenciamos campos de significação como forma de lembrar aspectos da terra natal para resgatar as origens dos negros escravizados.

Observamos na canção “Canto das Três Raças” através de determinadas lexias a luta que o negro enfrentou no período da escravidão, ou seja, de acordo com a análise, percebemos que as lexias nos remetem a campos de significação de luta, resistência, desafios, restrições, cativeiro, mas que, sobretudo, não sufocou o sonho de liberdade.

O sincretismo religioso também marca as escolhas discursivas de algumas canções, como é o caso de “Tributo aos Orixás”, principalmente, no seguinte trecho: “Traziam em seus corações sofridos/ seus orixás de fé/ hoje tão venerados no Brasil/

Nos rituais de Umbanda e Candomblé.” É interessante notar que a intérprete também se via nesse universo sincretista, pois de acordo com a biografia narrada por Fernandes (2007), a intérprete era católica, mas foi apresentada ao Kardecismo, era adepta das religiões de matriz africana (umbanda e candomblé). Ou seja, as escolhas lexicais, utilizadas nessa canção, revelam também aspectos do universo de vida da intérprete.

Acreditamos que a intérprete ao fazer uso de determinadas escolhas lexicais, mostra as marcas da formação do povo brasileiro que é o resultado da união dos conhecimentos, da sabedoria, das crenças e dos costumes de populações europeias, africanas e indígenas.

Podemos evidenciar também através das lexias apresentadas nas canções interpretadas por Clara Nunes uma ruptura com os paradigmas sociais da época, em que Clara Nunes dá voz e vez à figura da mulher numa sociedade impregnada por valores considerados machistas. E com relação ao negro, percebemos que as lexias presentes nas canções interpretadas por Clara Nunes recobrem campos semânticos, enaltecendo o afrodescendente, mostrando de fato os aspectos da cultura desse povo, ou seja, o negro é representado em suas canções como aquele que possui uma identidade, uma crença, uma história; e, como todas as outras etnias, merece respeito, valorização e exaltação.

Acredita-se que o objetivo desta pesquisa foi realizado com sucesso, pois ao analisar as escolhas lexicais realizadas pela intérprete, observa-se como as lutas antirracistas e as práticas culturais de matriz africana foram representadas nos sambas interpretados por Clara Nunes de maneira positiva, revelando também o negro como a formação da identidade cultural do povo brasileiro.

Pensando sobre como o léxico foi abordado por alguns autores nesta pesquisa, compartilhamos das análises realizadas por Antunes, pois percebemos que os estudos do léxico e do vocabulário têm sido marginalizados em detrimento ao espaço que é dado à gramática, pois a gramática assumiu nas atividades de ensino um lugar privilegiado, deixando à margem a análise de outros componentes que tornam possível a atividade da comunicação verbal, tornando o estudo do léxico um interesse secundário nas práticas escolares. Sendo assim, acreditamos ser de extrema importância esta pesquisa no que diz respeito ao estudo do léxico, pois ao analisar as escolhas lexicais, fizemos uma análise sobre a compreensão do universo das religiões de matriz africana e sobre o negro, dado que será de fundamental relevância para a área de atuação desta pesquisadora.

Já no que se refere às religiões de matriz africana, ainda observa-se certa resistência, por parte dos docentes, em discutir esse tema em sala de aula, embora haja uma determinação do Ministério da Educação (MEC) que o estudo da História da Cultura Africana e Afro-brasileira façam parte do currículo escolar desde educação infantil; a fim de que os laços existentes entre Brasil e África sejam reforçados. Nesse sentido, a relevância desta pesquisa está na vontade de que ele também possa contribuir com a melhor inserção dos estudos sobre a História da Cultura Africana e Afro-brasileira no âmbito da sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BAPTISTA, Rachel. *Tem orixá no samba: Clara Nunes e a presença do Candomblé e da Umbanda na MPB*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo- Ciência Social- Antropologia Social, 2005.

BASÍLIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. 3ª ed. São Paulo, Contexto, 2004.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. Rio de Janeiro, 1987.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Unidades complexas do léxico. In: RIO-TORTO, G. et al (Org.) *Estudos em homenagem a Mario Vilela*. 1. ed. v. II. Porto: Faculdade de Letras do Porto, 2005. pp. 747-757. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4603.pdf>

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da Palavra. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 2, pp. 81-118, 1998. Disponível em: http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/Biderman1998_0.pdf

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Linguística: teoria lexical e computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001(a) [1978].

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *As ciências do léxico*. Petrópolis: In OLIVEIRA, Maria Pinto Pires de Oliveira; ISQUERDO, Ana Negri. (Orgs) *As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001 (b), pp.13-22.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Terminologia e Lexicografia. In: TradTerm, n.7, 2001 (c), pp. 153-181. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49147>

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Conceito linguístico de palavra. In: BASÍLIO, Margarida (Org.). *Palavra*. Rio de Janeiro: Grypho, 1999. p. 81-97.

BUONFIGLIO, Mônica. *Búzios, o oráculo dos orixás*. Biblioteca Nacional. 1992. p 15-43.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. *História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil* / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. -- Brasília: MEC/SECADI, UFSCar, 2014.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova Gramática do português brasileiro*. São Paulo: contexto, 2010. P.109-139.

CHIAVEGATTO, Valéria Coelho. Introdução à linguística cognitiva. In: *Revista Matraca*. Rio de Janeiro, v.16, n.24, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matraca/matraca24/arqs/matraca24a03.pdf>

DIJK, Teun Adrianus van. *Cognição, discurso e interação*. Tradução e organização de Ingedore G. Villaça Koch. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1996.

DIJK, Teun Adrianus van. *Cognição, discurso e interação*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DIJK, Teun Adrianus van. *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

DIJK, Teun Adrianus van *Discurso e Contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

FAIRCLOUGH, N; WODAK, R. (1997) Analisis Critico del Discurso. DIJK, Teun Adrianus van (Org.) *El discurso como interacion social-estudios del discurso II*. Trad. Espanhola. Barcelona: Gedisa Editorial, 2000.

FERNANDES, Wagner. *Clara Nunes: Guerreira da Utopia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

GIL, Beatriz Daruj. Aspectos ideológicos nas escolhas lexicais de Bezerra da Silva. In: *Anais do VIII Encontro Nacional de Linguagem Verbal e Não-Verbal e II Simpósio Internacional de Análise Crítica do Discurso*, 2004.

GIL, Beatriz Daruj. O homem no léxico de canções de consumo: aspectos ideológicos. In: XXI Jornada Nacional de Estudos Linguísticos do GELNE, 2006, João Pessoa XXI Jornada Nacional de Estudos Linguísticos, 2006. p.3114-3122.

GIL, Beatriz Daruj. *Quem mandou você gostar? Um estudo léxico-semântico do amor paixão em letras de música preferenciais de alunos do ensino médio (SP)*. Tese (doutorado em Semiótica e Linguística Geral). FFLCH/USP, São Paulo, 2010.

GIL, Beatriz Daruj. O Rio de Janeiro e a mulher no léxico das canções de bossa nova. In: *Domínios de Lingu@gem*, Uberlândia, vol. 10, n. 1, jan./mar. 2016, p. 202-218.

KINTSCH, W; VAN DIJK, T. A. *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press, 1983.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Tradução J. Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1992.

KOCH, Ingedore G. Villaça; CUNHA-LIMA, Maria Luiza. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (orgs). *Introdução à Linguística: Fundamentos Epistemológicos*. São Paulo, 2011, p.251-300.

KOCH, Ingedore G. Villaça; CUNHA-LIMA, Maria Luiza. A Construção Sociocognitiva da Referência. In: MIRANDA, Neusa Salim; NAME, Maria Cristina. *Linguística e Cognição* (Orgs). Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005, pp. 95-108.

LAUTENSCHLANGER, Lucienne. *Rio de janeiro, a cidade maravilhosa: um conceito feito de música, verso e ideologia*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas USP, 2015.

LINARES, Ronaldo Antonio. *Iniciação à Umbanda*. São Paulo: Madras, 2015.

LOPES, Edward. *Fundamentos da Linguística Contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 2008, pp 233-246.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Do Código para a Cognição: o processo referencial como atividade criativa. In: *Veredas, Revista de Estudos Linguísticos*. Juiz de Fora, v.6, n. 1, pp. 43-62, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A construção do Mobiliário do Mundo e da Mente: Linguagem, Cultura e Categorização. In: MIRANDA, Neusa Salim; NAME, Maria Cristina (Orgs.). *Linguística e Cognição*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005, pp. 49-78.

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Eliane Feitoza. Linguagem e Interação. Notas de aula, Mestrado em Letras, UninCor. 30 mar. de 2017.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Semântica. In: BENTES, Anna Cristina; MUSSALIM, Fernanda (Orgs). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2006, pp.17- 46.

PIETROFORTE, Antônio Vicente Seraplim; LOPES, Irã Carlos. A Semântica Lexical. In: FIORIN, José Luiz. *Introdução à Linguística: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 112-135.

PRETI, Dino. Variação lexical e prestígio social das palavras. In PRETI, Dino (Org.). *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2003.

SANTOS, José Antônio Barbosa Alves. *As faces de Eva: o universo feminino no léxico de Rita Lee*. São Paulo. Universidade de São Paulo - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2013.

TEBEROSKY, Ana. *Aprendendo Arte*. São Paulo: Ática, 2000.

TINHORÃO, José Ramos. *Os sons dos negros no Brasil: cantos, danças, folguedos: origens*. São Paulo: Art Editora, 1988.

TINHORÃO, José Ramos. *Música Popular: um tema em debate*. 3ª ed. São Paulo: Ed.34, 1997.

TORRES, Melo Cinthya. A construção da sinonímia por encapsulamento anafórico: uma perspectiva sócio- cognitiva. Recife, 2008.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

ANEXOS**Letra 1 - A DEUSA DOS ORIXÁS**

Compositores: Toninho Nascimento e Romildo

Intérprete: Clara Nunes

Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar
Mas Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar
(3X)

Yansã penteia os seus cabelos macios
Quando a luz da lua cheia clareia as águas do rio
Ogum sonhava com a filha de Nanã
E pensava que as estrelas eram os olhos de Yansã

Mas Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar
Mas Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar
Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar
Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar

Na terra dos orixás, o amor se dividia
Entre um deus que era de paz
E outro deus que combatia
Como a luta só termina quando existe um vencedor
Yansã virou rainha da coroa de Xangô

Mas Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar
Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar
Mas Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar
Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar
Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar
Mas Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar

Letra 2- CANTO DAS TRÊS RAÇAS

Compositores: Mauro Duarte de Oliveira

Intérprete: Clara Nunes

Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil

Um lamento triste
Sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativoiro
E de lá cantou

Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou
Fora a luta dos Inconfidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou

E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor

E ecoa noite e dia
É ensurdecedor
Ai, mas que agonia
O canto do trabalhador
Esse canto que devia

Ser um canto de alegria
Soa apenas
Como um soluçar de dor

Letra 3- CONTO DE AREIA

Compositores: Toninho Nascimento e Romildo

Intérprete: Clara Nunes

É água no mar, é maré cheia ô
Mareia ô, mareia
É água no mar

Contam que toda tristeza
Que tem na Bahia
Nasceu de uns olhos morenos
Molhados de mar

Não sei se é conto de areia
Ou se é fantasia
Que a luz da candeia alumia
Pra gente contar

Um dia morena enfeitada
De rosas e rendas
Abriu seu sorriso moça
E pediu pra dançar

A noite emprestou as estrelas
Bordadas de prata
E as águas de Amaralina
Eram gotas de luar

Era um peito só
Cheio de promessa era só

Era um peito só cheio de promessa
Era um peito só cheio de promessa

Quem foi que mandou
O seu amor
Se fazer de canoeiro
O vento que rola das palmas

Arrasta o veleiro
E leva pro meio das águas de Iemanjá
E o mestre valente vagueia
Olhando pra areia sem poder chegar
Adeus, amor...

Letra 4- Ê BAIANA

Compositores: Fabrício da Silva, Enio Santos e Miguel Pancrácio

Intérprete: Clara Nunes

Ê baiana
Ê ê ê baiana, baianinha
Ê baiana
Ê ê ê baiana

Baiana boa
Gosta do samba
Gosta da roda
E diz que é bamba
Baiana boa
Gosta do samba
Gosta da roda
E diz que é bamba

Olha, toca a viola
Que ela quer sambar

Ela gosta de samba
Ela quer rebolar
Toca a viola
Que ela quer sambar
Ela gosta de samba
Ela quer rebolar

Ê baiana
Ê baiana
Ê ê ê baiana, baianinha
Ê baiana
Ê ê ê baiana

Letra 5- Ilu Ayê

Compositores: Cabana e Norival Reis

Intérprete: Clara Nunes

Ilu Ayê, Ilu Ayê, Odara
Negro cantava na nação nagô

Depois chorou lamentos de senzala
Tão longe estava de sua Ilu Ayê
Tempo passou e no terreirão da casa grande
Negro diz tudo que pode dizer

É samba, é batuque, é reza
É dança, é ladainha
Negro joga capoeira
E faz louvação à rainha

Hoje, negro é terra
Negro é vida
Na mutação do tempo
Desfilando na avenida

Negro é sensacional
 É toda festa do povo
 É dono do carnaval

Letra 6- MÃE ÁFRICA

Compositores: Sivuca e Paulo César Pinheiro

Intérprete: Clara Nunes

No sertão, mãe que me criou
 Leite seu nunca me serviu
 Preta Bá foi que amamentou
 Filho meu, filho do meu filho

No sertão, mãe preta me ensinou
 Tudo aqui nós que construiu
 Filho meu, tu tem sangue Nagô
 Como tem todo esse Brasil

Lelê ô lelê ô lelê ô lalá
 Lelê ô lelê ô lelê ô lalá
 Lelê ô lelê ô lelê ô lalá
 Lelê ô lelê ô lelê ô lalá

Oiê, dos meus irmãos de Angola África
 Oiê, do tempo do quilombo África
 Oiê, pra Moçambique-Congo África
 Oiê, para a nação bangu África

Pelo bastão de Xangô
 E o caxangá de Oxalá
 Filho Brasil pede a bênção Mãe África
 Pelo bastão de Xangô
 E o caxangá de Oxalá
 Filho Brasil pede a bênção Mãe África

Letra 7- MISTICISMO DA ÁFRICA AO BRASIL

Compositores: João Galvão, Vilmar Costa e Mário Pereira

Intérprete: Clara Nunes

Eu venho de Angola
Sou rei da magia
Minha terra é muito longe
Meu gongá é na Bahia

Agô ô ô ô

Lua alta
Som constante
Ressoam os atabaques
Lembrando a África distante

E o rufar dos tambores
Lá no alto da serra
Personificando o misticismo
Que aqui se encerra

Saravá pai Oxalá
Que o meu samba inspirou
Saravá todo povo de Angola, Agô
Agô ô ô ô

Lá na mata tem mironga
Eu quero ver
Lá na mata tem um coco
E esse coco tem dendê

Das planícies às coxilhas, o misticismo se alastrou
Num torvelinho de magia, que preto velho ditou

E o fetiche e o quebranto
 Ele nos legou

Eu venho de Angola
 Sou rei da magia
 Minha terra é muito longe
 Meu gongá é na Bahia

Tem areia ô ô
 Tem areia
 Tem areia no fundo do mar
 Tem areia

Letra 8-MORENA DE ANGOLA

Compositor: Chico Buarque

Intérprete: Clara Nunes

Morena de Angola que leva o chocalho amarrado na canela
 Será que ela mexe o chocalho ou o chocalho é que mexe com ela
 Morena de Angola que leva o chocalho amarrado na canela
 Será que ela mexe o chocalho ou o chocalho é que mexe com ela

Será que a morena cochila escutando o cochicho do chocalho
 Será que desperta gingando e já sai chocalhando pro trabalho

Morena de Angola que leva o chocalho amarrado na canela
 Será que ela mexe o chocalho ou o chocalho é que mexe com ela
 Será que ela tá na cozinha guisando a galinha à cabidela
 Será que esqueceu da galinha e ficou batucando na panela

Será que no meio da mata, na moita, a morena inda chocalha
 Será que ela não fica afoita pra dançar na chama da batalha

Morena de Angola que leva o chocalho amarrado na canela

Passando pelo regimento ela faz requebrar a sentinela

Morena de Angola que leva o chocalho amarrado na canela

Será que ela mexe o chocalho ou o chocalho é que mexe com ela

Morena de Angola que leva o chocalho amarrado na canela

Será que ela mexe o chocalho ou o chocalho é que mexe com ela

Será que quando vai pra cama a morena se esquece dos chocalhos

Será que namora fazendo bochincho com seus penduricalhos

Morena de Angola que leva o chocalho amarrado na canela

Será que ela mexe o chocalho ou o chocalho é que mexe com ela

Será que ela tá caprichando no peixe que eu trouxe de Benguela

Será que tá no remelexo e abandonou meu peixe na tigela

Será que quando fica choca põe de quarentena o seu chocalho

Será que depois ela bota a canela no nicho do pirralho

Morena de Angola que leva o chocalho amarrado na canela

Eu acho que deixei um cacho do meu coração na Catumbela

Morena de Angola que leva o chocalho amarrado na canela

Morena, bichinha danada, minha camarada do MPLA

Letra 9- O MAR SERENOU

Compositor: Candeia

Intérprete: Clara Nunes

O mar serenou quando ela pisou na areia

Quem samba na beira do mar é sereia

O pescador não tem medo

É segredo se volta ou se fica no fundo do mar

Ao ver a morena bonita sambando
 Se explica que não vai pescar
 Deixa o mar serenar

O mar serenou quando ela pisou na areia
 Quem samba na beira do mar é sereia

A lua brilhava vaidosa
 De si orgulhosa e prosa com que deus lhe deu
 Ao ver a morena sambando
 Foi se acabrunhando então adormeceu o sol apareceu

O mar serenou quando ela pisou na areia
 Quem samba na beira do mar é sereia

Um frio danado que vinha
 Do lado gelado que o povo até se intimidou
 Morena aceitou o desafio Sambou
 E o frio sentiu seu calor e o samba se esquentou

Letra 10-TRIBUTO AOS ORIXÁS

Compositores: Mauro Duarte

Intérprete: Clara Nunes

Agô-iê, Agô-iê, Agô
 Mutumbá , Mutumbá
 Pai maior,oni-babá!

Trazidos por navios negreiros
 Do solo africano para o torrão brasileiro (bis)
 Os negros escravos
 Que entre gemidos e lamentos de dor

Traziam em seus corações sofridos

Seus Orixás de fé
Hoje tão venerados no Brasil
Nos rituais de Umbanda e Candomblé

Neste terreiro em festa
Entre mil adobás
Prestamos nosso tributo
Aos Orixás

Ao rei das matas : Okê bamboclim !
Ao vencedor das demandas : Guarumifá !
À cacaruaia dos Orixás : Saluba !
À grande guerreira da lei : Eparrei !

Nos rios e nas cachoeiras : Yalodê !
Ao dono da pedreira : Kaô,Kaô !
À rainha do mar : Adofiaba mamãe !
E ao curandeiro das pestes : Atotô !

Agô-iê, Agô-iê, Agô
Mutumbá , Mutumbá
Pai maior,oni-babá!